



UNIVERSIDADE DOS AÇORES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E GESTÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM GESTÃO / MBA

**PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS
ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR NA REGIÃO
AUTÓNOMA DOS AÇORES**

Nélia Cavaco Branco

Ponta Delgada, Outubro de 2012



UNIVERSIDADE DOS AÇORES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E GESTÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM GESTÃO / MBA

**PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS
ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR NA REGIÃO
AUTÓNOMA DOS AÇORES**

Nélia Cavaco Branco

Orientador: Prof. Doutor Gualter Couto

Co-Orientador: Prof. Doutor Pedro Pimentel

Ponta Delgada, Outubro de 2012

Resumo

O principal propósito do trabalho de investigação foi o de aferir o nível da propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores, bem como a perceção e a familiaridade que os mesmos têm com a temática do empreendedorismo. Um aspeto fundamental, também, contemplado neste trabalho foi a aferição dos fatores que exercem influência sobre o facto dos estudantes se tornarem ou não empreendedores.

De um modo geral, os resultados obtidos neste estudo permitem concluir que os estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores apresentam um baixo nível de propensão empreendedora, bem como de familiaridade com o empreendedorismo. Tal conclusão vem ao encontro do baixo nível de empreendedorismo já verificado em estudos, anteriormente, realizados para aferir a realidade da atividade empreendedora nesta região. No que toca aos fatores que influenciam a propensão empreendedora dos estudantes o estudo mostra que os fatores género, idade, estatuto de estudante e existência de familiares empresários são aqueles que exercem uma relação positiva sobre a escolha dos estudantes se tornarem empreendedores.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Empreendedor, Propensão Empreendedora.

Abstract

The main purpose of the research work was to measure the level of entrepreneurial propensity of students to higher education in the Autonomous Region of the Azores, as well as the perception and familiarity that they have with the subject of entrepreneurship. A fundamental aspect also included in this work was the measurement of the factors that influence that students become entrepreneurs or not.

In general, the results of this study show that students of higher education in the Autonomous Region of the Azores have a low level of entrepreneurial propensity, as well as familiarity with entrepreneurship. This conclusion is in line with the low level of entrepreneurship already observed in studies previously undertaken to verify the reality of entrepreneurial activity in this region. As regards the factors influencing entrepreneurial propensity of students the present study shows that the factors gender, age, student status and existence of family businesses are those that exert a positive relationship on the choice of students to become entrepreneurs

Keywords: Entrepreneurship, Entrepreneur, Propensity for Entrepreneurship.

Agradecimentos

A concretização deste trabalho de dissertação é o culminar de um percurso de três anos de trabalho, dedicação e de aprendizagem. Tanto no decorrer da parte letiva, como na parte do desenvolvimento da dissertação, tive a oportunidade de contar com o estimável apoio e colaboração de pessoas que deram o seu melhor contributo para o bom resultado final deste projeto. Por isso aqui aproveito para tecer alguns agradecimentos a todos aqueles que tiveram um papel relevante nesta minha caminhada.

Começo por agradecer ao Professor Doutor Gualter Couto e ao Professor Doutor Pedro Pimentel que me orientaram na realização deste trabalho.

Um agradecimento especial ao Fábio Sousa, que com a sua sabedoria e empenho me ajudou com o tratamento estatístico dos dados recolhidos deste trabalho.

Agradeço à minha família pelo apoio e compreensão que me disponibilizou durante este árduo desafio, em especial aos meus pais, que sempre me ensinaram a não desistir dos desafios que se nos colocam no decorrer da nossa vida, por mais difíceis que eles possam parecer.

Às minhas colegas e amigas Inês Cardoso, Maria Vitória Soares, Cristiana Camilo e Catarina Machado, agradeço pelo companheirismo e amizade que me demonstraram.

Ao meu grande amigo e colega, João Crispim, com quem tive o enorme gosto de trabalhar, durante os últimos 4 anos, agradeço pela paciência, compreensão e pela amizade que me demonstrou, o que muitas vezes me ajudou a superar em alturas de maior desânimo com que me deparei.

Índice

Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Agradecimentos.....	iv
1. Introdução.....	1
2. Revisão da Literatura	5
2.1. Definição do Conceito de Empreendedorismo e de Empreendedor.....	5
2.1.1. A Evolução do Termo Empreendedorismo.....	6
2.1.2. Definições de Empreendedor.....	11
2.2. Importância do Empreendedorismo Para o Desempenho Económico.....	15
2.2.1. A Relação Entre o Empreendedorismo e o Crescimento Económico.....	16
2.3. Propensão ao Empreendedorismo.....	22
2.3.1. Características Psicológicas Associadas aos Empreendedores.....	24
2.3.2. A Influência do Contexto.....	25
2.3.2.1. Características Sociodemográficas.....	27
2.3.2.2. Características Ambientais.....	28
2.3.2.3. Características de Formação.....	29
2.3.2.3.1. Ensino e Formação Para o Empreendedorismo.....	31
2.4. Propensão ao Empreendedorismo dos Estudantes Universitários.....	41
2.5. Condições de Desenvolvimento do Empreendedorismo - Perspetiva Nacional e Regional.....	59
3. Metodologia	66
3.1. Metodologia e Recolha de Dados.....	66

3.2.	Caracterização da Amostra.....	71
4.	Análise dos Resultados.....	76
4.1.	Percepção dos Estudantes Acerca do Empreendedorismo e do Empreendedor.....	76
4.2.	Familiaridade dos estudantes com o empreendedorismo.....	85
4.3.	Fatores influenciadores da decisão dos estudantes se tornarem empreendedores ou trabalhadores por conta de outrem.....	91
4.4.	Como Pode a Universidade Fomentar o Interesse dos Estudantes Pelo Empreendedorismo.....	103
4.5.	Determinantes da Propensão Empreendedora dos Estudantes.....	107
4.5.1.	Análise Geral ao Modelo.....	111
4.5.2.	Análise de Significância das Variáveis.....	117
4.5.3.	Análise dos Resultados da Regressão.....	118
5.	Conclusões Finais.....	124
6.	Referência Bibliográficas.....	129
7.	Anexos.....	140

Índice de Tabelas

Tabela 1. Determinantes da Propensão ao Empreendedorismo dos Estudantes Finalistas da Universidade do Porto.....	54
Tabela 2. Determinantes da Propensão/ Intensão Empreendedora dos Estudantes de Ensino Superior Portugueses.....	55
Tabela 3. Informação Sobre a Significância Estatística do Modelo.....	111
Tabela 4. Informação Sobre os Pseudo R-Quadrado.....	112
Tabela 5. Tabela de Valores de Classificação.....	114
Tabela 6. Percentagem Marginal das Categorias da Variável Dependente.....	116
Tabela 7. Testes ao Rácio de Verossimilhança.....	117
Tabela 8. Tabela Cruzada entre as Idades e os Anos de Frequência.....	121

Índice de Figuras

Figura 1. Evolução da Definição do Termo Empreendedorismo/Empreendedor.....	7
Figura 2. Três Tipos de Empreendedores.....	13
Figura 3. Atividade Empreendedora em Estado Inicial e Níveis do PIB <i>per capita</i>	18
Figura 4. Variáveis Intermédias e Ligações que Explicam a Influência do Empreendedorismo no Crescimento Económico.....	19
Figura 5. Contributo do Desenvolvimento Tecnológico e do Aumento da Riqueza Para o Desenvolvimento do Empreendedorismo.....	20
Figura 6. Total da Taxa de Atividade Empreendedora em Estado Inicial (TEA) 2011, por Fases de Desenvolvimento Económico, com Intervalos de 95% de Confiança.....	21
Figura 7. Relação Entre o Empreendedor, o seu Comportamento e o Meio Envolve para a Obtenção de Resultados.....	26
Figura 8. Determinantes da Propensão Para o Empreendedorismo.....	30
Figura 9. Modelo Conceptual Depurado dos Fatores que Influenciam a Propensão à Criação de Empresas.....	32
Figura 10. Empreendedorismo Como um Processo de Aprendizagem.....	34
Figura 11. Diferenças Entre o Ensino Tradicional e o Ensino Moderno.....	36
Figura 12. Relação Treino e Envolvimento dos Empreendedores.....	39

Figura 13. Condições, Vantagens e Insuficiências dos Recém-licenciados/pós-graduados no Lançamento de Iniciativas de Empreendedorismo Tecnológico.....	47
Figura 14. Resultados do Estudo à Intenção de Criação de Empresas.....	48
Figura 15. Género dos Empreendedores.....	49
Figura 16. Habilitações Literárias dos Empreendedores.....	50
Figura 17. Habilitações Literárias dos Empreendedores, por Escalão Etário.....	51
Figura 18. Situação Profissional Anterior dos Empreendedores.....	52
Figura 19. Análise das Condições Estruturais para o Desenvolvimento do Empreendedorismo, a Nível Nacional e Regional.....	62
Figura 20. Descrição das Variáveis Dependentes e Independentes.....	69
Figura 21. Distribuição dos Inquiridos por Idade (%).....	72
Figura 22. Distribuição dos Inquiridos por Género (%).....	72
Figura 23. Distribuição dos Inquiridos por Instituição de Ensino Superior (%).....	73
Figura 24. Distribuição dos Inquiridos por Grau de Estudos (%).....	74
Figura 25. Distribuição dos Inquiridos por Área Científica (%).....	74
Figura 26. Nível de Concordância dos Estudantes com Aspectos que Caracterizam o Empreendedorismo (%).....	77

Figura 27. Nível de Concordância dos Estudantes com Aspectos que Caracterizam o Empreendedor (%).	78
Figura 28. Empresários/ Gestores Reconhecidos como Empreendedores de Sucesso na Região Autónoma dos Açores, (%).	82
Figura 29. Autoavaliação dos Estudantes às suas Competências Empreendedoras, Nível de Concordância (%).	83
Figura 30. Estimativa dos Estudantes para o Volume de Capital Necessário para Abrir um Negócio (%).	85
Figura 31. Fontes de Familiaridade dos Estudantes com Aspectos Relacionados com o Empreendedorismo, Nível de concordância (%).	86
Figura 32. Interesse dos Estudantes pelo Empreendedorismo, Durante o Percurso Académico, Nível de Interesse (%).	88
Figura 33. Propensão Empreendedora dos Estudantes de Ensino Superior na Região Autónoma dos Açores (%).	90
Figura 34. Razões Para os Estudantes Preferirem Ser Trabalhadores por Conta de Outrem a Serem Trabalhadores por Conta Própria, Nível de Concordância (%).	92
Figura 35. Razões Para os Estudantes Preferirem Ser Trabalhadores por Conta de Outrem a Serem Trabalhadores por Conta Própria, Nível de Concordância (%).	95
Figura 36. Factores que Suscitam Receio aos Estudantes na Abertura de uma Empresa, Nível de Receio (%).	99

Figura 37. Factores Considerados pelos Estudantes como Dificuldades na Abertura de uma Empresa, Nível de Concordância (%).....	100
Figura 38. Aspectos Considerados pelos Estudantes como fatores de sucesso de uma Empresa, Nível de Concordância (%).....	102
Figura 39. Ações que a Serem Desenvolvidas pela Universidade para Promover o Emprendedorismo Junto dos Estudantes, Nível de Concordância (%).....	105
Figura 40. Fatores que Poderão Influenciar a Propensão ao Empreendedorismo dos Estudantes do Ensino Superior.....	110

Índice de Anexos

Anexo 1. Taxa de Atividade Empreendedora <i>Early-Stage</i> (TEA).....	141
Anexo 2. Resultados do Modelo <i>Logit</i> Multinomial.....	142
Anexo 3. Inquérito à Propensão Empreendedora dos Estudantes de Ensino Superior da Região Autónoma dos Açores.....	143

1. Introdução

A temática do empreendedorismo tem sido, nos últimos tempos, alvo de um variado número de estudos académicos. Tal facto vem acompanhar a crescente importância que o fenómeno do empreendedorismo tem assumido, como fator potenciador de desenvolvimento económico e social dos países e regiões. De acordo com esta perspetiva, o papel dos empreendedores na sociedade atual tem vindo, também, a ser muito valorizado, sendo os mesmos entendidos como agentes de mudança e de desenvolvimento dos contextos sociais onde se encontram inseridos.

Estudos efetuados, como é o caso do Global Entrepreneurship Monitor, têm demonstrado que associado ao empreendedorismo estão algumas vantagens para as sociedades, como a criação de novas empresas, a criação de novos postos de trabalho, a promoção da competitividade e o desenvolvimento de negócios inovadores.

No atual cenário de crise económica que se vive, de forma generalizada, nos países Europeus e, em particular em Portugal, o futuro do desenvolvimento da economia passa, em grande parte, pelo aumento da atividade empreendedora, o que permitirá construir uma economia mais competitiva e, simultaneamente fazer decrescer as altas taxas de desemprego que se tem verificado mais recentemente.

Contudo, não se pode exigir à população de uma sociedade que se torne, automaticamente, altamente empreendedora, sem criar condições para promover o espírito empreendedor e sem políticas e programas que apoiem um crescimento sustentável da atividade empreendedora.

Tem-se assistido, a nível internacional, nacional e mesmo regional, a uma crescente preocupação pela criação de programas e atividades que promovam o espírito e a

propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior, de modo a que, no final do seu percurso académico, estes sejam capazes de criar as suas empresas, permitindo que os mesmos criem os seus próprios postos de trabalho e empresas produtoras de bens e serviços inovadores e com forte valor acrescentado para a sociedade.

Em Portugal, assiste-se cada vez mais a esta preocupação por parte das entidades de ensino superior, em implementar ações e programas que promovam junto dos estudantes o espírito empreendedor e mecanismos para dotar os estudantes de capacidades e competências empreendedoras. Para aferir os resultados destas iniciativas e medir a sua adequabilidade, têm sido desenvolvidos alguns estudos, nomeadamente, (Camilo (2005); Rosário (2007); Teixeira (2009), que têm como principal intuito verificar o nível de propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior a nível nacional.

Apesar de se ter vindo a desenvolver alguns estudos para abordar a temática da propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior em Portugal, desconhece-se a existência de algum estudo efetuado que avalie a realidade da propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores. Assim sendo, o presente trabalho de investigação pretende colmatar esta lacuna e analisar esta realidade, de modo a aferir qual o comportamento dos estudantes de ensino superior açorianos face ao empreendedorismo.

O principal propósito do presente trabalho de investigação é o de aferir o nível da propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores. Pretende-se, também, aferir qual a percepção dos estudantes acerca do empreendedorismo e do papel do empreendedor, perceber o grau de familiaridade dos estudantes com o fenómeno do empreendedorismo e quais factores influenciadores da

decisão dos estudantes a tornarem-se empreendedores, bem como entender como pode a universidade fomentar o interesse dos estudantes pelo empreendedorismo. Por último, este trabalho visa apurar qual o empreendedor regional de referência para os estudantes que são alvo desta investigação.

A partir dos resultados deste trabalho pretende-se identificar quais os factores que funcionam como obstáculos ou como potenciadores do desenvolvimento da prática empreendedora, junto dos estudantes de ensino superior, nos Açores. De acordo com esta análise será possível delinear um conjunto de indicadores que possam servir de directrizes para as entidades de ensino superior da região, bem como para as entidades governamentais, no sentido destas poderem construir acções e políticas equilibradas de promoção e de apoio à actividade empreendedora, junto do público aqui considerado.

Para a elaboração deste trabalho de investigação, procedeu-se à realização de um questionário, que foi aplicado junto de alunos de licenciatura e mestrado dos vários pólos da Universidade dos Açores e da Escolas Superiores de Enfermagem de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, durante o primeiro semestre do ano lectivo 2010/2011, de forma a obter a informação necessária ao desenvolvimento do estudo.

Para cumprir os propósitos desejados construiu-se o presente trabalho que se encontra composto por cinco pontos fundamentais que, para além da presente introdução, se apresentam de seguida:

- 2. Revisão da literatura** – contempla a exposição do estado da arte das temáticas do empreendedorismo e do empreendedor, da importância do fenómeno do empreendedorismo para o desenvolvimento e desempenho económico das regiões, da temática da propensão ao empreendedorismo e os factores que o determinam de um modo geral e, em particular, junto de

estudantes universitários. Efetua-se, ainda, uma breve análise às condições de desenvolvimento do empreendedorismo em Portugal e, com especial enfoque na Região Autónoma dos Açores.

3. **Metodologia** - contém a explicação da metodologia e o modelo utilizado para apurar os resultados do estudo.
4. **Análise dos resultados** – abarca uma análise detalhada aos principais resultados obtidos através da análise estatística das informações recolhidas no estudo, bem aos resultados obtidos pela aplicação do modelo adoptado na investigação, para apurar a propensão empreendedora dos estudantes e os factores que mais a influenciam.
5. **Considerações finais** - contempla as principais conclusões retiradas do estudo desenvolvido e refere, também, algumas limitações do mesmo, bem como algumas sugestões para futuros trabalhos de investigação.

2. Revisão da Literatura

O presente capítulo tem como principal propósito efectuar um enquadramento teórico acerca da problemática do empreendedorismo. Para tal, é aqui efectuada uma abordagem à evolução da definição do conceito de empreendedorismo e, por inerência, também da definição de empreendedor.

Para além de se efectuar uma relação da perspectiva de vários autores, em relação a esta temática, demonstra-se igualmente relevante perceber as perspectivas de alguns estudiosos acerca da importância do empreendedorismo para a promoção da inovação e para o desempenho económico das regiões.

Considerando o estado da arte do estudo da propensão ao empreendedorismo pretende-se extrapolar, a partir dos trabalhos de diversos autores, quais os factores que mais contribuem para influenciar a disposição de um indivíduo para se tornar empreendedor e, conseqüentemente, impulsionar a actividade empreendedora.

Tendo em conta que o presente estudo se debruça sobre a da temática da propensão empreendedora, junto de estudantes do ensino superior, torna-se imprescindível aqui delinear um enquadramento acerca do panorama da propensão ao empreendedorismo, por parte dos estudantes de ensino superior a nível nacional e internacional. Deste modo, poderá aferir-se quais os factores que mais contribuem para a propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior.

2.1. Definição do Conceito de Empreendedorismo e de Empreendedor

Ao abordar o fenómeno do empreendedorismo, é possível verificar que existe um variado conjunto de publicações e trabalhos de investigação acerca desta temática. No

entanto, não obstante desta diversidade o investigador também se depara com a árdua tarefa de destrinçar e perceber a divergência de visões que existem acerca do empreendedorismo e, conseqüentemente, do conceito de empreendedor. Segundo a perspectiva de alguns autores, esta situação faz com que a maior dificuldade do estudo do empreendedorismo seja a de delinear as suas próprias fronteiras (Favareto, 2005 e Rosário, 2007).

Neste ponto apresenta-se uma breve análise da evolução do termo empreendedorismo, de modo a perceber o sentido das definições e conotações que lhes são actualmente atribuídas.

2.1.1. A Evolução do Termo Empreendedorismo

Ao traçar uma perspectiva histórica do conceito de empreendedorismo podemos constatar que várias são as abordagens que lhe estão associadas. De acordo com Sarkar (2007), Cantillon, em 1730, terá sido o primeiro responsável pelo surgimento do conceito de empreendedorismo, de acordo com a conotação que o conceito representa actualmente.

Não obstante a este importante contributo para a construção do conceito de empreendedorismo, muitos outros contributos foram sendo desenvolvidos, ao longo de vários anos, como é possível verificar na elencagem de definições e contributos conforme se apresenta na Figura 1.

O empreendedorismo foi também entendido como sendo um processo gerador de riqueza, resultado da assunção de riscos inerentes às obrigações das carreiras dos indivíduos, do dispêndio de tempo ou do valor acrescentado a alguns produtos ou serviços que são criados (Ronstad, 1984).

Figura 1. Evolução da Definição do Termo Empreendedorismo/Empreendedor.

Autor	Definição
Richard Cantillon (1730)	O empreendedor é uma pessoa empregada por conta própria de qualquer tipo. Empreendedores compram a um preço certo no presente e vendem a um preço incerto no futuro. Um empreendedor é uma pessoa que suporta a incerteza .
Adam Smith (1776)	Empreendedores são agentes económicos que transformam a procura em oferta, com ganho de margens de lucro.
Jean Batiste Say (1816)	O empreendedor é o agente que une todos os meios de produção e encontra, nos valores do produto, o reembolso total do capital empregue, o valor dos ordenados, o juro, as rendas, bem como os outros lucros que lhe pertencem.
Alfred Marshall (1879)	O empreendedor é alguém que se aventura e assume riscos , que reúne capital e o trabalho requerido para o negócio e supervisiona os seus mínimos detalhes, caracterizando-se pela convivência com o risco, a inovação e a gestão do negócio .
Frank Knight (1921)	Os empreendedores tentam prever e agir em mercados em constante mudança. Knight enfatiza a responsabilidade do empreendedor para suportar a incerteza da dinâmica dos mercados. Aos empreendedores é exigido que executem tarefas fundamentais de gestão, como a direção e o controlo.
Joseph Schumpeter (1934)	O empreendedor é o inovador que implementa a mudança nos mercados através da criação de novas combinações. Estas novas combinações podem assumir várias formas: <ol style="list-style-type: none"> 1. A introdução de um novo produto ou incremento na sua qualidade; 2. A introdução de um novo método de produção; 3. A abertura de um novo mercado; 4. A conquista de uma nova fonte de prestação de serviços ou produtos; 5. A criação de uma nova organização industrial. Schumpeter comparou o empreendedorismo com o conceito de inovação aplicado a um contexto empresarial. Como tal, o empreendedor afasta o mercado do seu equilíbrio. A definição de Schumpeter também enfatizou a combinação de recursos. Este autor não considera os gestores de negócio já estabelecidos como empreendedores.
Penrose (1963)	Actividade empreendedora envolve identificação de oportunidades dentro do sistema económico. O autor faz a distinção entre capacidade de gestão e capacidade empreendedora.
Harvey Leibenstein (1968)	O empreendedor preenche as deficiências de mercado introduzindo actividades complementares. Empreendedorismo envolve actividades necessárias para criar ou manter uma empresa onde os mercados não estão claramente definidos e no qual não se conhece completamente partes pertinentes da função de produção.
Israel Kirzner (1979)	O empreendedor reconhece e age nas oportunidades de mercado. O Empreendedor é essencialmente um árbitro. Em contraste com o ponto de vista de Schumpeter, o empreendedor orienta o mercado para o equilíbrio.
Rothwell and Zegveld (1982)	Empreendedorismo organizacional está relacionado com a criação de um novo negócio dentro das grandes corporações. Um fenómeno que aumenta em importância junto das grandes concentrações industriais e, particularmente, nas indústrias de investigação intensivas.
Peter Drucker (1985)	Empreendedorismo de criação. Criado de uma nova organização, substituindo a atitude de subsistência para adoptar uma atitude pró activa e autónoma de obter lucros. Empreender diz respeito a todas as actividades dos seres humanos. Os empreendedores inovam . A inovação é o instrumento específico do espírito empreendedor. É o acto que contempla os recursos com a nova capacidade de criar riqueza. A inovação, de facto, cria valor. Não existe algo de designado de “recurso” até que o homem encontre um uso para alguma coisa na natureza e, assim, o dote de valor económico .
Gartner (1988, 1990)	A criação de organizações distingue o empreendedorismo de outras disciplinas. Empreendedorismo é a criação de organizações. Empreendedorismo termina quando o estágio de criação da organização acaba. A essência do empreendedorismo reside no empreendedor, na inovação, na inovação organizativa, na criação de valor, no lucro, no crescimento, na singularidade e no dono-gestor.
Stewart (1991)	O empreendedorismo pode ser definido como o processo de criação de riqueza através de inovação.
Andersson (2000)	As qualidades do empreendedor são: capacidade de ver novas combinações; vontade de agir e desenvolver estas combinações; a visão de que interessa mais perspectiva pessoal de que os cálculos racionais; a capacidade de convencer os outros .
Diochon (2003)	Empreendedorismo é um conceito multifacetado e que evoluiu para incluir: o empregado por conta própria, pequeno negócio, criação de novos empreendimentos a partir do nada, novos empreendimentos dentro de organizações, gestão empreendedora (auto-conhecimento e capacidade de liderança), empreendedorismo social (não lucrativo), entre outros.
Bygrave (2004)	Um empreendedor é um indivíduo que vê numa oportunidade a possibilidade de criar um negócio . Esse processo empreendedor envolve actividades e as acções associadas às percepções da oportunidade e criação do negócio.
Beugelsdijk (2005)	O empreendedor distingue-se da restante população pela sua característica individualista .”

Fonte: Rosário (2007)

Timmons, Smollen e Dingee (1985), citados por Chwee-Huat (1987), defendem que o indivíduo, o meio envolvente e a oportunidade são os elementos fundamentais que compõem o empreendedorismo.

De acordo com Bygrave e Hofer (1991) e Bygrave (1993), todas as atividades relacionadas com a detecção de oportunidades e criação de empreendimentos capazes de concretizar estas oportunidades compõem o empreendedorismo. Este processo assume-se como dinâmico, abarcando variáveis antecedentes, que compreende a descontinuidade e que tem início num ato de vontade humana.

O empreendedorismo depende, ainda, da relação entre a existência de oportunidades entendidas como lucrativas e a presença de indivíduos empreendedores. Consiste na avaliação de fontes de oportunidades e na relação dos indivíduos com o processo da descoberta, apreciação e exploração (Venkataraman, 1997).

De acordo com Virtanen (1997) este fenómeno apresenta-se como um processo dinâmico, cujo principal objetivo é o de criar valor no mercado, pela exploração de inovações económicas, sendo o empreendedor alguém que contribui para o alavancar do seu negócio criando valor e explorando processos inovadores.

Barreto (1998) entende o fenómeno do empreendedorismo como a habilidade de criar e construir algo a partir de pouco. Segundo este autor, empreender relaciona-se por um lado com a criatividade e por outro, com a detecção e aplicação de competências de forma produtiva.

Este fenómeno depende também da vontade e aptidão dos indivíduos de forma singular ou em conjunto, dentro ou fora das organizações existentes, detectarem e

explorarem novas oportunidades económicas, desenvolvendo as suas ideias e difundindo-as no mercado (Wennekers e Thurik, 1999).

Segundo Hirish (2000), o empreendedorismo assume-se como um fenómeno económico que é composto por indivíduos, empresas e envolvente, dependendo o sucesso da conjugação destes três elementos. O elemento empresa congrega a orientação estratégica, a atitude competitiva, o nível de tecnologia disponível e o recurso a redes de informação. Por seu turno, a envolvente é capaz de exercer influência em aspectos como a turbulência, a complexidade, a adversidade e a liberalidade.

Ainda de acordo com este autor, o sucesso de um empreendimento pode ser avaliado tendo em conta os resultados alcançados pelo crescimento das vendas, nas tendências de emprego e na satisfação gerada. A satisfação pode assumir duas formas, a forma de sucesso económico e a forma de satisfação do próprio empreendedor.

Mais recentemente, a ideia defendida por vários economistas é a de que o empreendedorismo desempenha um papel fulcral na criação de novos empregos, na divulgação de novas tecnologias e na competitividade internacional. Servindo, assim, o empreendedorismo para estabelecer uma união entre sistemas tecnológicos, bem como para a exploração de oportunidades existentes no mercado. (Grebel, Pyka e Hanush, 2003)

Outros autores afirmam que, actualmente, o empreendedorismo é uma forma importante de inserção do indivíduo no ambiente socioeconómico (Carland e Carland, 1988), bem como um processo de criar algo de novo e de assumir riscos e recompensas (Hisrich, Peters e Shepard, 2005).

Contributo, também, relevante é o de Andretsch e Keilbach (2004), que defendem que a definição de empreendedorismo implica ter em conta dois critérios, sendo que o

primeiro se traduz no estado do conhecimento e na capacidade dos indivíduos reconhecerem as oportunidades económicas existentes, e o segundo traduz-se no comportamento económico e na criação da nova empresa, e na maneira de agregar valor económico ao conhecimento.

É possível encontrar, ainda, uma definição mais sucinta do conceito de empreendedorismo, como sendo “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou nova iniciativa, tal como emprego próprio, uma nova organização empresarial ou a expansão de um negócio existente, por parte de um indivíduo, de uma equipa de indivíduos, ou de negócios estabelecidos”. Esta é a definição avançada pelo estudo Global Entrepreneurship Monitor (GEM Açores, 2010).

Após a exposição de várias definições do conceito de empreendedorismo é possível delinear alguns aspectos fundamentais deste conceito, sendo eles os seguintes:

1. A deteção e exploração de oportunidades existentes no mercado;
2. O conceito de risco associado à exploração de oportunidades existentes no mercado;
3. A importância da influência exercida pelos elementos do contexto envolvente tanto ao nível social como económico;
4. O conceito de inovação que lhe está associado e o conseqüente contributo para o desenvolvimento e progresso económico;
5. O conhecimento e capacidades dos indivíduos como factor chave para o desenvolvimento deste processo.

2.1.2. Definições de Empreendedor

Demonstra-se também relevante efectuar a uma breve abordagem ao conceito de empreendedor que, apesar de estar implícito nas várias definições de empreendedorismo, anteriormente avançadas, não foi tratado de forma manifesta.

No entender de autores como Ageev *et al* (1995) e Shulus (1996), citados por Kalantaridis (2004), o empreendedor é visto como alguém economicamente relevante. É entendido como um indivíduo responsável pela criação de um número relativo de postos de trabalho e pela criação de uma elite de negócios. A esta visão, Kalantaridis (2004) acrescenta a sua perspectiva do empreendedor, como sendo o agente económico que reúne factores de produção, que contratualiza e estabelece relações com outros empreendedores e com outros agentes económicos, tendo a capacidade de criar uma rede de produção e distribuição de bens e produtos.

O empreendedor é também entendido como alguém que é capaz de reconhecer e desenvolver uma oportunidade para começar um negócio, onde outros indivíduos nunca a reconhecerão. Para além disso, é alguém que consegue avançar e efectivamente concretizar o seu negócio. Esta é definição de empreendedor avançada por Mariotti e Glackin (2010).

Murray (1938) e Timons (1994) definem o empreendedor com base na sua mente. Designam o empreendedor como sendo um indivíduo perseverante, com forte sentido de responsabilidade, que trabalha para se destacar e alcançar os objectivos, procurando aproveitar as oportunidades existentes, para se poder ir aperfeiçoando. Apresenta-se como sendo um optimista que procura tirar ilações positivas das situações com que se depara, que tenta aprender com os erros e que privilegia a eficácia, acreditando sempre

que as suas acções podem contribuir para o alcance do sucesso do seu empreendimento e da sua vida pessoal (Virtanen, 1997).

De acordo com Luczkiw (1997), o empreendedor é um elemento potenciador de mudança no meio envolvente, que detém capacidades para criar e desenvolver o que não foi ainda criado, colmatando as necessidades da sociedade, através da utilização de modelos por si desenvolvidos.

De acordo com Casson (1990) e Pickle e Abrahamson (1990), citados por Virtanen (1997), pode-se afirmar que os indivíduos empreendedores gerem negócios assumindo riscos, com o intuito de obter lucro. Quanto à capacidade de assumir riscos, Knight, citado por Casson (1990), distingue aquilo que se entende por risco calculado de incerteza referindo, também, que os empreendedores são indivíduos que não se importam de incorrer em riscos calculados, mesmo que sozinhos, porque sabem que os lucros que irão obter serão compensatórios dos custos psicológicos que implica a assumpção do risco.

Na opinião de Praag (1999), os empreendedores são, ainda, quem promove a sustentabilidade do desenvolvimento económico, pela introdução e implementação de novas ideias, que incluem a inovação de produtos, processos, métodos e inovação das organizações.

Uma questão pertinente acerca do empreendedor é colocada por Casson (1990). Este autor questiona se um gestor contratado poderá ser considerado um empreendedor, uma vez que também lhe são delegadas algumas tarefas de responsabilidade e decisões estratégicas para as empresas onde desempenham funções. Tal questão remete-nos para a perspectiva de Gartner (1989) que defende a existência de diferentes tipos de

empreendedorismo, em função de existência de diferentes empreendedores que apresentam diferentes características e traços de personalidade.

Esta perspectiva vem ao encontro da ideia defendida por Wennekers e Thurik (1999), que se baseia na dupla do antagonismo do autoemprego *versus* emprego e empreendedorismo *versus* gestão, para poder distinguir três tipologias possíveis de empreendedores. A Figura 2 seguinte, esquematiza o processo de raciocínio destes autores.

Figura 2. Três Tipos de Empreendedores.

	Auto emprego	Emprego
Empreendedorismo	(1) Empreendedor Schumpeteriano	(2) Gestores empreendedores
Gestão	(3) Gestor dono de negócio	Gestor executivo

Fonte: Wennekers e Thurik, (1999)

Da lógica de pensamento dos autores mencionados podemos, então, definir os três tipos de empreendedores, para os quais, de seguida, se formula uma interpretação individualizada:

- 1. Empreendedor shumpeteriano:** são os indivíduos que, geralmente se encontram em empresas de pequena dimensão e que detêm e gerem pequenos negócios inovadores, destruindo de forma criativa as estruturas existentes no mercado. Tendencialmente, após terem alcançado os objectivos pretendidos, estes indivíduos tendem a criar novos negócios ou novas empresas.
- 2. Gestores empreendedores:** estes indivíduos são entendidos como verdadeiros empreendedores, uma vez que nas suas tarefas estão implícitas a assunção de

iniciativas comerciais, o risco associado ao tempo dispendido à sua reputação e ao seu trabalho. Contribuem para transformar negócios empreendedores em grandes empresas. Pode-se dizer que este tipo de empreendedor pode ser entendido como um potencial empreendedor schumpeteriano, uma vez que no seu percurso pessoal, muitas vezes tendem a criar as suas próprias empresas.

- 3. Gestores donos de negócios:** este tipo de empreendedor caracteriza-se por se encontrar na maioria das pequenas empresas, ocupando apenas a função de ser responsável pelo estabelecimento e por outras pessoas que ocupam cargos profissionais na empresa que é por ele detida. Apesar de desempenharem funções úteis nas organizações como a coordenação da produção e da distribuição, não podem ser entendidos como motores de inovação e destruição criativa, tal como os empreendedores schumpeterianos.

Em síntese podemos utilizar a definição avançada por Carland *et al.* (1984), onde o empreendedor é entendido como sendo um indivíduo que cria e gere um negócio, através da aplicação de estratégias de gestão que visem o alcance do lucro e do crescimento da empresa. Este é um indivíduo que se caracteriza por um comportamento inovador, diferenciando-se do dono de um pequeno negócio que se apresenta como um indivíduo que gere o seu negócio, tendo os seus objectivos pessoais como propósito principal da empresa.

De acordo com as diversas abordagens expostas é possível traçar uma caracterização sumária do conceito de empreendedor. Assim o empreendedor pode ser entendido como:

1. Um indivíduo que com sentido de responsabilidade, que é otimista e que privilegia a eficácia para alcançar o sucesso, não se importando de, para tal, correr riscos calculados;
2. Alguém com capacidade de reconhecer e desenvolver uma oportunidade e de a transformar num negócio, criando e desenvolvendo novos produtos e serviços que ainda não foram explorados por outros indivíduos;
3. Um agente económico com capacidade de reunir fatores de produção e estabelecer relações com outros agentes económicos, potenciando o seu negócio e promovendo a sustentabilidade do desenvolvimento económico.
4. Um elemento potenciador de mudança no seu meio envolvente, uma vez que se apresenta como alguém economicamente relevante e com capacidade de criação de empregos.

2.2. Importância do Empreendedorismo Para o Desempenho Económico

Ao longo deste capítulo, dedicado à revisão da literatura alusiva à temática do empreendedorismo foi elaborado um enquadramento teórico acerca da definição do conceito de empreendedorismo e do indivíduo empreendedor. No entanto, não basta saber definir estes conceitos, mas também perceber qual o impacto que os mesmo têm no desenvolvimento das sociedades.

Deste modo, este ponto do presente capítulo pretende abordar as perspetivas de vários autores acerca do impacto da actividade empreendedora para o desenvolvimento económico das regiões.

2.2.1. A Relação Entre o Empreendedorismo e o Crescimento Económico

Os empreendedores são frequentemente entendidos como responsáveis pelo desenvolvimento económico dos contextos onde se inserem, quer pela implementação de ideias inovadoras, quer pela introdução de produtos e processos inovadores, exploração de novos mercados e adopção de inovações organizacionais. Desta acção dos empreendedores emerge a satisfação das necessidades de novos consumidores que, por consequência, leva à criação de novas empresas. Por sua vez as novas empresas criadas geram crescimento económico que acarreta uma maior oferta de empregos para a população, estimulando desta forma o mercado de trabalho e o mercado de produtos (Van Praag, 1999).

De acordo com Caree e Thurik (2002), é possível verificar que são várias as consequências do empreendedorismo face ao fenómeno do desempenho económico. No entanto, os estudos acerca desta temática cingem-se, na maioria dos casos, a abordar o impacto do empreendedorismo ao nível das organizações e das regiões.

Na sua grande maioria os estudos existentes acerca desta temática apresentam um cariz teórico, sendo escassos aqueles que apresentam resultados do ponto de vista empírico. Tal facto leva a que se crie a dificuldade em encontrar formas eficazes de medir e quantificar o impacto do empreendedorismo face à realidade do desenvolvimento económico (Salgado-Banda, 2005).

Em relação à ligação existente entre o empreendedorismo e o crescimento económico, podemos verificar, a partir de um estudo realizado nos Estados Unidos da América, por Reynolds e Maki (1990), que face à existência de elevadas taxas de criação de empresas se verifica um conseqüente aumento do crescimento económico.

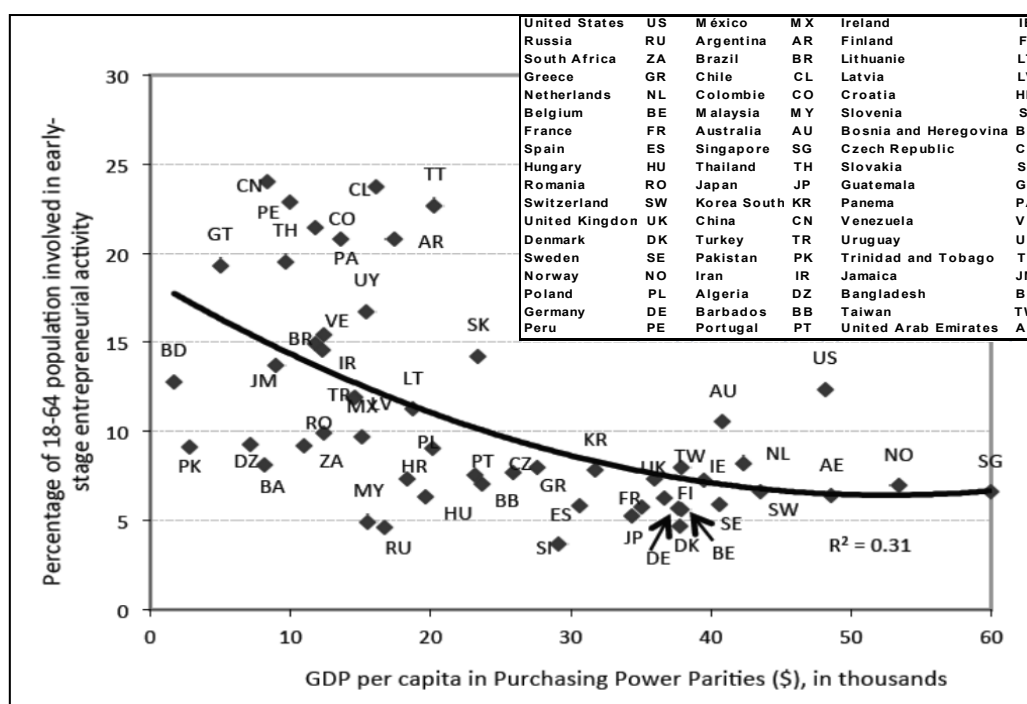
A conclusão semelhante chegam autores como Arzeni e Pellegrin (1997) e Tang e Koveos (2004), que verificam, nos seus estudos, que existe uma relação estatística relevante entre o fenómeno da criação de novas empresas e o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

Associado a esta situação apresentam-se os resultados de outros estudos efectuados, que revelam que a criação de novas empresas impulsiona entre um quarto e um terço do crescimento dos países industrializados (Carter *et al.*, 2003).

Visão contrária é a de autores como Audretsch e Fritsch (2002) e Van Stel *et al* (2005). À luz da visão destes autores verifica-se que não existe uma relação directa e clara entre empreendedorismo e crescimento económico, pois esta relação não é semelhante em todos os países e varia de acordo com o rendimento *per capita* do país em causa.

No entender de Wennekers *et al* (2005), a relação entre o empreendedorismo e o desenvolvimento económico desenvolve-se nos contornos seguintes: em países que se apresentam como em vias de desenvolvimento, com níveis de PIB *per capita* mais baixos, os níveis de empreendedorismo assumem-se, manifestamente, como sendo mais elevados, com a existência de actividades empreendedoras mais relacionadas com o sector agrícola. Por sua vez países com PIB *per capita* mais elevados tendem a apresentar níveis de empreendedorismo mais reduzido, verificando uma actividade empreendedora mais direccionada para o sector organizacional.

A visão apresentada por este autor vem ao encontro da situação verificada nos países participantes do estudo Global Entrepreneurship Monitor para o ano de 2011. Pois, como é possível verificar na Figura 3, a tendência verificada por este autor comprova-se na realidade atual.

Figura 3. Atividade Empreendedora em Estado Inicial e Níveis do PIB *per capita*.

Fonte: Global Entrepreneurship Monitor 2011 – Global Report

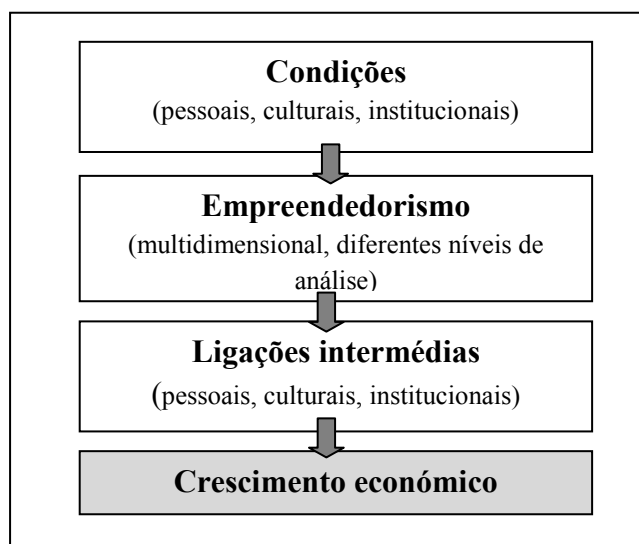
Na Figura 3 é bastante clara a ideia defendida, anteriormente, por Wennekers e Thurik (1999). Estes autores defendem que não existe uma ligação directa entre o empreendedorismo e o crescimento económico, pelo facto de existir um número considerável de variáveis intermédias que permitem explicar o modo como o empreendedorismo pode influenciar o desenvolvimento económico. As variáveis que podem ser consideradas são as seguintes: a inovação, a competição, os esforços e a energia dos empreendedores (Figura 4).

Também Caree e Turik (2002) avançam cinco elementos passíveis de influenciar o efeito do empreendedorismo no crescimento económico, sendo eles os seguintes:

1. A turbulência referente ao fluxo de saídas e entradas de indústrias numa determinada região;

2. A variação da dimensão e distribuição das empresas em cada região e o seu respetivo desenvolvimento económico;
3. O efeito do número de indústrias existentes no mercado;
4. Os resultados induzidos na economia por um número maior ou menor de empreendedores existentes;
5. A relação existente entre a criação do próprio emprego e o progresso económico.

Figura 4. Variáveis Intermediárias e Ligações que Explicam a Influência do Empreendedorismo no Crescimento Económico.

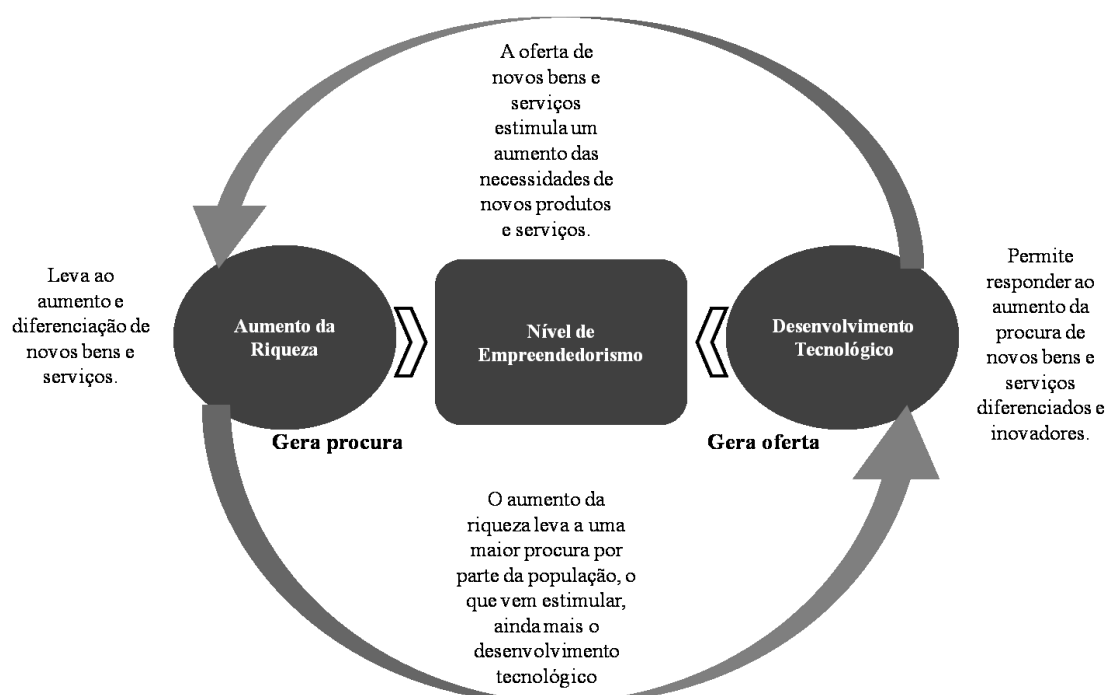


Fonte: Wennekers e Turik (1999)

Na perspetiva de Verheul *et al* (2001), os fatores de desenvolvimento tecnológico e aumento da riqueza influenciam de forma conjunta os níveis de empreendedorismo de uma região ou país. Da interacção entre estes dois factores verifica-se que, enquanto o crescimento da riqueza permite verificar um aumento e diferenciação da procura por novos bens e serviços, o desenvolvimento tecnológico garante uma resposta plena a essa procura. É dos efeitos da oferta e da procura por estes novos bens e serviços que resulta um aumento do empreendedorismo e consequente aumento da riqueza, constituindo-se,

assim, um estímulo à criação de novos negócios que possam preencher os nichos de mercado que vão surgindo. Na figura 5 é possível verificar, de forma sistematizada, de que forma se desenvolve este processo, que se apresenta de forma cíclica, com base na criação de riqueza e consequente aumento do nível de empreendedorismo.

Figura 5. Contributo do Desenvolvimento Tecnológico e do Aumento da Riqueza para o Desenvolvimento do Empreendedorismo.

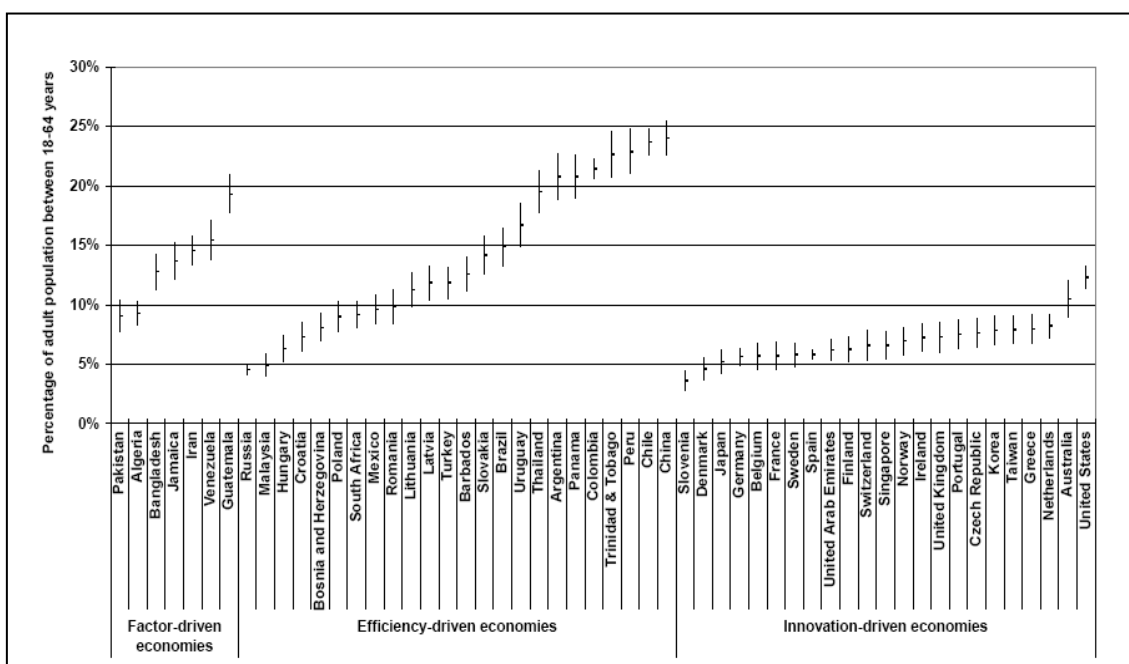


Fonte: Verheul *et al* (2001).

No entanto, em estudos referenciados pelo mesmo autor (Kuznetz, 1996; Schultz, 1990 e Bregger, 1996), verifica-se que após períodos de desenvolvimento económico segue-se a verificação do decréscimo das taxas de auto-emprego. Tal situação acontece porque os períodos de crescimento económico são acompanhados de um aumento no nível dos salários e também de melhorias nos sistemas de segurança social, deste modo poucas pessoas estão dispostas a abdicar dos seus empregos seguros e bem remunerados para arriscarem a abrir o seu próprio negócio, para se auto empregarem.

Uma vez mais, esta situação encontra-se espelhada nos dados avançados pelo estudo Global Entrepreneurship Monitor para o ano de 2011. Ao observar a Figura 6, onde contém informação referente ao total da taxa de actividade empreendedora em estado inicial (TEA) 2011, por fases de desenvolvimento económico, para os vários países que este estudo contempla, é possível verificar que, tendencialmente, os países com níveis de desenvolvimento mais elevado e os países com economias orientadas para a inovação, são os que apresentam menores taxas de actividade empreendedora em estado inicial, o que consequentemente faz com que apresentem menores taxas de auto emprego.

Figura 6. Total da Taxa de Atividade Empreendedora em Estado Inicial (TEA) 2011, por Fases de Desenvolvimento Económico, com Intervalos de Confiança de 95%.



Fonte: Global Entrepreneurship Monitor 2011 – Global Report

À luz de estudos recentes, sugere-se que o desenvolvimento económico está, então, positivamente relacionado com os níveis de actividade empreendedora numa determinada região. Por sua vez é também possível de verificar que o capital

empreendedor, ou seja, a capacidade de criar empresas, assume-se com maior dimensão nas regiões com um forte desenvolvimento económico (Audretsch e Keilbach, 2004).

2.3. Propensão ao Empreendedorismo

No passado, alguns estudos no campo do empreendedorismo introduziram várias perspectivas acerca da conceptualização do empreendedorismo e, em particular, do empreendedor. Estes estudos demonstram diferentes perspectivas acerca dos factores que contribuem para a construção do empreendedor e que influenciam a actividade empreendedora. Deste modo, é possível verificar a existência de diferentes correntes explicativas deste fenómeno, sendo elas:

1. A psicologia, que se recorrem à utilização dos factores motivação e capacidade cognitiva dos indivíduos;
2. A sociologia e a antropologia, que explicam o grau de empreendedorismo dos indivíduos pela relação dos mesmos com o contexto onde estão inseridos; e
3. A economia que explica esta realidade como o resultado da atividade económica existente (Kalantaridis, 2004).

Não obstante destas perspectivas, se assumirem mais estâncias, é possível encontrar autores como Evans e Leighton (1989), De Wit e Van Winden (1991) e Van Praag (1996), referidos por Verheul *et al* (2001), que defendem que variáveis como as características de personalidade, o nível educacional, os activos financeiros, o passado familiar e a experiência profissional dos indivíduos, deverão ser consideradas para avaliar a propensão ao empreendedorismo.

Aqui podemos encontrar uma posição que demonstra claramente que o fenómeno da propensão ao empreendedorismo não poderá ser abordado numa perspectiva isolada,

mas sim deverá ser analisado de acordo com as várias perspectivas existentes, sejam elas de ordem psicológica, sociológica, antropológica ou económica. Importante é reter que a actividade empreendedora e a propensão empreendedora apresentam-se como um fenómeno com influências multidisciplinares, compostas por factores que estão ligados a várias áreas de intervenção, sendo todos eles prováveis de influenciar o nível de empreendedorismo.

No entender de Reynolds *et al* (2001) que desenvolvem um pouco mais a ideia defendida pelos autores anteriormente referidos, existem três grupos de variáveis que podem influenciar a propensão para o empreendedorismo por parte de um individuo, sendo estes os seguintes:

1. Variáveis sociodemográficas como a idade e o sexo;
2. Situação que os indivíduos vivem no momento presente, as suas percepções, capacidades para iniciar um novo negócio, percepção das oportunidades existentes no mercado, medo de falhar, ligações a outros indivíduos empreendedores e percepção das perspectivas económicas para a família e para a economia;
3. Efeito do nível educacional, da importância do rendimento familiar sobre a actividade empreendedora e da actividade laboral habitual dos indivíduos.

De acordo os contributos aqui analisados, é possível estruturar os determinantes da vocação para se ser empreendedor em duas categorias, sendo estas as características psicológicas associadas aos empreendedores e o contexto em que o empreendedor se encontra inserido. Sendo que, no que diz respeito ao contexto, podemos verificar que a este estão associadas características de carácter sócio-demográfico, ambiental e

formativo, que poderão influenciar directa ou indirectamente a propensão ao empreendedorismo por parte dos indivíduos.

Assim, demonstra-se pertinente verificar de que modo estas características manifestam a sua influência no desenvolvimento da actividade empreendedora, e que indicadores lhes estão associados.

2.3.1. Características Psicológicas Associadas aos Empreendedores

O empreendedor é o termo que designa a pessoa que é inovadora (Schumpeter, 1934), que pratica a inovação de um modo sistemático, ou seja, que procura fontes de inovação e que através delas é capaz de criar oportunidades de um modo continuado e sistemático (Drucker, 1985).

Outros autores como Pinchot (1989) e Filion (1999), segundo (Moreira e Silva, 2008), referem que associadas à figura do empreendedor estão também outras capacidades, nomeadamente:

1. Capacidade de criar e de transformar os sonhos em realidade;
2. Capacidade de desenvolver e concretizar visões a partir de um contexto de incerteza e de indefinição;
3. Capacidade de aprender a partir da acção; e
4. Capacidade de realização de objectivos próprios.

De acordo com tais associações está a perspectiva de empreendedor apresentada por David *et al* (2001), que define o empreendedor como um ser criativo, capaz de transformar os sonhos em realidade, fazendo para isso uso de um conjunto de capacidades e competências próprias que, quando não são detidas genuinamente pelo indivíduo podem ser aprendidas e desenvolvidas de um modo consistente.

Deste conjunto de habilidades e competências fazem parte: a criatividade, o entusiasmo, a motivação, a liderança, a responsabilidade, a capacidade de correr riscos, o comprometimento, a necessidade de estabelecer relações pessoais, o pensamento difuso, a eficiência, o otimismo, a tenacidade, a atitude positiva perante o fracasso, a tolerância à ambiguidade e à incerteza, a flexibilidade, a autoconfiança, o espírito de iniciativa, a visão de longo prazo, a cooperação, a inovação, a independência e a procura constante de oportunidades (Kent, Sexton e Vesper, 1982; Sexton e Upton, 1987; Fillion, 1991; Carson, Cromie, McGowan e Hill, 1995; David *et al*, 2001; Hisrich *et al.*, 2005 e Veciana, 2005).

Pode-se, assim, verificar que quanto maior for a proximidade entre as características pessoais dos indivíduos e as características entendidas como necessárias para se ser empreendedor, isto é, quanto maior conciliação existir entre indivíduo-empendedor, maior será a propensão para o empreendedorismo e para alcançar o sucesso (Markman e Baron, 2003).

2.3.2. A Influência do Contexto

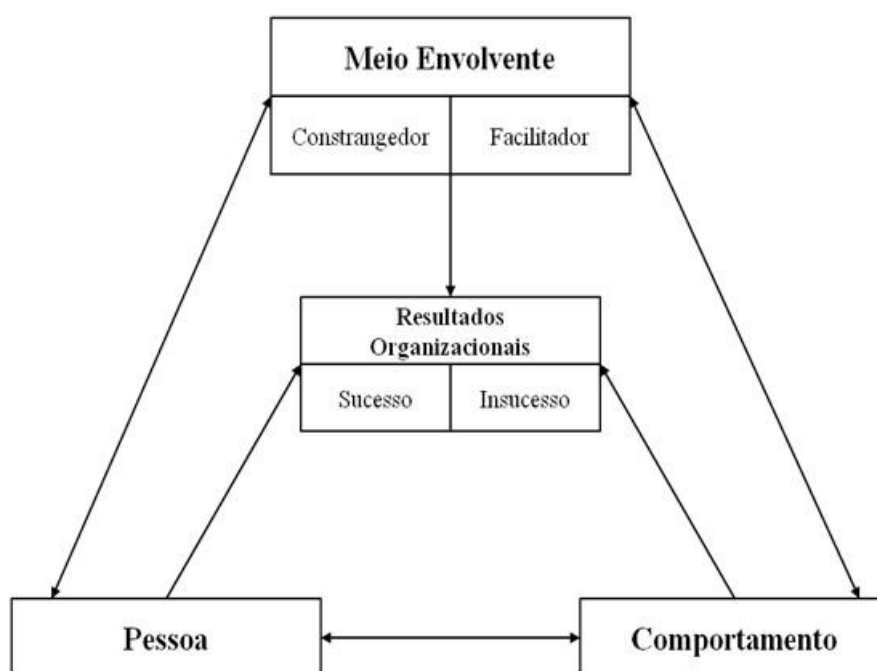
O empreendedorismo não pode ser entendido como um fenómeno simples e unidimensional. É, pelo contrário, um fenómeno influenciado pela personalidade do indivíduo e pelos seus comportamentos, da mesma forma que é influenciado pelo contexto. É a relação entre estes elementos que origina o desempenho das organizações criadas (Trigo, 2002).

Os empreendedores são influenciados pelo contexto onde se inserem (Kalantaridis, 2004). Por seu turno, a dimensão contexto abarca um conjunto de variáveis como o capital, as competências e o conhecimento adquiridos pelos indivíduos, as infra-

estruturas existentes, a dimensão, a natureza e a acessibilidade aos mercados e fontes de oferta, o papel das entidades governamentais e as políticas vigentes. Esta é a posição defendida por Gartner (1985), referenciado por Kalantaridis (2004).

Na Figura 7 é possível perceber como se processa a dinâmica da influência do contexto na atividade empreendedora, de acordo com Trigo (2002).

Figura 7. Relação entre o Empreendedor, o Seu Comportamento e o Meio Ambiente Para a Obtenção de Resultados.



Fonte: Trigo (2002)

Nos pontos que se seguem será efetuado um levantamento do conjunto de várias características existentes no contexto que influenciam de forma direta ou indireta a propensão para a atividade empreendedora. A saber características demográficas, ambientais e de formação.

2.3.2.1. Características Sociodemográficas

De acordo com Verheul *et al* (2011), a estrutura etária de uma população pode influenciar os níveis de empreendedorismo, uma vez que existem diferentes graus de disponibilidade para criar uma empresa de acordo com os diferentes escalões etários existentes.

É possível verificar que o factor idade dos indivíduos pode também influenciar outros factores que são determinantes da propensão empreendedora, como é o caso da atitude face ao risco, a experiência profissional e, conseqüentemente, o capital humano. Visão contrária é a apresentada pelo autor Blau (1987), citado por Cowling e Taylor (2001), que afirma que a idade dos indivíduos não tem influência na propensão para o empreendedorismo.

Ainda no conjunto das características demográficas, para além do factor idade, podemos verificar que o factor género assume também importante relevância. Na abordagem dos autores Verheul e Thurik (2011), é defendida a ideia de que homens e mulheres actuam de forma diferente face ao empreendedorismo. Essencialmente, as principais diferenças reflectem-se no modo como procuram financiar os seus negócios, facto que é decorrente de diferentes estilos de gestão existentes entre os géneros, o tipo de negócios escolhido e as experiências vividas como empreendedores. Outro aspecto referido por estes autores prende-se com as diferenças entre o género e a educação, pois verificam que os homens apresentam maior formação nas áreas tecnológicas e as mulheres nas áreas económicas, administrativas e comerciais.

Uma das variáveis que também mais concorre para a propensão empreendedora é a família. De acordo com De (2001), a influência desta variável no processo de

empreendedorismo, levado a cabo por um indivíduo, poderá ser enaltecida pelos valores em vigor na sociedade onde se insere este mesmo indivíduo.

As oportunidades para desenvolver a actividade empreendedora podem também variar de acordo com os graus de diversidade que apresente uma determinada sociedade. Sociedades compostas por diferentes culturas estão mais propensas a que se desenvolvam um maior número de ideias. É o caso das sociedades, maioritariamente, compostas por imigrantes e por jovens, que demonstram ter uma maior tendência para o desenvolvimento da actividade empreendedora. Contudo, existem outros factores que podem exercer, influência no capital empreendedor, nomeadamente as políticas públicas, criadas pelo sector público para gerarem oportunidade de desenvolvimento de actividades empreendedoras (Audretsch e Keilbach, 2004).

No entender dos Mueller e Thomas (2000), existe uma relação entre os traços psicológicos dos indivíduos, o seu comportamento, valores e atitude. Nesta relação é notória a influência da cultura nacional, dos valores e das crenças sobre os comportamentos e decisões dos indivíduos, incluindo a decisão de se tornarem empreendedores. A cultura é entendida por estes autores como o factor que está na base dos sistemas de valores das sociedades que, por seu turno, influenciam o desenvolvimento dos traços de personalidade e o comportamento dos indivíduos. Assim, os níveis de empreendedorismo das sociedades podem ser, também, o resultado das diferenças culturais dos valores e crenças existentes nestas sociedades.

2.3.2.2. Características Ambientais

Importante variável é a que se refere à existência de infra-estruturas institucionais. No entanto, não podemos referir a esta variável de forma isolada, pois esta encontra-se

associada a outros factores como a existência de estruturas legais, financeiras e políticas que, conseqüentemente, dão origem a uma envolvente contextual, que por sua vez propicia oportunidades originadas pelos níveis de hostilidade, dinamismo ou complexidade existente numa sociedade. Também os níveis de desenvolvimento são despoletados, quer pelo desenvolvimento económico de um país, quer pelo ciclo de negócios existente, estando subjacentes a estes factores os recursos e as oportunidades de mercado (Noorderhaven *et al.*, 2003).

Neste nível, a propensão para o empreendedorismo num país é influenciada por vários factores: a criação de incentivos fiscais por parte do governo, a atribuição de subsídios, o sistema de educação e a legislação laboral (Verheul *et al.*, 2001).

Quando se refere a criação de novas empresas é também essencial falar-se em financiamento, que se demonstra como um aspecto fulcral para a definição da propensão e dos níveis de empreendedorismo. O financiamento, de acordo com Reynolds *et al.* (2001), pode assumir-se de vários tipos consoante o nível de empreendedorismo em que se encontra a empresa a ser alvo de financiamento.

Ainda na visão deste autor, outro aspecto apontado como relevante para a influência do desenvolvimento do empreendedorismo é o nível de desenvolvimento económico de um país ou de uma região. Este é um aspecto que, por sua vez, recebe a influência de factores como o ambiente político e o ambiente sócio cultural.

2.3.2.3. Características de Formação

O nível educacional dos indivíduos é um aspecto determinante na propensão para o empreendedorismo, pois, segundo Rees e Shah (1986) é possível verificar que indivíduos com níveis de educação mais elevados tendem a ter um melhor desempenho,

acrescentando o facto de terem mais informações sobre oportunidades existentes no mercado e de estarem melhor preparados para as poderem concretizar.

De acordo com Verheul *et al.* (2001), as capacidades empreendedoras dos indivíduos podem ser desenvolvidas nas universidades, sempre que estas ofereçam cursos que versem o tema empreendedorismo e incorporem nos seus cursos disciplinas que possam focar este assunto.

De forma sumária, é possível expor na Figura 8 quais os principais fatores que exercem influência no processo de desenvolvimento da actividade empreendedora, de acordo com as perspectivas dos vários autores aqui citados.

Figura 8. Determinantes da Propensão Para o Empreendedorismo.



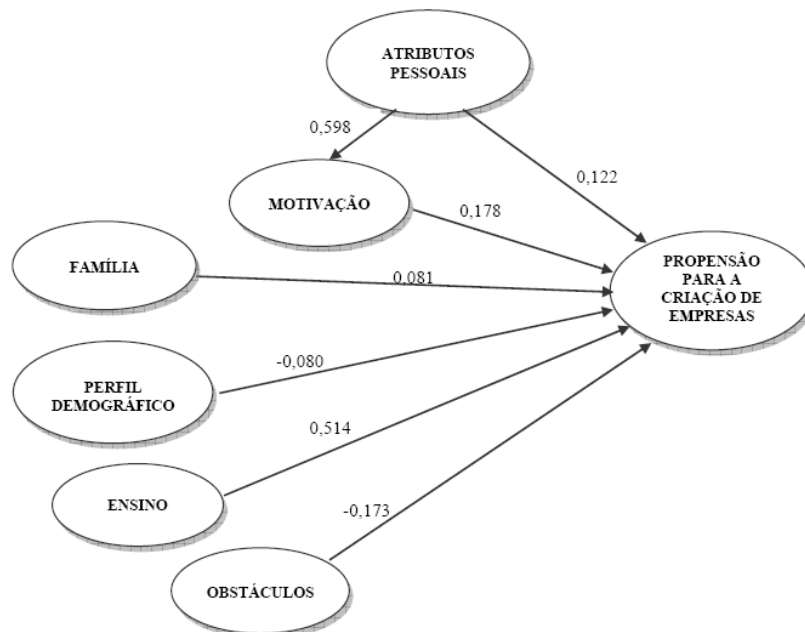
2.3.2.3.1. Ensino e Formação Para o Empreendedorismo

A ideia de que o empreendedor é apenas fruto do factor hereditariedade ou de que o empreendedorismo é uma característica inata de alguns indivíduos, começa a ser abandonada no meio académico, ganhando lugar a corrente que defende que é possível aprender a ser empreendedor, através do recurso a políticas diferenciadas ao nível do ensino (Rodrigues *et al.*, 2007).

De acordo com Rasheed (2000), citado por Rodrigues *et al.*, (2007), o desenvolvimento do empreendedor demonstra ser importante para sustentar a vantagem competitiva numa economia que é catalisada pela inovação. Assim, o papel da educação e formação de empreendedorismo, na identificação de dotação de potencial empreendedor nos jovens, tornou-se evidente para os estudantes, políticos e educadores. A preparação educacional para o empreendedorismo contribui, deste modo, para o aumento do número de empreendedores, através do desenvolvimento de uma percepção positiva acerca da necessidade e da praticabilidade do empreendedorismo e do desenvolvimento de competências que facilitem o processo empreendedor.

De acordo com o estudo realizado por Rodrigues *et al.* (2007), acerca da propensão para a criação da própria empresa, junto de estudantes de ensino superior da Universidade da Beira Interior, foi possível verificar que o fator educação foi considerado mais relevante para a propensão à criação de empresas. A Figura 9 apresenta o modelo conceptual depurado, constante nos resultados deste estudo.

Figura 9. Modelo Conceptual Depurado dos Fatores que Influenciam a Propensão à Criação de Empresas.



Fonte: Rodrigues *et al* (2007).

Na perspectiva de Fayolle e Klandt (2006), o surgimento de programas de ensino e de formação em empreendedorismo vem responder ao aumento do interesse dos estudantes por uma carreira empreendedora (Brenner *et al.*, 1991; Hart e Harrison, 1992; Fleming, 1994 e Kolvereid, 1996) e pelo aumento da preocupação das autoridades públicas acerca da importância do empreendedorismo como contributo para o desenvolvimento económico (Hytti and Kuopusjärvi, 2004). Deste modo, a temática da educação em empreendedorismo passa a ser foco de interesse e de investigação, principalmente, a partir da década de 90 do passado século.

A visão de Gibb (2002;2004), citado por Fayolle e Klandt (2006), acerca desta realidade é a de que o crescente interesse pela temática do empreendedorismo e pela educação em empreendedorismo está relacionado com as percepções provenientes do fenómeno da globalização, que se caracteriza por um aumento no grau de complexidade do ambiente e pelo aumento de grau de incerteza nas sociedades. Assim, governos,

instituições, organizações, empresas e os indivíduos alteram a suas percepções acerca do mundo, e sentem necessidade de se preparar face à complexidade e à incerteza com que se deparam no novo mundo globalizado.

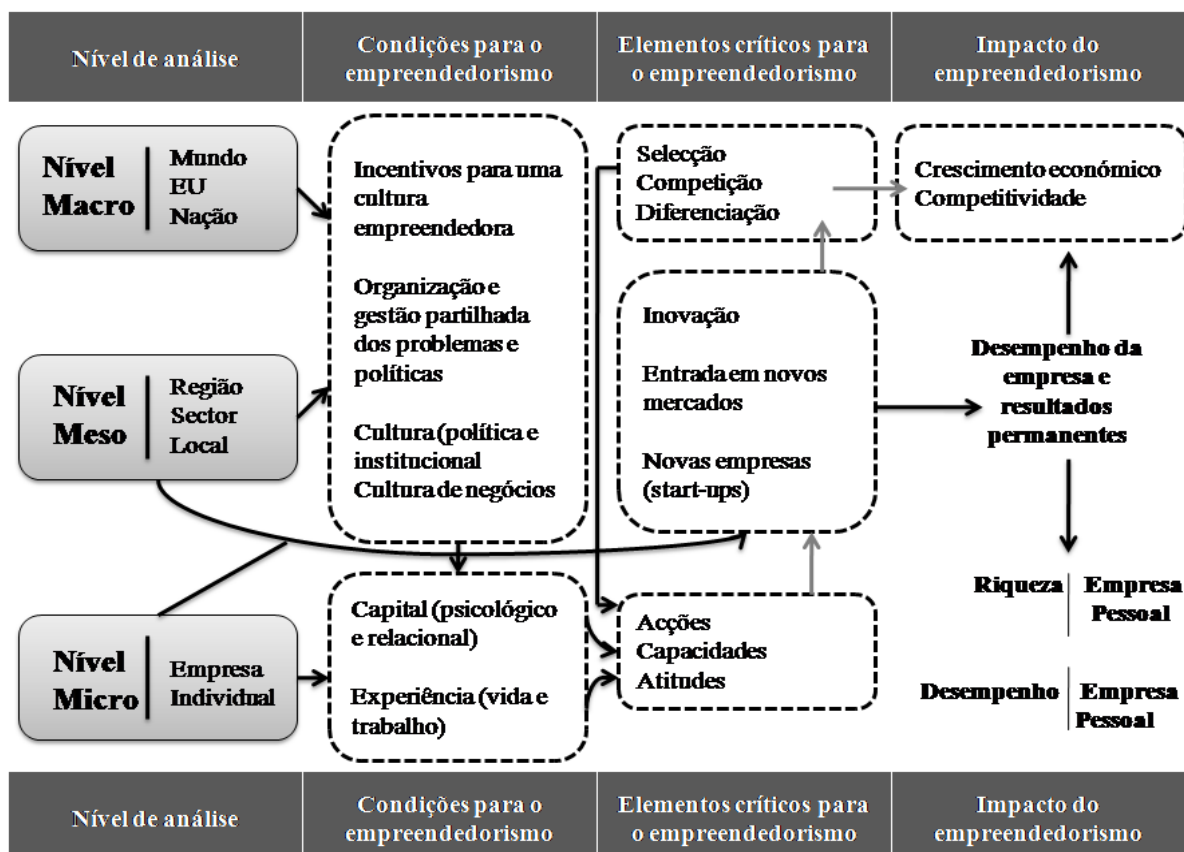
Ainda de acordo com Gibb (2002;2004), existe a necessidade de se alterar o foco tradicionalista do ensino em empreendedorismo para um novo foco neste tipo de educação, nomeadamente, através da introdução de técnicas que visem abordar temáticas como a criação de novas empresas, a construção de planos de negócios, o crescimento económico e a inovação, bem como um quadro conceptual que permita perceber de que forma os empreendedores vivem e aprendem.

A principal premissa dos programas de aprendizagem do empreendedorismo é a de que os indivíduos não nascem empreendedores, mas sim vão-se tornando empreendedores pela sua experiência, à medida que vão crescendo e aprendendo, sofrendo a influência dos seus professores, familiares, mentores e pelo exemplo de outros empreendedores. No entanto, o interesse pessoal pelo empreendedorismo não pode ser imposto aos indivíduos, mas poderá ser algo possível de encorajar ou desencorajar. Deste modo, o empreendedorismo pode ser visto como um processo de aprendizagem continuada. Esta é a visão apresentada por Teixeira (2009). Esta ideia é possível de se verificar na Figura 10 que a autora utiliza para espelhar o empreendedorismo como um processo de aprendizagem.

A abordagem ao empreendedorismo, como algo que pode ser aprendido, remete para a temática do empreendedorismo tecnológico. Segundo Zahra e Hayton (2004), citados por Moreira e Silva (2008), o empreendedorismo tecnológico consiste na criação de novas empresas por empresários independentes e o desenvolvimento de projectos com base em descobertas tecnológicas em empresas existentes. Este tipo de

empreendedorismo revela-se como gerador de novos empregos, contribuindo para o bem-estar das comunidades e gerando riqueza para os proprietários dos empreendimentos (Bhidé, 2000).

Figura 10. Empreendedorismo como um Processo de Aprendizagem.



Fonte: Adaptado de Wenneckers and Thurik (1999), em Portela (2008).

De acordo com os autores Robinson e Haynes (1991), não só o empresário deverá ser empreendedor, como também todos os indivíduos envolvidos na organização. Para que tal aconteça compete aos estabelecimentos de ensino a preparação dos indivíduos que deverão integrar esta sociedade empreendedora. Assim, o ensino do empreendedorismo demonstra-se como um importante contributo para as organizações.

A opção pela actividade empreendedora resulta de um processo que está em perfeita consonância com as características do empreendedor (Carland e Carland, 1988). No

entanto, do desenvolvimento desta cultura empreendedora emana a necessidade de formação de discentes autónomos, criativos, capazes de liderar e detentores de uma visão alargada da sociedade.

Tal perspectiva vem ao encontro de uma importante questão colocada por Fayolle e Klandt (2006): Como se aprende e se ensina o empreendedorismo? Esta é, provavelmente, a questão mais antiga na temática da educação em empreendedorismo.

Carland e Carland (1988) sugerem que tal deverá ser feito através do desenvolvimento de programas de ensino e de aprendizagem que contemplem o desenvolvimento interpessoal e intrapessoal, em sintonia com a geração de ideias, negociação, desenvolvimento estratégico, desenvolvimento de produtos, tomada de decisões e resolução de problemas (Moreira e Silva, 2008).

Tal visão contrasta com o ensino segundo uma linha tradicional, baseado na memorização, onde o discente é moldado enquanto sujeito passivo que recebe e assimila conhecimento, cabendo aos docentes apenas expor e demonstrar esse mesmo conhecimento (David *et al.*, 2001).

Na perspectiva dos autores Solomon, Duffy e Tarabishy (2002), a corrente de ensino mais actual é mais adequada às exigências da prática do empreendedorismo, onde o conhecimento é elaborado e construído em parceria entre o docente e o discente. Nesta perspectiva o docente é entendido como um facilitador e indutor do processo de aprendizagem, sendo um estimulador e orientador da aprendizagem, cuja iniciativa principal compete ao discente, que tem como tarefas desenvolver habilidades comportamentais induzidas pela própria formação existencial e psicológica.

Referenciado por Moreira e Silva (2008), Bolzan (1998) refere as principais diferenças entre o ensino tradicional, enquanto reprodução de conhecimento, e o ensino moderno, centrado na produção de conhecimento (Figura 11).

Figura 11. Diferenças entre o Ensino Tradicional e o Ensino Moderno

Ensino Tradicional	Ensino Moderno
Transmissão do conhecimento enquanto produto acabado e inquestionável;	Transmissão do conhecimento a partir de raízes históricas, sendo este provisório e relativo;
Valorização do imobilismo e a disciplina intelectual visa a reprodução de palavras, textos e experiências;	Valorização da acção reflexiva e a disciplina é vista enquanto capacidade de estudar, reflectir e sistematizar conhecimentos;
Privilegia a memória e a repetição do conhecimento socialmente acumulado;	Privilegia a intervenção no conhecimento socialmente acumulado;
Uso da síntese na transmissão das informações;	Estímulo da análise, da capacidade de produzir dados, informações, argumentos e ideias;
Valoriza a precisão, a segurança e a certeza;	Valoriza a acção, a reflexão crítica, a curiosidade, a inquietação e a incerteza;
Premeia o pensamento convergente, a resposta única e verdadeira e o sentimento de certeza;	Valoriza o pensamento divergente e provoca incerteza e inquietação;
Concebe cada disciplina como um espaço próprio de domínio de conteúdo;	Concebe o conhecimento de modo interdisciplinar e inter-relacionado;
Valoriza a quantidade de informação transmitida;	Valoriza a qualidade de informação transmitida;
Concebe a pesquisa como uma actividade inicial onde os aspectos metodológicos e instrumentais se sobrepõem à capacidade intelectual de trabalhar no contexto de incerteza;	Concebe a pesquisa como uma actividade inerente ao ser humano e acessível a qualquer um;
Defende a incompatibilidade entre o ensino e a pesquisa;	Entende a pesquisa enquanto instrumento do ensino;
Requer um docente erudito, detentor dos conteúdos da matéria a expor;	Requer um docente inteligente e responsável, capaz de estimular a dúvida e orientar o estudo para a autonomia;
O docente é a principal fonte de informação;	O docente é o mediador entre o conhecimento, a cultura sistematizada e a condição de aprendizagem do discente.

Fonte: Adaptado de Bolzan (1998), em Moreira e Silva (2008).

De acordo com Dolabela (1998), o conhecimento deixa, assim de ser transmitido pelo docente, para passar a ser gerado pelos próprios discentes ao longo da construção da sua visão, ou seja na autoavaliação do comportamento individual, na construção dos métodos de aprendizagem próprios, bem como no modo proactivo de agir, verificando-se uma inversão no fluxo do saber a que autores como Ulijn *et al.* (2003) denominam de “ dilema ensino/treino”.

Segundo Moreira e Silva (2008), no âmbito do empreendedorismo tecnológico e do ensino, existem diferentes linhas de pensamento teórico que permitem distinguir cinco

linhas de investigação acerca desta temática. De seguida se descrevem estas linhas de pensamento:

- 1. Ao nível do ensino universitário** - realça o impacto que a formação e o ensino têm sobre a economia, pesando os efeitos do empreendedorismo ao nível da abertura da própria empresa e dos salários, bem como ao nível da criação de postos de trabalho. Nesta linha de investigação destacam-se os estudos de alguns autores como Clark *et al.* (1984) e Upton, Sexton e Moore (1995). A destacar o estudo de Clark *et al.* (1984), que se debruça sobre os impactos do empreendedorismo ao nível da economia local e nacional, chegando à conclusão que a maioria dos estudantes de empreendedorismo, ao ingressarem no curso, pensa no imediato, na abertura da sua própria empresa, considerando que as ferramentas disponibilizadas no decorrer do curso são essenciais à sua decisão. Neste caso um dos efeitos mais manifestos do ensino do empreendedorismo é o crescimento do mercado, com consequências ao nível do aumento dos salários e de postos de trabalho.
- 2. Ao nível da análise dos instrumentos e metodologias pedagógicas utilizadas para o ensino de empreendedorismo** – nesta linha de pensamento, estudos como Sexton e Upton (1987) recorrem a instrumentos que permitem identificar as características da personalidade dos indivíduos possíveis de serem determinantes do empreendedorismo. Assim, estes autores defendem que as características psicológicas dos indivíduos são fortes determinantes das suas intenções empreendedoras.
- 3. Ao nível dos trabalhos sobre o estado da arte da educação em empreendedorismo** – esta linha abrange estudos que abordam as diferenças entre as linhas de ensino tradicionais, essencialmente as aplicadas ao ensino da

gestão, e as linhas de ensino requeridas pelo empreendedorismo. Destes estudos destacam-se os estudos de autores como Solomon *et al.* (2002).

4. **Ao nível de estudos das experiências e práticas de formação em distintos níveis de ensino, em diferentes países** – nesta linha de pensamento alguns autores, como é o caso de Robinson e Hayes (1991) dedicaram-se à análise de diferentes programas de empreendedorismo praticados nas universidades americanas, de modo a identificarem a viabilidade dos resultados práticos dos programas em causa. Nestes estudos foram considerados indicadores como: nível de ensino, número de alunos a frequentar os programas, pessoal afeto, bem como a natureza e o horário dos cursos. Estes indicadores permitiram construir matrizes de correlação uteis na avaliação do sucesso ou insucesso de cada programa.
5. **Ao nível da análise das atitudes e das intenções empreendedoras dos estudantes face ao empreendedorismo e à criação de empresas** – nesta linha de estudo saliente-se o estudo realizado por Santos e Liñán (2007). Este estudo de carácter empírico com o intuito de medir a performance dos empreendedores da região de Andaluzia, através da elaboração de um modelo conceptual, defende que as atitudes e intenções dos empreendedores são influenciadas por factores como o desejo de independência, a motivação, o ambiente pessoal e o ambiente global.

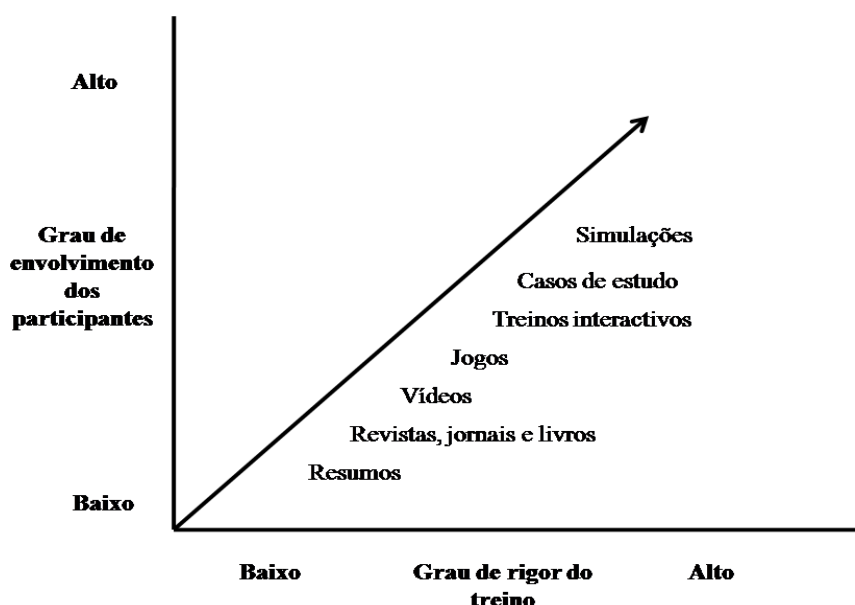
É possível verificar que as diferentes linhas de estudo, apesar de distintas entre si, trazem um contributo válido, para percebermos quais as variáveis e factores que condicionam, a partir do ensino, o desenvolvimento do empreendedorismo e as intenções empreendedoras dos indivíduos. Esta temática demonstra um ponto

importante para o estudo das condicionantes do desenvolvimento do empreendedorismo tecnológico, aspecto indissociável do ensino de empreendedorismo.

O surgimento do empreendedorismo tecnológico, nas disciplinas do ensino universitário, surge como algo revolucionário e inovador, na medida em que se apresenta como uma disciplina que utiliza metodologias de ensino do empreendedorismo em geral, mas envolvendo uma diversidade de meios e modos de aprendizagem, participantes e interações (Moreira e Silva, 2008).

O ensino desta tipologia de empreendedorismo implica, então, uma quebra nos paradigmas didáticos, com implicações necessárias nas técnicas e nos métodos utilizados (Dolabela, 1998). Associado a esta quebra de paradigma surge a metodologia assente em estudos de caso, estudos de biografias de empreendedores de sucesso, seminários, simulações e jogos interativos (David *et al.*, 2001; Ulijn *et al.*, 2003).

Figura 12. Relação Treino e Envolvimento dos Empreendedores.



Fonte: (Ulijn *et al.*, 2003)

A Figura 12 demonstra como podem ser treinados os potenciais empreendedores de acordo com os elementos utilizados nesta nova metodologia, podendo-se verificar o

grau de envolvimento dos estudantes na temática do empreendedorismo, de acordo com as técnicas de ensino utilizadas.

De acordo com esta lógica de acção, no contexto de aula, voltado para o ensino de empreendedorismo de índole tecnológico privilegiam-se novos elementos como a atitude, o comportamento, a emoção, o sonho e a individualidade, em substituição do saber como um fim em si mesmo (Dolabela, 1998). Segundo Solomon *et al.*, (2002), verifica-se que são os aspectos psicológicos, sociais, históricos e económicos que passam a moldar esta nova área do saber.

O objecto do ensino do empreendedorismo tecnológico é então entendido como o desenvolvimento de características pessoais, essenciais ao empreendedor de sucesso, embora nem todos os indivíduos possam ser inovadores ou empreendedores, dependendo tais capacidades de factores como a personalidade, a inteligência, o clima ou a cultura (Sexton e Upton, 1987; Dolabela, 1998; Ulijin *et al.*, 2003)

Torna-se necessário estimular as atitudes e intenções empreendedoras dos estudantes, dos investigadores e de outros agentes do contexto universitário, pois, de acordo com Veciana (1988) e David *et al.*, (2001), nas sociedades ditas do conhecimento as fontes mais promissoras de empresários são os estudantes universitários, entendidos como agentes centrais e activos do processo de aprendizagem.

O empreendedorismo, nomeadamente o tecnológico, tem-se revelado um importante pólo de atracção de estudantes, que desde cedo demonstram interesse pelas actividades empreendedoras e que culminam várias vezes com a criação da sua própria empresa e de postos de trabalho. Demonstra-se, assim, que os cursos direccionados para a vertente do empreendedorismo afectam as atitudes e as intenções dos estudantes, validando-se a hipótese de que é possível formar empreendedores e não aceitar cegamente o facto de

que o empreendedor é determinado *à priori*, sendo detentor de características inatas (Moreira e Silva, 2008).

Em Portugal, a educação empreendedora tem vindo a evoluir de forma positiva, pois, no ano letivo de 2004/2005 existiam 22 disciplinas de empreendedorismo em 17 instituições de ensino superior, tendo este número aumentado para 21 instituições abrangendo 26 disciplinas no ano letivo 2005/2006. No entanto, o desenvolvimento de disciplinas de empreendedorismo em Portugal é um fenómeno recente, tendo a maioria das disciplinas de empreendedorismo (63,2%) sido lecionadas pela primeira vez em 2002 ou posteriormente. Comparando com os Estados Unidos da América a maioria das disciplinas começaram a ser lecionadas em 1982, constituindo 20 anos de experiência com a qual Portugal poderá sempre aprender (SEDES, 2007).

2.4. Propensão ao Empreendedorismo dos Estudantes Universitários

De acordo com Kurato (2004), citado por Henrique e Cunha (2008), actualmente cerca de 5,6 milhões de jovens americanos com idades até aos 34 anos tentam iniciar o seu próprio negócio. Desses novos empreendedores, um terço são jovens de até 30 anos e mais de 80% dos que estão na faixa dos 18 aos 34 referem que pretendem abrir o seu negócio. De acordo com o estudo do estado da arte do ensino do empreendedorismo, realizado por Henrique e Cunha, estes números devem-se ao crescente aumento do surgimento de disciplinas e de formações específicas em empreendedorismo que surgem nas Universidades americanas.

Na União Europeia existe um consenso de que a prosperidade do futuro depende da criação de negócios que estejam profundamente enraizados na economia local. A título de exemplo, mostra Henrique e Cunha (2008) citando o autor Matlay (2005) que, no Reino Unido os responsáveis pela política de desenvolvimento estão envolvidos numa

verdadeira obsessão com o empreendedorismo e a educação e ensino de empreendedorismo, por julgarem ser a solução mais pragmática para um crescente aumento de desafios socioeconómicos e políticos. O autor referenciado realça, ainda, que o fascínio por esta temática é semelhante também noutros países em desenvolvimento ou que passam por uma transição política e económica. No entanto, para ser possível concretizar o propósito de expandir o empreendedorismo nas nações é necessário aumentar o número de talentos empreendedores locais para que, efetivamente, se venham a desenvolver novos empreendimentos e, acima de tudo, é necessário qualificá-los para que sejam capazes de criar actividades capazes de gerar inovação (Hytti e O’Gorman, 2004).

É possível verificar que as instituições de ensino superior têm vindo a implantar, com o passar dos anos, o ensino do empreendedorismo nos seus planos curriculares a fim de se manterem em consonância com o conjunto crescente de desafios socioeconómicos e políticos procedentes da atualidade. Tais desafios têm levado os jovens a recorrerem ao autoemprego lançando-se em empreendimentos independentes e procurando gerar organizações compostas por indivíduos com espírito empreendedor. Alguns estudos, mostram, ainda, que as experiências passadas e o trabalho em pequenas empresas ou em consultorias juniores auxiliam os jovens no processo de aprender a empreender. Destaca-se, ainda, o facto de estruturas como incubadoras de empresas serem consideradas essenciais para a implementação dos planos de negócios desenvolvidos pelos estudantes (Henrique e Cunha, 2008).

Facto que, também, se nota é que durante o próprio percurso universitário, os estudantes tendem a apresentar um aumento na vontade de se tornarem empreendedores, como é possível verificar no estudo realizado, no Brasil, por Tatto *et al.* (2008).

A educação empreendedora é reconhecida como sendo um factor crucial para os jovens perseguirem uma atitude empreendedora. Devido à influência da educação nas atitudes e aspirações dos jovens é fundamental compreender como estimulá-los a tornarem-se potenciais empreendedores durante o seu percurso nas universidades (Wang e Wong, 2004).

De acordo com o estudo realizado por Dorse e Walter (2011), junto de estudantes de ensino superior, na Alemanha, é possível verificar que a intenção empreendedora pode ser influenciada tanto por factores que se manifestam ao nível do indivíduo, estando relacionados com a personalidade dos indivíduos, como por factores do contexto da região onde se encontram inseridos os indivíduos.

De acordo com os resultados do estudo efetuado por estes autores é possível concluir que, junto dos estudantes abordados pelo estudo, o papel da família e dos amigos, como fonte de transmissão aquisição de conhecimento, experiência e know-how, exerce um impacto significativamente importante para definir a vocação empreendedora dos estudantes. Por sua vez, também a hipótese de que o contexto regional influencia de forma significativa a propensão empreendedora dos estudantes é aceite, manifestando-se esta situação, principalmente, pela variável intensidade e taxa de crescimento regional do investimento em investigação e desenvolvimento, pois, quanto mais elevada esta se apresentar, maior será a propensão dos estudantes a tornarem-se empreendedores.

Deste modo, as universidades desempenham um importante papel, apresentando-se como motores impulsionadores de inovação. De acordo com o estudo efetuado por Audretsch *et al.*, (2011), é possível verificar que o desempenho das regiões e as actividades das universidades são factores que contribuem para o desenvolvimento do

empreendedorismo. Sobretudo destaca o papel das universidades que produzem conhecimento capaz de suportar atividades de inovação associadas às empresas mais jovens e com actividades ligadas à alta tecnologia. Este autor verifica que, nas regiões onde se encontra um maior número de universidades, assiste-se à tendência de uma maior competitividade nas empresas e uma maior geração de empresas. Este fenómeno é decorrente da influência do trabalho de investigação e do conhecimento gerado nas universidades e que é, com frequência, transposto para a actividade empresarial.

Num estudo elaborado para analisar as percepções do desejo, da viabilidade e da intenção de criação de uma empresa, por parte de estudantes de ensino superior na região da Beira Interior, em Portugal, e na região de Extremadura, em Espanha, realizado por Casero, Mogollón e Raposo (2004), é possível verificar não só os factores que influenciam a atitude empreendedora dos estudantes, mas também qual a percepção que estes têm acerca do empreendedor e do processo de criação de empresas.

Resultado desta investigação são as conclusões que de seguida se apresentam:

1. Revela-se que os estudantes têm uma percepção muito positiva acerca do desejo de criar uma empresa própria, situação que se manifesta nas duas regiões que são alvo deste estudo. De realçar é, também, o facto de que esta percepção tem aumentado ao longo dos tempos, tendo por referência anteriores estudos;
2. No que toca à percepção da viabilidade, os estudantes espanhóis afirmam que, à data do estudo, é mais fácil criar uma empresa do que nas últimas décadas. Já o contrário referem os estudantes portugueses que consideram à data de estudo, ser mais difícil abrir uma empresa do que nas últimas décadas;
3. Tendo em conta o factor intenção de criação de empresa é possível verificar que os estudantes da Extremadura têm maior intenção de criação de empresa, do que

os estudantes da Beira Interior. No entanto, quando confrontados com o grau de profundidade e de seriedade desta intenção, são os estudantes portugueses que maior propensão demonstram, pois neste caso já encontramos um maior número de estudantes que já criaram as suas empresas ou que estão a tentar criar.

4. Quanto à imagem que os estudantes, quer portugueses quer espanhóis, têm acerca dos empreendedores, esta é muito positiva, associando uma imagem de profissão de prestígio aos empresários, tendo os mesmos destacado como atributos mais positivos a sua capacidade de dinamismo e de organização.
5. Outra das conclusões que são retiradas deste estudo é a de que a variável intenção de criação de empresa é aquela que é mais sensível à variação das variáveis sociodemográficas sexo e existência de familiares empresários. Deste modo pode aferir-se que a variável sexo dos indivíduos influencia a perceção da intenção de criação de uma empresa, tanto nos estudantes espanhóis como nos portugueses. No entanto, apenas nos estudantes portugueses se manifesta uma relação de causa efeito positiva mais representativa dos antecedentes familiares de empresários sobre a intenção e o desejo de criação de empresas.

Durante a última década, assistiu-se, em Portugal, a um esforço importante no sentido de formar recursos humanos em ciência e tecnologia, ao nível de licenciatura, pós-graduação e, em especial ao nível de mestrados e doutoramentos. Os objetivos que sustentam este investimento são o desenvolvimento da base científica nacional para a integração de quadros no setor académico, bem como a contribuição para o desenvolvimento tecnológico empresarial. No entanto, no que diz respeito ao segundo objetivo enunciado, em 2003, era possível verificar uma utilização muito reduzida destes quadros pelas empresas, associado também a um nível baixo de empreendedorismo tecnológico (Fontes, 2003).

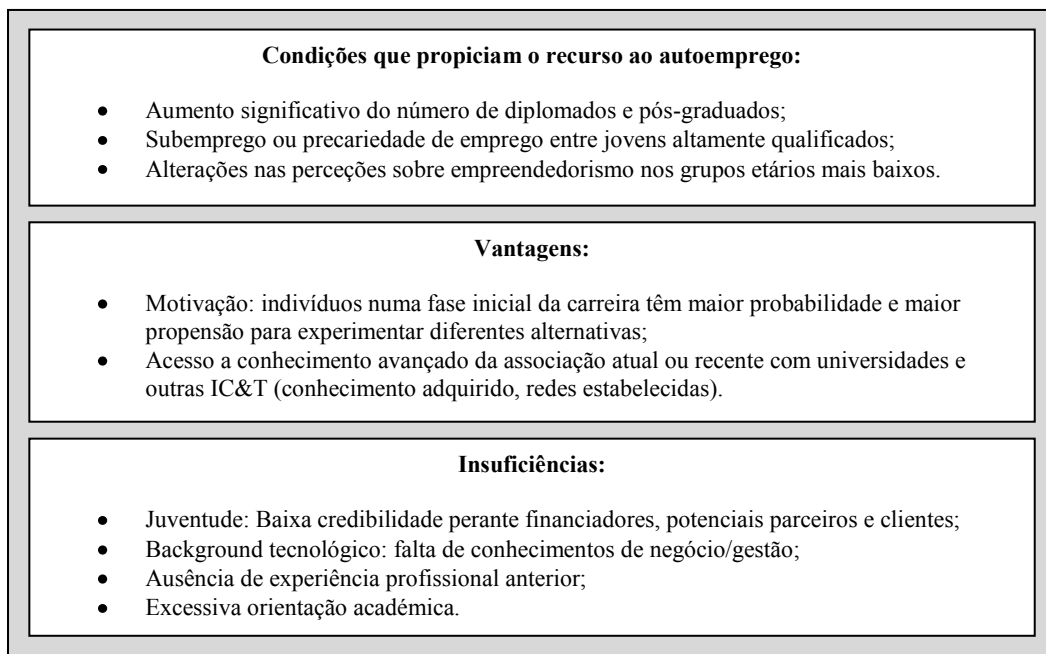
Em economias menos avançadas as empresas de base tecnológica assumem dois importantes papéis, o de pioneiro na introdução de novas tecnologias no mercado, e o de elemento chave no processo de aquisição e difusão de tecnologias (Fontes e Coombs, 2001). Deste modo, as atividades levadas a cabo pelas novas empresas de base tecnológica assumem um lugar de reforço das capacidades tecnológicas dos países entendidos como de desenvolvimento intermédio, como é o caso de Portugal, apesar de ser reconhecido que é nestes países que os empreendedores tecnológicos enfrentam as maiores dificuldades no lançamento e desenvolvimento deste tipo de empresas (Fontes, 2003).

Já na perspetiva de Colombo e Delmastro (2000), o simples aumento da oferta de recursos humanos com qualificações académicas superiores não significa, obrigatoriamente, o aumento direto de atividades de empreendedorismo tecnológico. Tendo em conta que, na maioria dos países, os programas de formação superior estão muito orientados para a promoção de carreiras académicas. Assim, de acordo com Cervantes (1999), torna-se necessário aplicar um profundo reajustamento do tipo de formação oferecida para que os resultados de atividades de empreendedorismo de base tecnológica sejam mais notórios.

Considerando os bloqueios nas carreiras académicas e ainda a reduzida empregabilidade dos cientistas fora do contexto académico, este grupo de recursos humanos mais qualificados pode confrontar-se com maiores dificuldades de emprego adequado às suas qualificações, apresentando-se como um potencial “viveiro” de empreendedorismo tecnológico. Neste contexto, a criação de emprego por oposição à procura de emprego, poderá vir a assumir uma relevância maior do que até ao momento (Fontes, 2002).

Schaettgen e Werp (1996), Van Tilburg e Van Sidge (1998), citados por Fontes (2003), constataam que os jovens recém-diplomados ou recém pós-graduados surgem, atualmente, como um dos potenciais alvos de programas de promoção do empreendedorismo tecnológico, pelo facto destes apresentarem algumas características que os tornam mais recetivos a este tipo de iniciativas, bem como, também, apresentam algumas limitações. As principais vantagens e desvantagens deste grupo, no que se refere ao envolvimento na criação de novas empresas, são descritas na figura 13.

Figura 13. Condições, Vantagens e Insuficiências dos Recém-licenciados/Pós-graduados no Lançamento de Iniciativas de Empreendedorismo Tecnológico.



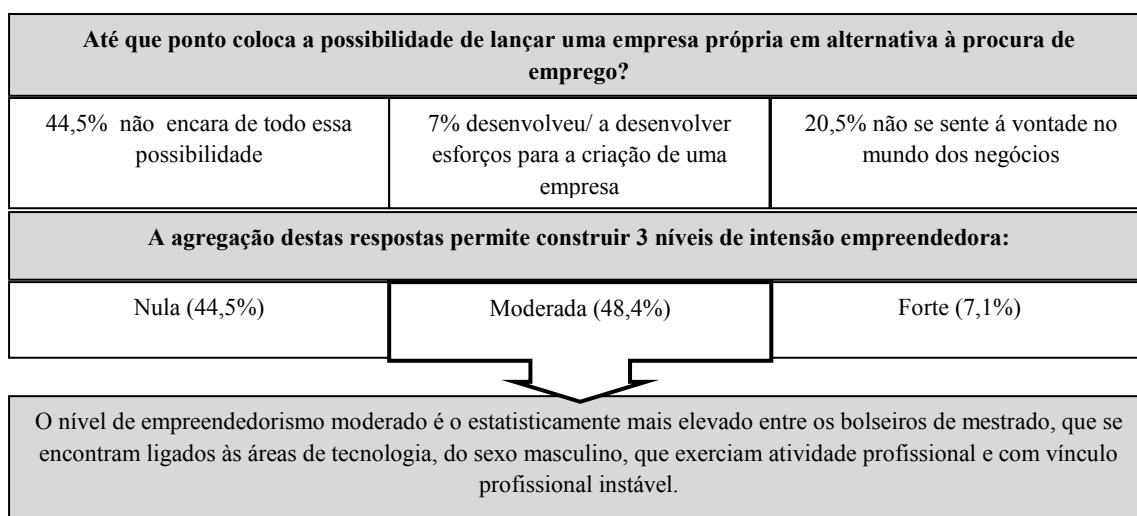
Fonte: Adaptado de Fontes (2003).

Em matéria de intenção de criação de empresas, junto de indivíduos com ensino superior e com formação avançada em ciência e tecnologia, importa ter em linha de conta os resultados do projeto realizado pela Universidade do Minho e pelo INETI¹, que

¹ Este projeto teve como objetivo analisar a questão da dupla perspetiva dos pós-graduados – recetividade prosseguir uma carreira na indústria - e das empresas – abertura à contratação de mestres ou doutores. Foram inquiridos os bolseiros de mestrado e de doutoramento financiados pelos programas: “Formação e

permite identificar algumas das características de potenciais empreendedores. Os resultados deste estudo, que tem como ponto de partida a questão: “Até que ponto coloca a possibilidade de lançar uma empresa própria em alternativa à procura de emprego?”, são os que podemos averiguar na Figura 14. Estes resultados demonstram-se como um apoio na definição de potenciais grupos para eventuais ações de promoção de atividades empreendedoras (Fontes, 2003).

Figura 14. Resultados do Estudo à Intenção de Criação de Empresas.



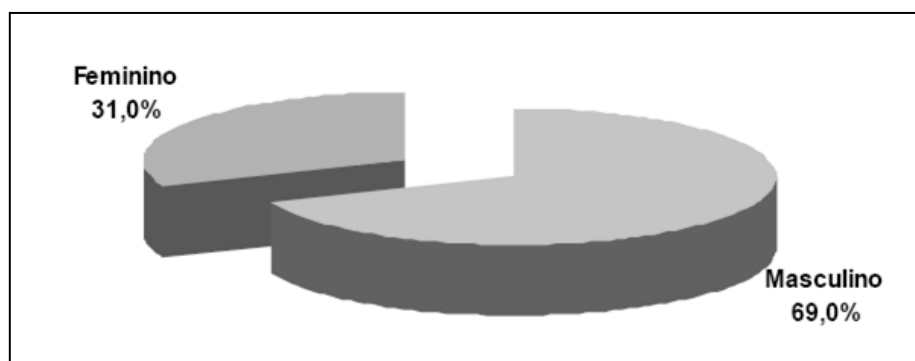
Fonte: Adaptado de Fontes (2003).

As conclusões do estudo mencionado permitem, apenas, perceber qual o perfil dos empreendedores que surgem no âmbito académico. Contudo, torna-se pertinente perceber se o perfil dos empreendedores que surgem do meio académico, em Portugal se assemelha em alguns aspetos ao perfil dos empreendedores portugueses na generalidade. Para efetuar tal analogia serão aqui utilizados os dados do Observatório Sobre Criação de Empresas, em 2008, lançado pelo IAPMEI, sendo possível traçar o perfil dos empreendedores portugueses que criaram pequenas e médias empresas em Portugal até ao ano de 2007 (Figuras 15 a 18).

Mobilidade de Recursos Humanos”, CIENCIA e PRAXIS (dois primeiros concursos). Foram inquiridos 1625 bolseiros.

De acordo com os dados recolhidos pelo IAPMEI é possível verificar que a proporção entre homens e mulheres empreendedores são de cerca de 2/3 para 1/3 (veja-se a Figura 15), rácio que se tem demonstrado estável nos anos mais recentes. É também de referir que a idade mais frequente dos empreendedores portugueses é de 30 anos de idade, sendo a idade média 37 anos.

Figura 15. Género dos Empreendedores



Fonte: Observatório Sobre Criação de Empresas, IAPMEI, 2008.

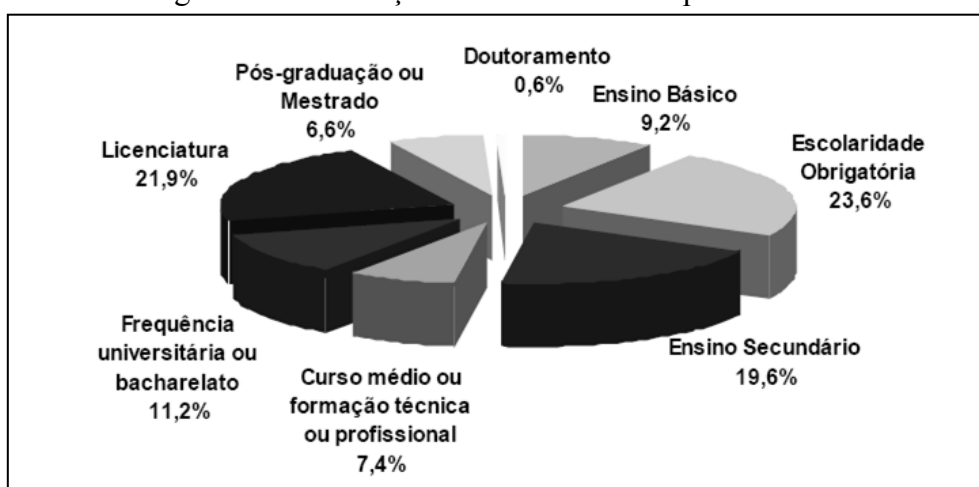
Demonstra-se importante confrontar estes dados com os resultados obtidos num estudo realizado por Teixeira (2009), cujo objectivo era o de medir a propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior em Portugal, bem como analisar as suas atitudes face ao empreendedorismo. Neste estudo o autor verifica que existe uma diferença na distribuição por género da propensão empreendedora dos estudantes. Assim, a propensão empreendedora efectiva dos estudantes do sexo masculino apresenta-se mais significativa face à propensão empreendedora dos estudantes femininos, com 9,0% e 4,7%, respectivamente. Para explicar esta diferença o autor recorre à ideia defendida por Stephan e El-Ganainy (2007), que explicam que este facto pode ser decorrente dos seguintes aspectos associados às mulheres:

1. São, habitualmente, mais avessas ao risco do que os homens;
2. Gostam menos de competitividade;

3. Questionam menos do que os homens, são mais conformadas;
4. Escolhem áreas de trabalho de menor dimensão;
5. Tradicionalmente, têm mais responsabilidades fora do local de trabalho do que os homens.

Ainda de acordo com os dados do IAPMEI, à juventude dos empreendedores portugueses está aliado um elevado nível de habilitações académicas, pois, mais de 40% dos empreendedores têm, pelo menos, frequência universitária, sendo que $\frac{3}{4}$ destes (72,2%) concluíram, efectivamente, uma licenciatura ou fizeram estudos pós-graduados, mestrados ou doutoramentos. Mesmo perante este cenário positivo é, ainda, importante destacar que aproximadamente 1/3 dos empreendedores possui apenas a escolaridade obrigatória (Figura 16).

Figura 16. Habilitações Literárias dos Empreendedores



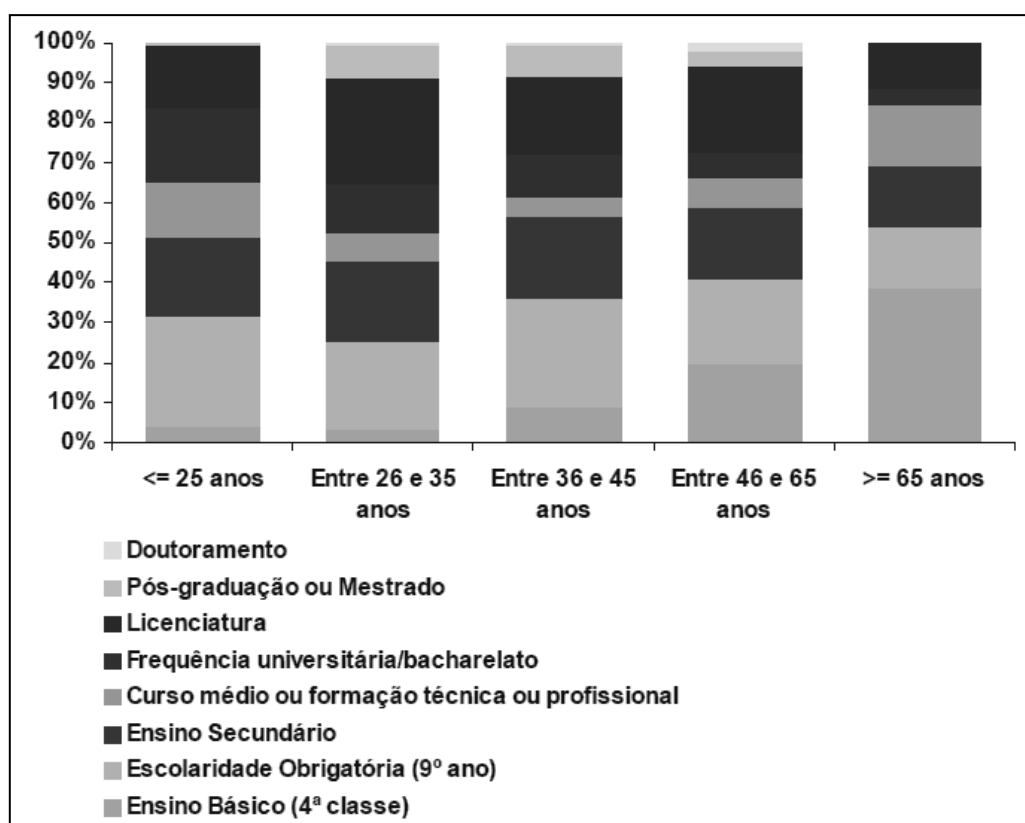
Fonte: Observatório Sobre Criação de Empresas, IAPMEI, 2008.

No estudo de Teixeira (2009) é efectuada uma abordagem ao potencial empreendedor dos estudantes, por grau de habilitações. A partir desta análise é possível apurar que os estudantes de mestrado e de doutoramento são aqueles que apresentam maior nível de propensão empreendedora, com a criação efectiva de empresas (39,4%),

face aos estudantes de licenciatura (15,9%). Estes valores acabam por contrariar os dados apresentados pelo IAPMEI, que demonstram que a maioria dos empreendedores que, efectivamente, criaram a sua empresa são detentores de grau de licenciatura.

No entanto, no que toca à questão da intenção para a criação de empresas são os estudantes de licenciatura que demonstram ter maior intenção de criar o seu próprio negócio (36%) (Teixeira, 2009).

Figura 17. Habilitações Literárias dos Empreendedores, por Escalão Etário



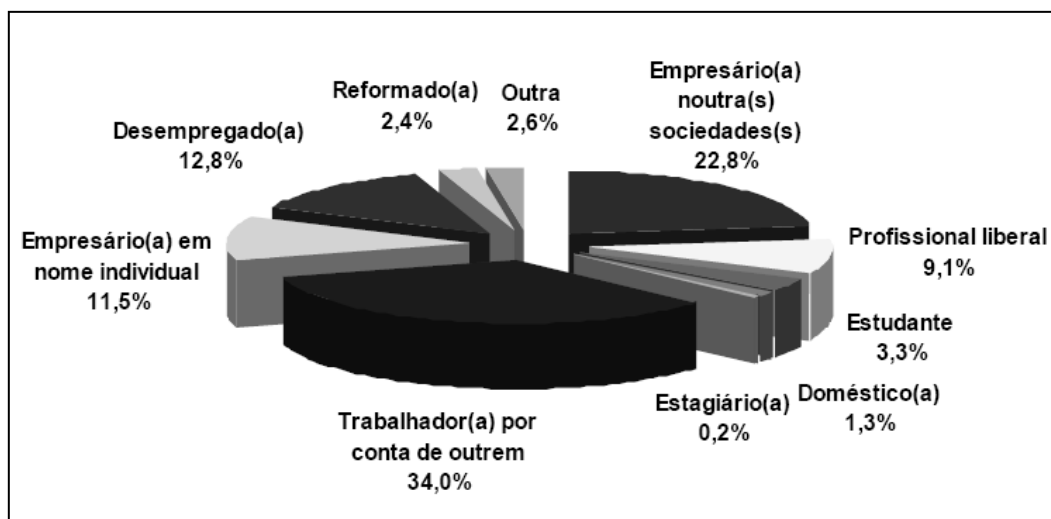
Fonte: Observatório Sobre Criação de Empresas, IAPMEI, 2008.

De acordo com os dados do IAPMEI é, também, possível estabelecer a relação entre os indicadores habilitações académicas e idade dos empreendedores, obtendo-se os resultados que estão traduzidos na figura 17. Assim, verifica-se que:

1. Entre os empreendedores com mais de 45 anos são mais expressivas as habilitações iguais ou inferiores ao 9º ano de escolaridade (42,2%), face a 32,3% dos indivíduos com frequência universitária, licenciatura ou mesmo pós-graduados;
2. Entre os empreendedores com 35 anos ou menos são maioritários aqueles que, no mínimo, frequentaram ensino superior (44,8%), sendo que apenas 26,5% têm somente o ensino obrigatório.

No que diz respeito ao percurso profissional dos empreendedores portugueses, é possível perceber, através dos resultados obtidos no indicador situação profissional anterior, que na maioria dos casos, os empreendedores já eram empresários na altura da criação de novos projetos empresariais ou exerciam uma profissão por conta de outrem, apresentando as duas situações o valor idêntico de 34% (Figura 18).

Figura 18. Situação Profissional Anterior dos Empreendedores



Fonte: Observatório Sobre Criação de Empresas, IAPMEI, 2008.

Por seu turno verifica-se que 12,8% dos novos empresários se encontravam em situação de desemprego. Este grupo demonstra-se relativamente jovem, sendo que mais de metade dos indivíduos tem 34 anos ou menos.

Destaque-se, também, a fraca incidência para a abertura de empresas por parte de indivíduos que tenham sido anteriormente estudantes, pois neste caso só 3,3% dos novos empresários demonstra ter situação profissional anterior deste género.

Deste valor é possível deduzir que são reduzidos o número de empresas que são geradas por estudantes que terminaram a sua formação académica, nomeadamente os estudantes de ensino superior.

Rosário (2007) dedicou-se à análise da propensão ao empreendedorismo entre alunos finalistas na Universidade do Porto, e ao exame dos fatores que estão associados ao fenómeno da intenção da criação de empresas, por parte de estudantes. De acordo com os resultados deste estudo, foi possível concluir que a taxa de propensão ao empreendedorismo era de 26,5%, apresentando-se razoavelmente elevada quando comparada com alguns valores de referência internacionais como a Áustria, Alemanha, Noruega e Turquia.

Tal resultado induz à questão: como se explicam os valores baixos assumidos nas estatísticas do IAPMEI para o número de empresas criadas por estudantes? Tal facto ocorre porque, de acordo com Rosário (2007), apesar de se constatar um número significativo de estudantes que ambicionam criar o seu próprio negócio, os mesmos demonstram ser portadores de uma inadequada preparação em conhecimentos de gestão direcionada para o empreendedorismo que os impossibilita de avançar com a abertura das próprias empresas.

Para além de apurar a taxa de propensão ao empreendedorismo o estudo mencionado permitiu concluir que dois fatores demográficos - género e idade – e três fatores psicológicos – risco, liderança e criatividade – são aspectos que contribuem de

forma significativa para a propensão ao empreendedorismo dos estudantes, de acordo com a informação apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. Determinantes da Propensão ao Empreendedorismo dos Estudantes Finalistas da Universidade do Porto

		Estimativas (Bs)
Características individuais	(1) Género (Fem=1)	-0,484***
	(2) Idade	1,299***
	(3) Estatuto estudantil (Normal=1)	0,204
	(4) Região (Norte=1)	0,115
	(5) Risco	0,680***
Características psicológicas	(6) Inovação	-0,080
	(7) Liderança	0,309**
	(8) Criatividade	0,440**
	(9) Desempenho académico	-0,724
Contexto	(10) Actividades extra curriculares	-0,123
	(11) Experiência internacional	-0,270**
	(12) Experiência Profissional	0,073
	(13) Contexto familiar (empreendedores=1)	-0,048
	(14) Ciências	0,424**
	(15) Saúde	0,430**
Áreas científicas	(16) Tecnologias	-0,104
	(17) Agricultura	0,616
	(18) Arquitectura	0,078
	(19) Educação	0,236
	(20) Economia	-0,014
	(21) Humanidades	0,491**
	(22) Desporto	0,441*
Constante		-3,536*
N		2324
Empreendedores		615
Outros		1709
Estatísticas de qualidade de ajustamento		
% correctos		73.8
Teste de Hosmer e Lameshow		7.464(0.488)

***Significância de 1%; **Significância de 5%; *Significância de 10%.

Fonte: Rosário (2007)

Nas conclusões deste estudo, o autor revela, também, a existência de uma orientação exclusivamente académica da maioria das licenciaturas, na Universidade em estudo, que leva a que os recém-licenciados, mesmo aqueles que revelam alguma orientação empresarial, se sintam pouco preparados para a criação de um negócio por conta própria. Perante tal facto detecta-se a necessidade de reforçar a formação pós-graduada direccionada para o empreendedorismo ao nível do ensino superior.

O estudo realizado, a nível nacional, por Teixeira (2009), permite aceder a informação que melhor retrata a propensão dos estudantes de ensino superior a nível nacional. Desde estudo é possível apurar que menos de 10% dos estudantes de ensino superior em Portugal criaram novas empresas, o chamado empreendedorismo efectivo. A par deste resultado é possível verificar que 35% dos estudantes inquiridos pretendem no futuro criar as suas próprias empresas como uma alternativa futura de carreira profissional.

Tabela 2. Determinantes da Propensão/ Intensão Empreendedora dos Estudantes de Ensino Superior Portugueses

		Propensão Empreendedora Efectiva		
		Criação de empresas (<i>Stricto sensu</i>)	Alguns passos para iniciar um negócio/ criação de empresas (<i>Lato sensu</i>)	Intenção empreendedora
Características de personalidade	Risco		++	+++
	Criatividade		+++	+++
	Necessidade de realização			+++
Competências/ familiaridade com o empreendedorismo	Experiência empreendedora	+++	+++	+++
	Conhecimento empreendedor	+++	+++	+++
	Consciência empreendedora			+++
	Experiência empreendedora			+++
Habilitações	Grau de habilitações	Mestrado		---
		Doutoramento		---
Características demográficas	Género	--	--	--
	Idade	+++	+++	++
	Experiência profissional	+++	+++	+
Factores contextuais	Região	Influência de família e amigos		+++
		Centro		---
		Lisboa	-	
		Alentejo		
		Algarve		-
Tipo de ensino superior		Ilhas	--	-
		Público vs. Privado		
Área de estudos		Universidade vs. Politécnico		
		Ciências		-
		Saúde	--	---
		Agricultura e recursos naturais		+++
		Arquitectura, artes e design		+++
		Educação		
		Direito e ciências sociais		
		Economia e gestão	++	
		Humanidades		-
Desporto e artes cénicas				

+++ (---) Significância estatística de 1%; ++ (--) 5%; + (-) 1%.

Nota: As células em branco significam que a relação não é estatisticamente significativa.

Fonte: Teixeira (2009)

Apesar dos resultados da intenção empreendedora dos estudantes serem razoáveis, os resultados deste estudo revelam, ainda, que os estudantes de ensino superior estão muito pouco conscientes do processo empreendedor, dos obstáculos que o empreendedor pode enfrentar, quando tenta trazer a sua ideia de negócio para o mercado, bem como não têm conhecimento suficiente acerca da criação de empresas, da construção do plano de negócios, nem do conceito de empresa (Teixeira, 2009).

Tendo, ainda, por base o estudo mencionado, é possível extrapolar um conjunto de factores que podem influenciar de forma mais ou menos evidente a propensão dos estudantes de ensino superior em Portugal (Tabela 2). Teixeira (2009) consegue verificar quais são estes factores, agrupando-os do seguinte modo:

- 1. Factores que influenciam a criação efectiva de empresas:** o conhecimento e a experiência empreendedora, que se apresentam como factores mais evidentes, sendo os factores que se apresentam mais constantes o género e a idade (os estudantes do sexo masculino e mais velhos tendem a ser mais empreendedores do que os do sexo feminino e mais jovens).
- 2. Factores que influenciam a criação efectiva de empresas ou a tomada de alguns passos para a criação de empresa:** o conhecimento e a experiência empreendedora, o género, a idade, a experiência profissional, a área de estudos e algumas características pessoais, como convivência com o factor risco e a criatividade.
- 3. Factores que influenciam a intenção empreendedora:** características pessoais (risco, criatividade, necessidade de realização), competências empreendedoras e familiaridade com o empreendedorismo (experiência, conhecimento, consciência e interesse), nível de habilitações, características demográficas (género e idade)

e factores contextuais (experiência profissional e influência de família e amigos).

Tendo em conta o propósito da presente investigação, torna-se pertinente analisar a posição da Região Autónoma dos Açores face à intenção de criação de empresas por parte dos seus estudantes de ensino superior. Deste modo podemos aferir pela investigação de Teixeira (2009) que o valor apresentado para esta intenção é de 35,1 %, encontrando-se os Açores em quarto lugar, em termos de regiões, sendo que a região que apresenta o valor mais elevado é o Algarve com 41,1%. Em contraste com este resultado surge o obtido para a criação efectiva de empresas, onde os Açores apresentam um valor de menos de 10% de estudantes que efectivamente criaram a sua empresa ou que tomaram alguma iniciativa para tentar criar uma empresa, apresentando-se como a região que apresenta um valor mais baixo para este item, seguindo-se a Região Autónoma da Madeira (Teixeira, 2009).

Existem, ainda, outros trabalhos que se debruçam acerca da temática da propensão empreendedora de estudantes de ensino superior em Portugal, como é o caso específico do estudo realizado por Camilo (2005)². Este estudo demonstra que 32% dos inquiridos não pretendem criar uma empresa, 3,8% apenas pretendem criar uma empresa quando terminarem a licenciatura e 63,9% pensam criar uma empresa no futuro. É possível aferir que cerca de um terço da amostra respondeu que não pensa criar uma empresa, nem de imediato nem de futuro, o que revela pouca capacidade empreendedora por parte dos alunos finalistas do ensino superior.

² Estudo realizado junto das seguintes instituições de ensino superior: Universidade do Porto, Instituto Politécnico da Guarda, Universidade dos Açores, Instituto Politécnico de Setúbal e Instituto Superior de Economia e Gestão.

Também neste estudo, cujo objectivo é aferir os níveis de propensão empreendedora dos alunos finalistas do ensino superior e explicar quais os factores que mais influenciam esta propensão, através da realização de um teste de hipótese é possível retirar algumas conclusões no que toca à influência de diversas variáveis na propensão dos estudantes para criarem a sua própria empresa. Deste modo conclui-se que:

1. As variáveis sócio-demográficas, sexo, idade, nacionalidade, existência de antecedentes familiares empreendedores, profissão dos pais e nível de rendimento familiar, exercem influência na propensão para o empreendedorismo por parte dos alunos finalistas do ensino superior português;
2. As variáveis contextuais, incentivos e infra-estruturas existentes, demonstram exercer influência na propensão para o empreendedorismo por parte dos alunos inquiridos. O mesmo não acontece com as variáveis universidade frequentada, número de disciplinas que focam a temática, instabilidade política e financiamento existente, que não exercem influência na vontade dos estudantes serem empreendedores; e
3. As características de personalidade, abertura à experiência e ser inovador, práticas de desportos e associativismo demonstram exercer influência na propensão ao empreendedorismo dos alunos inquiridos. Por sua vez, as características necessidade de realização pessoal e de alcançar sucesso e capacidade de assumir riscos e desafios não demonstram exercer alguma influência nesta decisão.

De acordo com a análise efectuada pela elaboração do modelo probit ordenado é possível verificar a influência da interacção das variáveis entre si. Os resultados obtidos deste exercício demonstram que a propensão para o empreendedorismo por parte dos estudantes de ensino superior português sofre influência de factores como o sexo, a

nacionalidade, o nível de rendimento dos pais e o envolvimento em associativismo (Camilo, 2005).

Em jeito de síntese é possível enunciar quais os principais fatores que têm vindo a influenciar a propensão dos alunos de ensino superior em Portugal, de acordo com os trabalhos de investigação acima referenciados. Esta propensão, que tem vindo a apresentar valores razoáveis, é influenciada, sobretudo, por fatores como: género, idade, capacidade de assumir riscos, criatividade, conhecimento e experiência empreendedora, percurso e experiência profissional, nível de habilitações, influência de familiares e amigos, rendimento familiar, incentivos e infra-estruturas existentes e práticas de associativismo.

2.5. Condições de Desenvolvimento do Empreendedorismo - Perspetiva Nacional e Regional

Este ponto, do presente trabalho de investigação, tem como principal propósito aferir qual o nível de empreendedorismo que se verifica em Portugal e, em particular, na Região Autónoma dos Açores. Para tal são utilizados os dados constantes no estudo Global Entrepreneurship Monitor 2010, realizado em Portugal e nos Açores.

A escolha destes dados deve-se ao facto deste ser o estudo mais recente acerca desta realidade, o que permite retirar informação mais actualizada e adequada à realidade do empreendedorismo em Portugal e nos Açores.

Para além de se verificar os níveis de empreendedorismo do país e da região, será aqui efectuada uma análise a um conjunto de condições que influenciam a prática do empreendedorismo, o que permitirá aferir quais os factores que mais potenciam ou entravam o desenvolvimento do empreendedorismo, nos contextos em estudo.

Na metodologia do estudo GEM o indicador que melhor espelha o nível de empreendedorismo de um região é a Taxa de Actividade Empreendedora *Early-Stage* (TEA –*Total Early-Stage Entrepreneurship Activity*). Este é o indicador que mede a proporção de indivíduos adultos envolvidos quer num negócio em fase nascente, quer na gestão de um novo negócio.

De acordo com o Anexo 1, é possível verificar qual a Taxa de Actividade Empreendedora de Portugal e dos Açores, o que, também, permite comparar os resultados obtidos com os restantes países abrangidos pelo GEM.

Dos dados recolhidos é perceptível que, em 2010, Portugal registou uma TEA de 4,5%, o que demonstra que em Portugal em cada 100 indivíduos em idade adulta existem 4 a 5 indivíduos que estão envolvidos num negócio em fase nascente ou na gestão de um novo negócio. Esta taxa apresenta-se na nona posição mais baixa dos países do universo GEM 2010, e a sétima mais baixa das 22 economias orientadas para a inovação. Esta taxa fica também abaixo da TEA média associada aos países membros da União Europeia.

Por sua vez, a Região Autónoma dos Açores apresenta, em 2010, uma TEA de 3,5%, o que revela que em cada 100 indivíduos em idade adulta existem 3 a 4 indivíduos envolvidos em negócios em fase nascente ou na gestão de novos negócios. Esta taxa apresenta-se como a terceira mais baixa do estudo GEM 2010, tendo ficado à frente dos valores registados pelo Japão e pela Itália, afastando-se do valor da TEA nacional por um ponto percentual, o que a coloca também numa posição inferior à TEA média dos restantes países com economias orientadas para a inovação e dos países da União Europeia.

Com base nos resultados do GEM é possível traçar uma breve caracterização da actividade empreendedora nas duas realidades aqui abordadas. De acordo com os seguintes parâmetros:

1. **Sector de actividade** - Em Portugal assiste-se ao surgimento de empresas, maioritariamente, ligadas ao sector orientado para o consumidor final, seguindo-se o sector da transformação e o orientado para o cliente organizacional. Por sua vez, nos Açores surgem com mais frequência empresas orientadas para o consumidor e para o cliente organizacional, surgindo de seguida o sector da transformação e também o sector extrativo.
2. **Género dos empreendedores** – O panorama nacional da iniciativa empreendedora de acordo com o género demonstra que o número de empreendedores do sexo masculino apresenta o dobro do sexo feminino. A mesma tendência demonstra a realidade açoriana, onde em cada 100 indivíduos de idade adulta do sexo masculino seis são empreendedores, enquanto que nos indivíduos femininos, apenas, se regista um empreendedor em cada cem indivíduos em idade adulta.
3. **Faixa etária** – A faixa etária onde se verifica uma maior incidência de criação de novas empresas é entre os 25 e os 34 anos, para Portugal. No que toca aos Açores é possível averiguar que a faixa etária é mais alargada e compreende o intervalo de idades entre os 18 e os 34 anos de idade.
4. **Motivações** – Quando se analisa o factor motivação para abertura de novas empresas, junto dos empreendedores portugueses é possível constatar que a grande maioria é motivada pela existência de oportunidades (56,3%), sendo alguns, ainda, motivados pela necessidade (31,1%) e pela mistura dos dois motivos (12,6%). Já os empreendedores açorianos são na sua grande parte

levados a criar os seus negócios por uma questão de necessidade (59%), no entanto, alguns, ainda, são movidos pela existência de algumas oportunidades (30,2%), pela vontade de aumentarem os seus rendimentos (23,8%) e pela vontade de se tornarem independentes (6,4%).

Revela-se de alguma importância efectuar uma análise a um conjunto de factores entendidos como sendo condicionantes da actividade empreendedora para poder interpretar os resultados desta actividade, quer a nível nacional quer a nível regional.

O projecto GEM aborda um conjunto de factores que contemplam aspectos como: apoio financeiro, políticas governamentais, programas governamentais, educação e formação, transferência de investigação e desenvolvimento, infra-estrutura comercial e profissional, abertura do mercado/ barreiras à entrada, acesso a infra-estruturas físicas, normas culturais e sociais e protecção de direitos de propriedade intelectual. É com base no comportamento destes factores que a actividade empreendedora pode ser mais ou menos potenciada. Deste modo, assiste-se, de forma sumária, na Figura 19, a uma elencação que permite averiguar quais os aspectos que potenciam ou que desvalorizam a actividade empreendedora, quer em Portugal, quer nos Açores.

Figura 19. Análise das Condições Estruturais para o Desenvolvimento do Empreendedorismo, a Nível Nacional e Regional

Condições Estruturais	Região Autónoma dos Açores	Portugal
Apoio Financeiro	Fatores positivos: Existência de fundos de capital de risco; existência de ofertas públicas iniciais; existência de subsídios governamentais.	Fatores positivos: Disponibilidade de subsídios governamentais para empresas novas e em crescimento; crescente dinamização da comunidade de <i>Business Angels</i> , no país.
	Fatores negativos: Dificuldades de acesso a financiamento por parte das empresas novas e em crescimento; inexistência de associações de <i>Business Angels</i> .	Fatores negativos: Dificuldade de acesso ao financiamento por parte das empresas novas e em crescimento.
Políticas Governamentais	Fatores positivos: A prioridade que é atribuída às políticas de promoção do empreendedorismo junto das empresas novas e em crescimento, por parte do Governo Regional.	Fatores positivos: Grau em que o potencial de elevado crescimento das empresas é usado como critério de selecção aquando da escolha dos destinatários de apoios ao empreendedorismo.
	Fatores negativos: Dificuldades por parte das empresas em obter licenças e	Fatores negativos: Existência de excesso de burocracia e de carga fiscal;

(Continuação Figura 19)

	autorizações, por parte dos serviços competentes, por excessiva burocracia.	grau em que as políticas governamentais favorecem, de forma consciente, as empresas novas e em crescimento;
Programas Governamentais	Fatores positivos: O número de programas de promoção do empreendedorismo; competência e eficiência dos quadros dos serviços das agências governamentais que prestam serviços na área de apoio à criação de empresas.	Fatores positivos: Apoio prestado pelos parques de ciência e pelas incubadoras às empresas novas e em crescimento.
	Fatores negativos: Insuficiente apoio prestado pelos parques de ciência e incubadoras.	Fatores negativos: Nível de competência e eficiência das pessoas que trabalham para as agências governamentais; facilidade de obtenção de apoios governamentais por parte das empresas novas e em crescimento; eficácia dos programas governamentais.
Educação e Formação	Fatores positivos: Bom nível de educação em negócios e gestão de empresas; importante papel desempenhado pela Universidade dos Açores, na promoção do empreendedorismo no ensino superior, através de formação e de diversos projectos.	Fatores positivos: Papel das entidades de ensino superior no aumento do nível da educação em negócios e gestão.
	Fatores negativos: Fraco grau de atenção para a temática do empreendedorismo, junto do ensino primário e secundário.	Fatores negativos: Pouca atenção dada ao empreendedorismo no ensino primário e secundário.
Transferência de I&D	Fatores positivos: Grau de adequabilidade dos subsídios governamentais para aquisição de tecnologia recente por parte das empresas.	Fatores positivos: Acesso das empresas novas e em crescimento à investigação e tecnologia (comparativamente às empresas já estabelecidas).
	Fatores negativos: Fraco nível de eficiência na transferência de nova tecnologia, ciência e conhecimento dos centros de investigação públicos para as empresas.	Fatores negativos: Capacidade para adquirir tecnologia recente por parte de empresas novas e em crescimento.
Infra-estrutura Comercial e Profissional	Fatores negativos: Elevado custo no acesso das novas empresas a fornecedores de serviços e a consultores.	Fatores positivos: Quantidade existente de fornecedores de serviços e consultores para apoiar empresas novas e em crescimento.
		Fatores negativos: Custo associado aos fornecedores de serviços e consultores.
Abertura do Mercado e Barreiras à Entrada	Fatores positivos: Eficiência e correcta aplicação da legislação anti-trust.	Fatores positivos: Grau em que os mercados dos negócios entre empresas mudam radicalmente de ano para ano.
	Fatores negativos: Grau em que os mercados dos negócios entre empresas mudam radicalmente de ano para ano.	Fatores negativos: Grau em que as empresas novas e em crescimento conseguem suportar o custo de entrada no mercado.
Acesso a Infra-estruturas Físicas	Fatores positivos: Fácil acesso a utilidades básicas por parte das novas empresas.	Fatores positivos: Qualidade do apoio que as infra-estruturas físicas proporcionam às empresas novas e em crescimento (estradas, utilidades, comunicações).
	Fatores negativos: Difícil acesso a infra-estruturas de comunicação, por parte das novas empresas, de forma rápida.	
Normas Sociais e Culturais	Fatores positivos: Grau em que a cultura regional estimula a responsabilidade que o indivíduo tem na gestão da sua vida; valorização do estatuto social e o respeito conquistado pelos empresários de sucesso; grau de aumento das oportunidades para a criação de novas empresas nos últimos cinco anos.	Fatores positivos: Estímulo da criatividade e da inovação, por parte da cultura nacional.
	Fatores negativos: Grau em que a cultura regional estimula o empreendedorismo que implica risco; grau em que as pessoas encaram a carreira de empreendedor como uma opção desejável; grau em que os empreendedores conseguem aproveitar as oportunidades existentes.	Fatores negativos: Cultura nacional pouco orientada para o empreendedorismo; falta de estímulo, por parte da cultura nacional, ao êxito individual, conseguido através do esforço próprio; o aumento do empreendedorismo tem surgido como consequência do aumento do desemprego.
Protecção de Direitos de Propriedade Intelectual	Fatores positivos: Abrangência da legislação relativa aos direitos da propriedade intelectual e reconhecimento de que esses direitos devem ser respeitados.	Fatores positivos: Reconhecimento de que os direitos de protecção da propriedade intelectual devem ser respeitados.
	Fatores negativos: Normalidade associada às vendas ilegais de produtos com direitos de autor pirateados.	Fatores negativos: Eficácia associada à aplicação da legislação relativa aos direitos de protecção da propriedade intelectual.

Fonte: Adaptado de GEM Portugal 2010; GEM Açores 2010.

Importa reter aqueles que são considerados como os aspectos mais marcantes para potenciar ou para travar a actividade empreendedora, em termos nacionais e regionais. Deste modo, os fatores favoráveis e desfavoráveis à actividade empreendedora, de acordo com o GEM 2010, para Portugal e para os Açores, são os seguintes:

- 1. Fatores favoráveis** – Os aspectos que contribuem de forma mais evidente para potenciar a atividade empreendedora em Portugal são o facto dos individuos que criam novas empresas terem facilidade no acesso a infra-estruras físicas que facilitam o desempenho das suas actividades, bem como o apoio que os parques de ciência e incubadoras de empresas prestam às novas empresas. No caso dos Açores, o factor que mais tem contribuido para potenciar a atividade empreendedora é a existência de programas de apoio e promoção da actividade empreendedora, que têm sido desenvolvidos pelo Governo Regional e por outras entidades públicas, como é o caso específico da Universidade dos Açores.
- 2. Fatores desfavoráveis** – Aspectos como a inadequabilidade dos programas governamentais, o nível de competência e eficiência das pessoas que trabalham nas agências governamentais e a pouca atenção dada ao empreendedorismo no ensino secundário e primário são os mais marcantes para o entrave da actividade empreendedora, em Portugal. Nos Açores, podem-se registar como principais obstáculos ao desenvolvimento do empreendedorismo, à semelhança do todo nacional, a pouca atenção dada ao empreendedorismo no ensino primário e secundário, acrescido de outros aspectos como o custo das empresas novas em aceder a fornecedores de serviços e consultores e o grau insuficiente em que a cultura regional estimula o empreendedorismo que implica assumir riscos.

De acordo com este cenário das condições para o desenvolvimento do empreendedorismo, torna-se mais claro perceber os baixos valores que assumem as taxas de atividade empreendedora, a nível nacional e regional.

Os dados aqui enunciados servem como um ponto de partida para estabelecer uma relação de comparação entre o panorama geral do empreendedorismo, no contexto em estudo, e os resultados que surgirão da investigação que tem como objectivo analisar, apenas, o panorama do empreendedorismo no contexto do ensino superior na Região Autónoma dos Açores, permitindo, deste modo, perceber se o cenário se mantém ou se estamos perante realidades distintas com comportamentos diferentes em termos de actividade empreendedora.

3. Metodologia

Nesta etapa do trabalho pretende-se dar a conhecer de que forma se desenvolveu a recolha, tratamento e o processamento dos dados que suportam as conclusões desta investigação. Será, também, descrito o modelo empírico utilizado para aferir o nível de propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior na Região Autónoma dos Açores e perceber quais os fatores que mais a condicionam.

3.1. Metodologia e Recolha de Dados

Torna-se cada vez mais importante perceber quais são os fatores que contribuem para influenciar a decisão de um indivíduo se tornar empreendedor. Tendo em conta o principal objectivo do trabalho de investigação, ou seja perceber qual o nível de propensão empreendedora nos estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores e os factores que a influenciam, foi adoptada uma metodologia baseada em bibliografia científica e técnica, capaz de originar resultados concretos. A partir dos resultados obtidos foi possível retirar as principais conclusões acerca do tema em estudo.

O estudo incidiu sobre os estudantes de ensino superior da Universidade dos Açores, nos seus três polos (Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta) e das Escolas Superiores de Enfermagem (Ponta Delgada e Angra do Heroísmo), uma vez que são estas as entidades de ensino superior a atuar, diretamente, na Região Autónoma dos Açores, tendo em conta que o tema em estudo se refere ao estudo do nível de empreendedorismo junto de estudantes do ensino superior, e dos factores que o influenciam.

Antes de ser efectuada uma recolha de dados empíricos, junto dos estudantes das referidas entidades, foi efectuada em levantamento bibliográfico. Com base neste levantamento bibliográfico, foram apuradas as principais variáveis a incluir no estudo e foi construído, neste seguimento, o questionário a ser utilizado, para efectuar o levantamento dos dados empíricos a utilizar, bem como a definição da amostra.

O questionário utilizado é constituído por 35 perguntas fechadas de modo a obter, de forma mais eficaz, as respostas dos inquiridos. Este questionário reúne questões que se prendem com a caracterização pessoal dos inquiridos, o seu percurso social e profissional, a sua percepção acerca do empreendedorismo e predisposição para criarem a sua própria empresa, bem como com a sua opinião acerca das políticas ou acções que podem ou não potenciar a propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior. Também se pretende conhecer qual o empresário/ gestor que estes reconhecem como sendo o empreendedor de sucesso da Região Autónoma dos Açores. O questionário construído e aplicado junto do público-alvo deste estudo encontra-se patente no Anexo 3 deste trabalho.

Procedeu-se, igualmente, à definição da amostra para proceder à aplicação do questionário. Na selecção da amostra pretendeu-se abranger os estudantes da Universidade dos Açores e da Escolas Superiores de Enfermagem, abrangendo as várias áreas de formação existentes nestas instituições de ensino superior. Esta amostra permite-nos ter uma percepção da vocação empreendedora dos estudantes ao longo do seu percurso académico, incluindo a fase final do mesmo.

Procedeu-se à aplicação de 356 inquéritos, que foram distribuídos pelos estudantes com a ajuda de diversos docentes da Universidade dos Açores e das Escolas Superiores de Enfermagem, durante o segundo semestre do ano lectivo de 2010/2011. Desta

aplicação obteve-se resposta a 305 inquéritos, o que representa uma taxa de resposta de aproximadamente 87% , destes, 300 questionários apresentaram respostas válidas para o tratamento de dados.

Uma vez efectuada a recolha de dados reuniram-se as condições necessárias para o procedimento da análise estatística. Esta análise estatística permitiu efectuar uma caracterização da amostra em estudo e o cruzamento dos dados que permitiram inferir quanto à posição dos estudantes inquiridos face ao empreendedorismo e à possibilidade de criarem o seu próprio negócio.

Já aqui foram expostas as várias etapas levadas a cabo para desenvolver este estudo, mas resta, ainda, mencionar o modelo empirico utilizado para aferir os fatores que influenciam a propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores.

Adoptou-se o modelo *logit* multinominal atendendo às características das variáveis em estudo e tendo em conta que este já foi, anteriormente, utilizado em estudos efetuados por outros autores e com objectos de estudo semelhantes ao do presente estudo (Grilo e Thurik, 2004; Thurik *et al.*, 2006 e Grilo e Thurik, 2008).

Com a utilização deste modelo será possível efectuar uma análise da situação de cada variável, face à respectiva influência sobre a propensão empreendedora, através de uma estrutura semelhante à dos modelos probabilísticos, tendo em consideração que a variável dependente assume mais de dois valores e que é do tipo categórico.

Os estudantes inquiridos são confrontados com a questão: já alguma vez teve o seu próprio negócio? As hipóteses de resposta a esta questão são várias. É com base nas respostas a esta questão que é possível verificar qual a propensão empreendedora dos estudantes, que se apresenta como a variável dependente deste estudo.

As variáveis que poderão influenciar a variável dependente, bem como as várias modalidades que a propensão empreendedora pode assumir, encontram-se descritas na Figura 20.

Figura 20. Descrição das Variáveis Dependentes e Independentes.

Variável Dependente		Variáveis Independentes	
Já alguma vez teve o seu próprio negócio?	Não e não tenho qualquer interesse em ter	Características demográficas	Género
			Idade
			Estatuto
	Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa	Características psicológicas	Risco
			Inovação
			Desempenho
	Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo	Fatores de contexto	Experiência extracurricular
	Experiência profissional		
	Contexto familiar		
Estou presentemente a pensar nessa possibilidade	Área de estudo		
Já dei alguns passos para criar um negócio	Ano de estudo		
Sim, já criei uma empresa			

No estudo a utilização do modelo *logit* multinominal tem como objectivo estimar a significância dos fatores que influenciam o comportamento dos estudantes, quando estes são confrontados com a possibilidade de se tornarem ou não empreendedores.

Tendo em conta as variáveis em análise e as suas características foi possível aplicar o modelo mencionado, tendo por base a expressão que de seguida se apresenta:

$$\Pr[Y_i = j] = \frac{\exp(\beta'_j X_i)}{\sum_{j=0}^J \exp(\beta'_j X_i)} \quad (1)$$

Onde:

$\Pr[Y_i = j]$ representa a probabilidade dos estudantes se tornarem ou não empreendedores;

J representa o número de possibilidades dos estudantes não se tornarem empreendedores;

$j = 0$ representa a possibilidade dos estudantes se tornarem empreendedores;

X_i assume-se como o vector ponderador das variáveis independentes;

β_j apresenta-se como o vector estimador dos parâmetros.

Quando a equação *logit* apresentada anteriormente é alvo de um rearranjo, transforma-se na seguinte equação da regressão:

$$P_i = \frac{e^{(b_0 + b_1 x_1 + \dots + b_v x_v)}}{1 + e^{(b_0 + b_1 x_1 + \dots + b_v x_v)}} \quad (2)$$

A equação utilizada para a estimação dos coeficientes é a seguinte:

$$\ln \left[\frac{P_i}{1 - P_i} \right] = b_0 + b_1 x_1 + \dots + b_v x_v \quad (3)$$

A parcela $P_i/(1 - P_i)$ representa o rácio de probabilidade. No seu todo, a equação 3 representa o *logit* como uma função linear das variáveis independentes (X_s). Esta equação remete para a interpretação das ponderações *logit* para as variáveis, da mesma forma que numa regressão linear. Ou seja, o peso de cada uma das variáveis demonstra em que grau esta irá influenciar ou não a propensão empreendedora nos estudantes. A propensão empreendedora dos estudantes pode alterar-se de acordo com a alteração das variáveis, como é o exemplo da variável idade. Podemos verificar se a alteração da idade dos estudantes altera a sua vocação empreendedora. No caso da equação 2, o

elemento é entendido como o factor multiplicador, através do qual o rácio de probabilidade se altera caso X se alterar por uma unidade.

Os coeficientes estimados pela aplicação do modelo permitem interpretar o que acontece quando ocorre uma mudança na ordem de uma unidade numa variável independente, mantendo-se as outras variáveis constantes. É possível verificar que a estimação de um coeficiente positivo implica um aumento na possibilidade dos estudantes se tornarem empreendedores. A estimação de um coeficiente negativo implica um decréscimo na tendência dos estudantes se tornarem empreendedores.

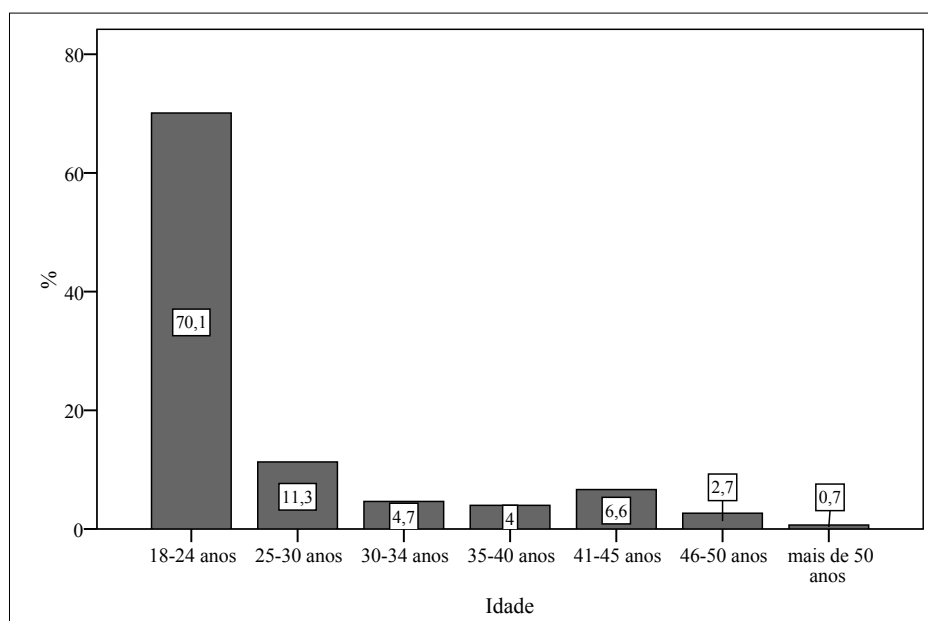
A interpretação dos resultados obtidos pela aplicação do modelo *logit*, que consta do ponto 4.5 do trabalho, permitirá perceber quais os aspectos que mais condicionam a propensão empreendedora dos estudantes alvo do estudo.

3.2. Caracterização da Amostra

Uma vez exposta a metodologia adotada torna-se, igualmente, importante traçar uma caracterização da amostra final que serviu de base para a realização do estudo. Deste modo, neste ponto do trabalho irá realizar-se uma análise sucinta à distribuição dos inquiridos de acordo com os seguintes critérios: idade, género, instituição de ensino superior, grau de estudos, ano de frequência, área científica e estatuto de estudante.

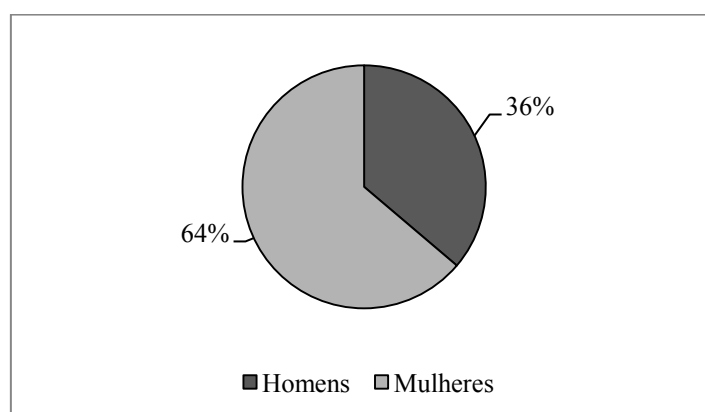
Analisando a amostra de acordo com os escalões etários dos inquiridos é possível verificar que os indivíduos abrangem idades a partir dos 18 anos, sendo que a maioria dos inquiridos pertence, claramente, ao intervalo de idades compreendido entre os 18 e os 24 anos (70,1%), seguindo-se o intervalo de idades entre aos 25 e os 30 anos e, por fim, o intervalo entre os 41 e os 45 anos (6,6%), de acordo com os dados apresentados na Figura 21.

Figura 21. Distribuição dos Inquiridos por Idade (%).



A distribuição dos indivíduos inquiridos de acordo com o género (Figura 22), espelha que 36% dos estudantes inquiridos são pertencentes ao género masculino, face a 64% pertencentes ao género feminino.

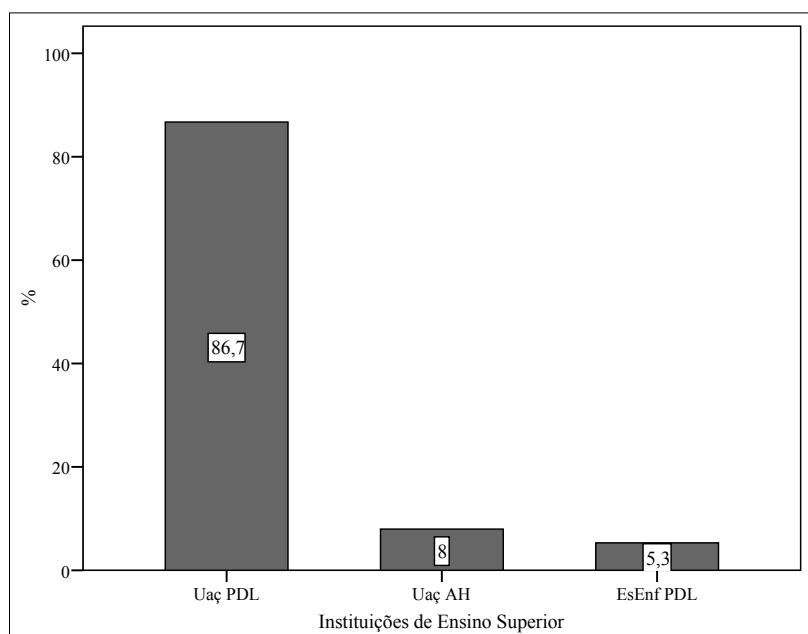
Figura 22. Distribuição dos Inquiridos por Género (%).



Os inquiridos encontram-se a estudar na Universidade dos Açores e na Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada. Apesar de terem sido aplicados inquéritos nos três polos da Universidade dos Açores, apenas se obtiveram respostas provenientes dos polos de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo. Nenhum estudante da Escola

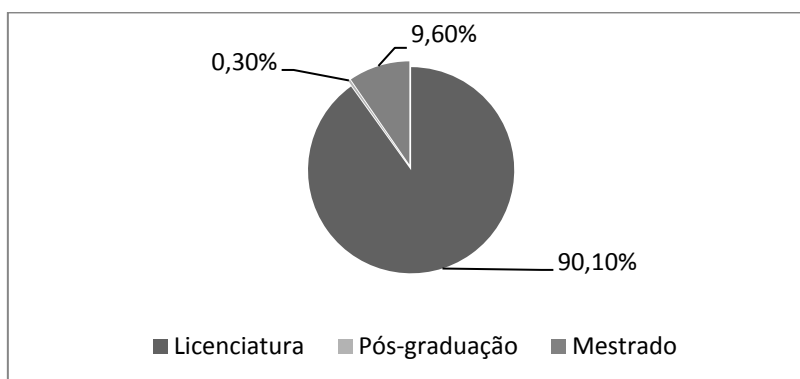
Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo enviou resposta aos inquiridos enviados. Deste modo, a distribuição dos estudantes inquiridos por instituição de ensino é a seguinte: 86,7% são pertencentes à Universidade dos Açores do polo da Ponta Delgada, 8% ao polo de Angra do Heroísmo e 5,3% à Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada (Figura 23).

Figura 23. Distribuição dos Inquiridos por Instituição de Ensino Superior (%).



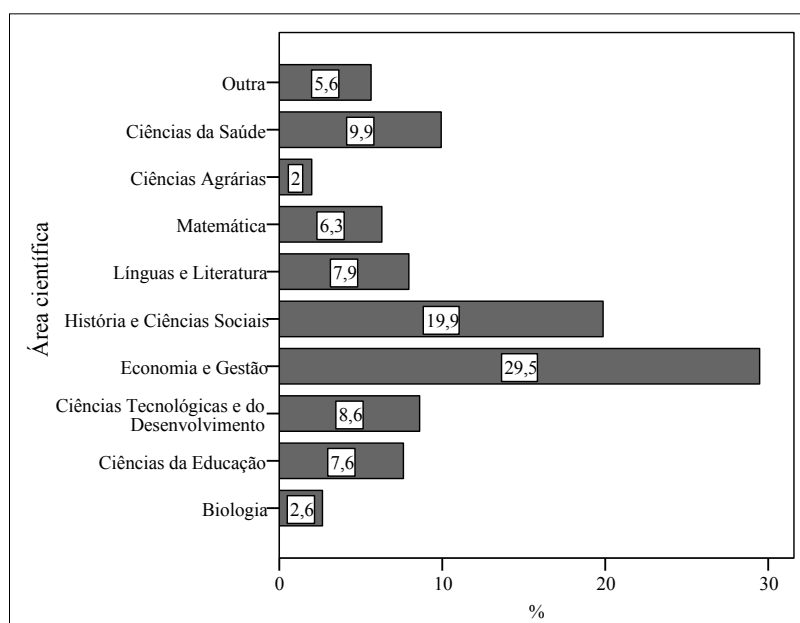
No que toca ao grau de estudos frequentado pelos estudantes inquiridos é de notar que na sua maioria estes frequentam o grau de licenciatura, sendo que 90,1% pertencem ao grau de licenciatura, face a 9,60% que frequentam o grau de mestrado e 0,30% que frequentam pós-graduação, como se verifica na Figura 24. É pertinente realçar que, apesar do presente estudo contemplar também alunos do grau de doutoramento, não foi possível apurar nenhum resultado dos inquiridos distribuídos. Por este facto verifica-se na amostra a ausência da representação dos estudantes deste grau de estudos.

Figura 24. Distribuição dos Inquiridos por Grau de Estudos (%).



A distribuição dos inquiridos por área científica revela que, dos estudantes inquiridos, as áreas científicas mais representativas são a Economia e Gestão (29,5%) e História e Ciências Sociais (19,9)% seguindo-se as Ciências da Saúde (9,9%). A restante distribuição dos estudantes de acordo com as áreas científicas é possível verificar pela leitura da Figura 25.

Figura 25. Distribuição dos Inquiridos por Área Científica (%).



Em termos de anos de frequência no ensino superior foi possível aferir que na amostra é predominante os estudantes que pertencem ao 3º ano de frequência no ensino

superior, sendo o ano menos representado o 4º ano. As distribuições apresentadas para os vários anos de frequência são os seguintes: 1º ano com 24,5%; 2º ano com 22,5%; 3º ano com 52,7%; e 4º ano com 0,7%.

Aferiu-se ainda a distribuição dos estudantes inquiridos de acordo com o seu estatuto, ou seja verificou-se de entre os inquiridos qual a percentagem de alunos que tinham o estatuto de estudantes trabalhadores e os que apenas tinham estatuto normal de estudante. Os dados recolhidos permitiram verificar que 23,90% dos inquiridos goza do estatuto de estudante trabalhador, face a 76,10% que assumem o estatuto normal de estudante.

Foi com base na amostra aqui caracterizada que surgiram os resultados obtidos neste trabalho de investigação. Os resultados serão apresentados e analisados no próximo tópico do trabalho e que permitirão retirar as principais conclusões do estudo.

4. Análise dos Resultados

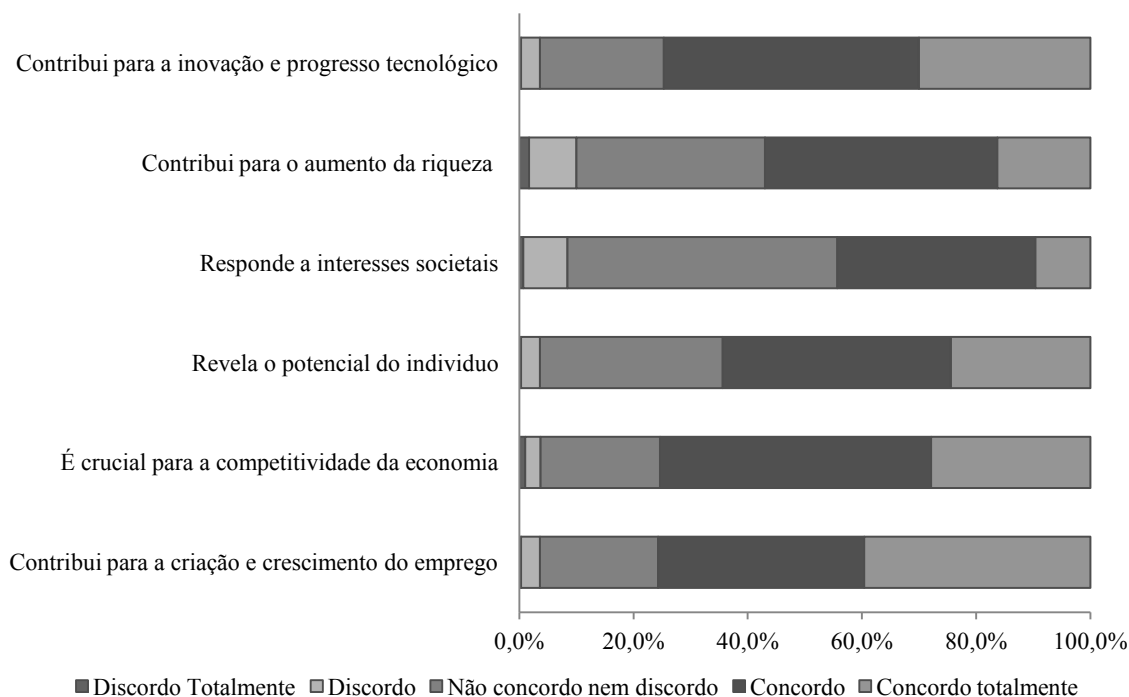
Uma vez aplicado o questionário junto da amostra descrita no ponto anterior deste trabalho, reuniram-se as condições para efetuar o tratamento dos dados recolhidos e a análise efetuada à perceção dos estudantes do ensino superior da Região Autónoma dos Açores face ao empreendedorismo e ao papel dos empreendedores. Também é analisada a familiaridade dos estudantes com a temática do empreendedorismo, os fatores que influenciam a sua propensão empreendedora, bem como a perceção do papel da universidade como entidade impulsionadora do empreendedorismo junto dos estudantes.

4.1. Perceção dos Estudantes Acerca do Empreendedorismo e do Empreendedor

Nesta secção será efetuada a análise à perceção dos estudantes do ensino superior dos Açores acerca do empreendedorismo e do empreendedor. Para tal serão analisadas as respostas às questões 15, 16, 20, 21, 22, 23, 24 e 35 do questionário.

Da análise à questão 15, que mede o nível de concordância dos inquiridos com algumas afirmações em relação ao empreendedorismo, é possível verificar que, em termos gerais, a opinião dos estudantes do ensino superior é a de que o empreendedorismo transmite um contributo positivo para a condição económica. De acordo com a Figura 26 é possível retirar algumas conclusões mais precisas acerca da posição dos estudantes sobre esta temática.

Figura 26. Nível de Concordância dos Estudantes com Aspectos que Caracterizam o Empreendedorismo(%).



De acordo com as respostas obtidas nesta questão é possível inferir que 75,6% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedorismo contribui para a criação de emprego. No que toca ao entender o empreendedorismo como sendo crucial para a competitividade da economia, 75,4% dos inquiridos, também, concorda ou concorda totalmente com a afirmação. Quando inquiridos acerca do facto do empreendedorismo poder revelar o potencial do indivíduo, 64,3% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com esta possibilidade.

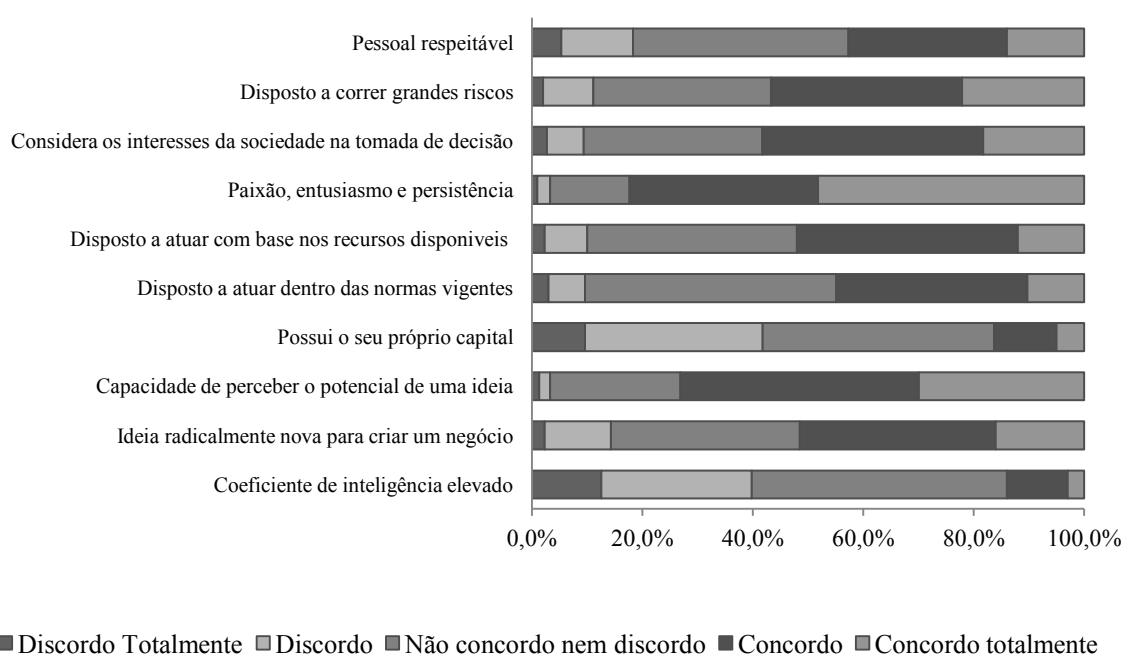
Os inquiridos demonstram um parecer tendencialmente neutro em relação à afirmação de que o empreendedorismo responde a interesses sociais, pois, apenas, 44,3% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação, face a 47,3% dos inquiridos que diz não concordar nem discordar com essa afirmação.

Verifica-se, ainda, que 57% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedorismo contribui para o aumento da riqueza da população e 74,7% dos mesmos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedorismo contribui para a inovação e progresso tecnológico de uma economia.

Constata-se, portanto, que os inquiridos têm uma percepção positiva dos impactos do empreendedorismo na economia e no empreendedor, à exceção, apenas, do impacto no interesse da sociedade, dado que os inquiridos não associam o empreendedorismo com a prossecução dos objetivos da sociedade, adotando uma posição neutra.

A questão 16 mede o nível de concordância dos inquiridos com algumas afirmações sobre os aspetos que caracterizam os empreendedores. De seguida será realizada uma análise aos resultados obtidos nesta questão, que são possíveis de verificar na Figura 27.

Figura 27. Nível de Concordância dos Estudantes com Aspectos que Caracterizam o Empreendedor (%)



Nas respostas dos inquiridos à questão 16 é possível observar que 14% concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é alguém que tem um quociente de inteligência elevado. No entanto, a maioria (46,2%) dos inquiridos não concorda nem discorda com a afirmação anterior.

Por sua vez, 51,4% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é alguém que tem uma ideia radicalmente nova para a criação de um novo negócio e 73,1% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é alguém que tem a capacidade de perceber o potencial de uma ideia.

No que toca à afirmação do empreendedor ser alguém que possui o seu próprio capital, 16,3% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação, mas a maioria (41,9%) não concorda, nem discorda com a afirmação anterior. De notar que 41,8% discorda ou discorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é alguém que possui o seu próprio capital.

Dos estudantes inquiridos, 44,9% concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é alguém que está disposto a atuar dentro das normas vigentes. De notar uma percentagem de 45,5% que não concorda nem discorda com esta afirmação.

Perante a afirmação de que o empreendedor é alguém que está disposto a trabalhar com base nos recursos de que dispõe no presente, 52% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente. Já no que diz respeito ao facto do empreendedor ser alguém com paixão, entusiasmo, iniciativa e persistência, 82,3% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é alguém que detém tais características.

Verifica-se, ainda, que 58,3% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é alguém que considera os interesses da sociedade na sua tomada de decisões.

Face à afirmação do empreendedor ser alguém que está disposto a correr grandes riscos por causa de uma nova ideia, 56,7% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação.

De entre os estudantes inquiridos, 42,7% concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é uma pessoa respeitável, face a 39% dos inquiridos que não concorda nem discorda com a afirmação anterior.

É possível assumir que um individuo terá uma maior ou menor propensão de ser empreendedor, dependendo da perceção que tem acerca do que implica ser empreendedor. Apesar da maioria dos inquiridos ser neutro à afirmação que um empreendedor é alguém com uma inteligência superior à média ou que dispõe do seu capital (duas hipotéticas barreiras muito significativas), um facto importante e muito positivo é que uma elevada percentagem dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que o empreendedor é alguém que tem uma ideia radicalmente nova para a criação de um novo negócio.

A anterior situação, em que uma elevada percentagem dos inquiridos considera que para se ser empreendedor é necessário ter uma ideia extremamente inovadora poderá estar na base de uma possível menor taxa na região de propensão a ser empreendedor.

Sem prejuízo da definição de empreendedorismo de Carland *et al.* (1984), será necessário suavizar a noção de inovação que está associada ao empreendedorismo. Por exemplo, essa necessidade de suavizar a noção de inovação surge no 5º Relatório sobre Coesão Económica, Social e Territorial da União Europeia. Este relatório refere que na

maioria das regiões europeias, a aposta na inovação deverá concentrar-se na absorção e disseminação de práticas inovadoras produzidas noutras regiões, ao invés de na inovação radical. Daqui infere-se que o problema da noção de “inovação extrema” associada ao empreendedorismo, é um problema que transcende a realidade açoriana.

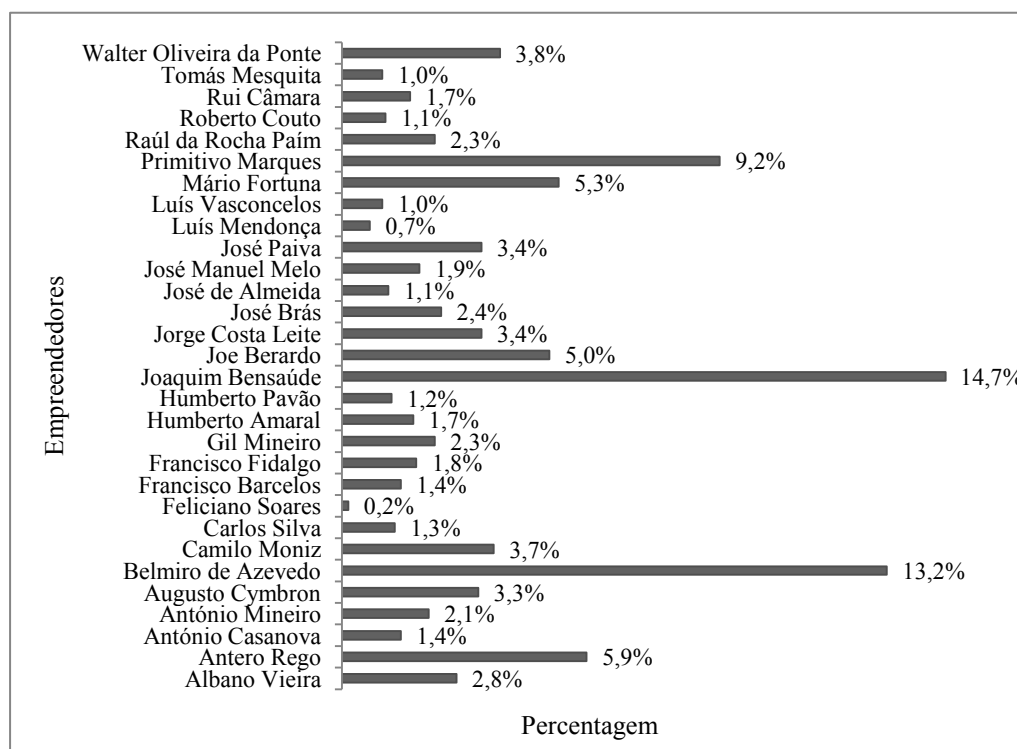
Outra conclusão interessante que se pode retirar dos resultados apresentados nesta questão é que a larga maioria dos inquiridos tem noção de que um empreendedor é alguém que tem uma paixão, entusiasmo, iniciativa e persistência na criação de um negócio. Em consequência pode-se assumir que a maioria dos inquiridos tem noção do trabalho, compromisso e persistência que estão na base da construção de uma ideia de sucesso.

Na questão 35 do questionário aplicado os estudantes, estes são levados a eleger de um elenco de 30 empresários e gestores da Região Autónoma dos Açores 3 que consideram que são empreendedores de referência no arquipélago.

Uma vez efetuada a escolha dos estudantes inquiridos, foi possível apurar que os empresários/ gestores mais votados por estes foram: Joaquim Bensaúde (Grupo Bensaúde) com 14,7% das votações, seguindo-se Belmiro de Azevedo (Sonae) com 13,2% e Primitivo Marques (Grupo Marques) com 9,2%.

Os restantes empresários/ gestores alvos da votação obtiveram valores mais baixos, não assumindo grandes diferenças entre si. Estes valores encontram-se transpostos na Figura 28, que de seguida se apresenta.

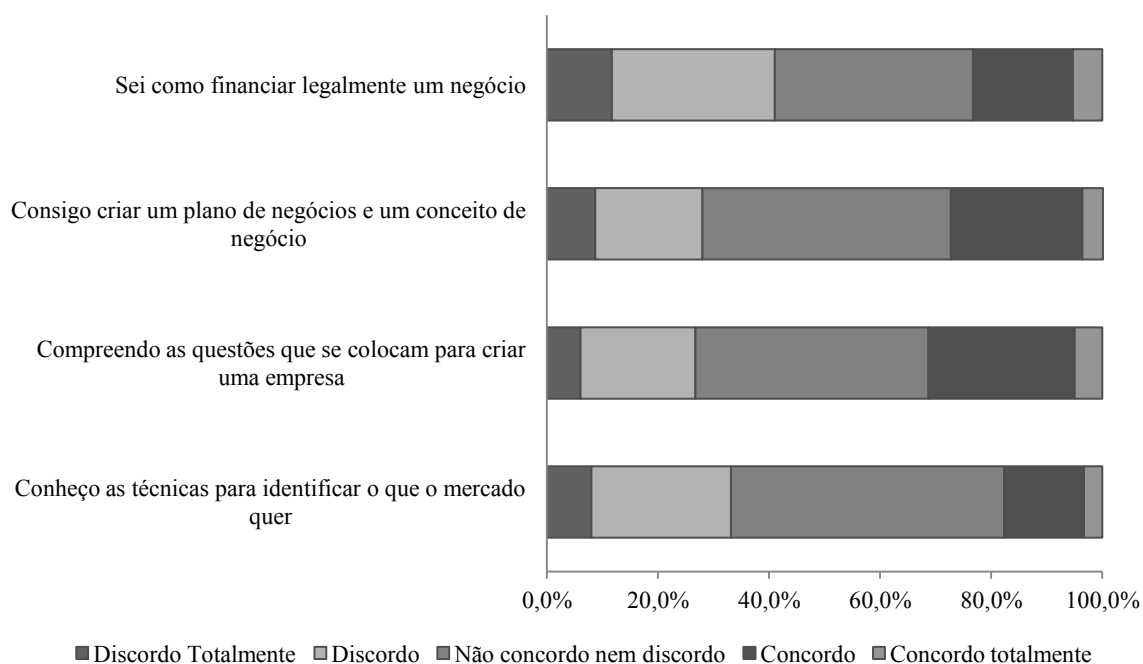
Figura 28. Empresários/ Gestores Reconhecidos como Empreendedores de Sucesso na Região Autónoma dos Açores, (%).



Para além de se averiguar qual a noção que os estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores têm acerca do papel e importância do empreendedorismo e do dos empreendedores, em geral, também se tentou averiguar no questionário aplicado qual a perceção dos estudantes em relação às competências técnicas empreendedoras que estes possam deter. Tentou-se, também, perceber qual consciência que estes têm no que diz respeito à matéria de aspetos diretamente ligados com a criação de negócios, nomeadamente inferir a sua opinião em relação à distribuição dos empreendedores por género, a idade média dos empreendedores que criam o seu próprio negócio, qual as hipóteses de criar um negócio bem sucedido e qual o volume de capital necessário para criar o seu próprio negócio.

Na questão 20 os estudantes inquiridos são levados a efetuar uma autoavaliação das suas competências empreendedoras, de acordo com a demonstração do seu nível de concordância com um conjunto de afirmações que se encontram descritas na Figura 29.

Figura 29. Autoavaliação dos Estudantes às suas Competências Empreendedoras, Nível de Concordância (%).



Da análise às respostas da questão 20, podemos retirar algumas conclusões que de seguida se apresentam. Dos estudantes inquiridos, 17,7% concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que conhece as técnicas para identificar o que o mercado quer. No entanto, a maioria (49,2%) dos inquiridos não concorda nem discorda com a afirmação anterior.

No que toca ao conhecer o tipo de questões que se colocam no momento da criação da empresa, 31,3% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação. À semelhança da afirmação anterior, a maioria (42%) dos inquiridos não concorda nem discorda com esta afirmação.

Verifica-se que 27,4% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que consegue criar um plano de negócios e um conceito de negócio. Já 44,7% dos inquiridos não concorda, nem discorda com esta afirmação.

Sobre a afirmação de saber como financiar legalmente um novo conceito de negócio, 23,3% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que sabe. Por sua vez, a maioria (35,7%) discorda ou discorda completamente com a afirmação anterior.

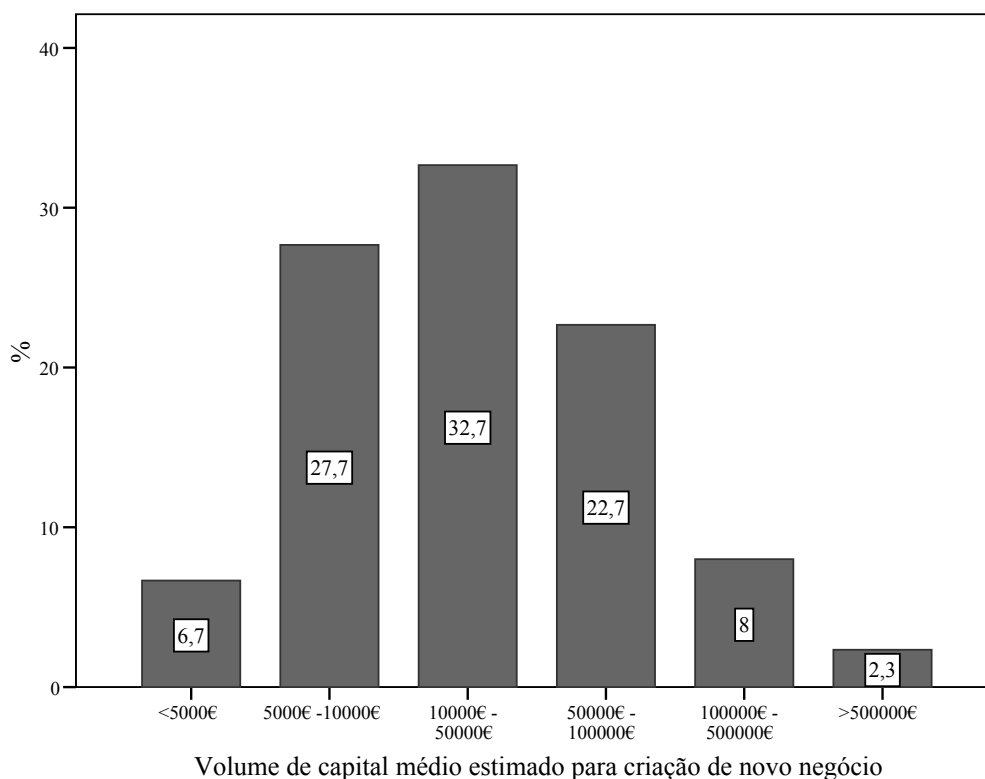
Das respostas analisadas podemos depreender que a maioria dos inquiridos é indiferente quanto às suas capacidades gerais para criar um negócio. É de salientar que a maioria não sabe como financiar um novo conceito de negócio e mostra alguma incerteza o plano de negócios e o conceito de negócios.

Na questão 21 do questionário os estudantes são confrontados com a possibilidade de darem a sua opinião relativamente ao que acham que são as hipóteses de criar um negócio bem sucedido, ou seja, com um tempo de sobrevivência superior a 5 anos. Na resposta a esta questão, em média, os estudantes respondem que apenas 50,03% dos negócios têm hipóteses de serem bem sucedidos.

Quando confrontados com aquela que pensam ser a idade média de um empreendedor que cria o seu próprio negócio (questão 22), os estudantes inquiridos apontam para os 30 anos de idade.

Os estudantes são, ainda, inquiridos acerca de qual pensam ser a distribuição dos empreendedores em termos de género, na questão 23 do questionário. Em média, respondem que 65% dos empreendedores são pertencentes ao género masculino e 35% são pertencentes ao género feminino.

Figura 30. Estimativa dos Estudantes para o Volume de Capital Necessário para Abrir um Negócio (%).



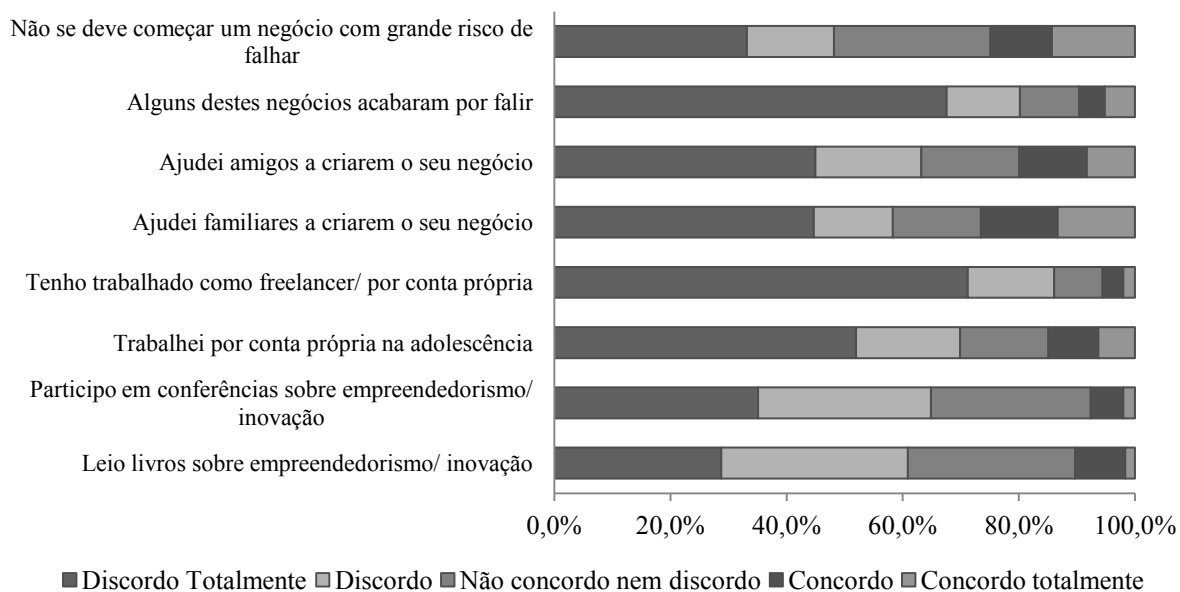
Ainda no que toca ao perceber qual a consciência que os estudantes têm no que diz respeito à matéria de aspetos diretamente ligados à criação de negócios, formulou-se a questão 24, que visa perceber qual a opinião dos estudantes em relação ao volume de capital necessário para criar o seu próprio negócio. A esta questão os estudantes respondem, com maior frequência, que para criar um novo negócio é necessário um volume de capital entre os 5.000€ e os 100.000€ (Figura 30)

4.2. Familiaridade dos estudantes com o empreendedorismo

Neste ponto do trabalho será efetuada uma análise à familiaridade dos estudantes do ensino superior açoriano com o empreendedorismo, durante o seu percurso académico.

A análise da familiaridade com a temática do empreendedorismo é analisada pelas respostas à questão 25, cujos resultados estão demonstrados na Figura 31.

Figura 31. Fontes de Familiaridade dos Estudantes com Aspectos Relacionados com o Empreendedorismo, nível de concordância (%).



Da análise às respostas à questão 25 podemos retirar algumas ilações que se explicam de seguida. De acordo com os resultados apurados é possível verificar que 10,3% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que lê regularmente livros/artigos sobre empreendedorismo e inovação, mas, na sua maioria, os inquiridos (60,9%) discordam ou discordam totalmente com a referida afirmação.

Quanto à afirmação que participa regularmente em conferências sobre empreendedorismo e/ou inovação, 7,6% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente, face a 64,9% dos inquiridos que discorda ou discorda totalmente.

De entre os estudantes inquiridos, 14,9% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que, na adolescência, trabalhou por conta própria. No

entanto 69,9% dos inquiridos demonstra que discorda ou discorda totalmente com a afirmação exposta. No que toca à afirmação de que está a trabalhar como freelancer e está a trabalhar por conta própria, 5,6% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação, ao invés de 86,1% dos inquiridos que discorda ou discorda totalmente.

É possível constatar que 26,4% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que seguiu de perto ou ajudou familiares que criaram o seu próprio negócio (68,3% discorda ou discorda totalmente com a afirmação). Já a afirmação de que seguiu de perto ou ajudou amigos ou conhecidos a criaram o seu próprio negócio, 19,9% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a afirmação e a maioria (63,20%) dos inquiridos discorda ou discorda totalmente. Perante a afirmação de que um ou mais do que um dos negócios mencionados anteriormente acabaram por falir, 9,5% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente, sendo maioria (80,2%) dos inquiridos discorda ou discorda totalmente com a afirmação.

Ainda 24,9% dos inquiridos demonstra que concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que não se deve começar um negócio quando existe um grande risco de ele falhar, face a uma maioria de 48,2% dos inquiridos que discorda ou discorda totalmente com este aspeto.

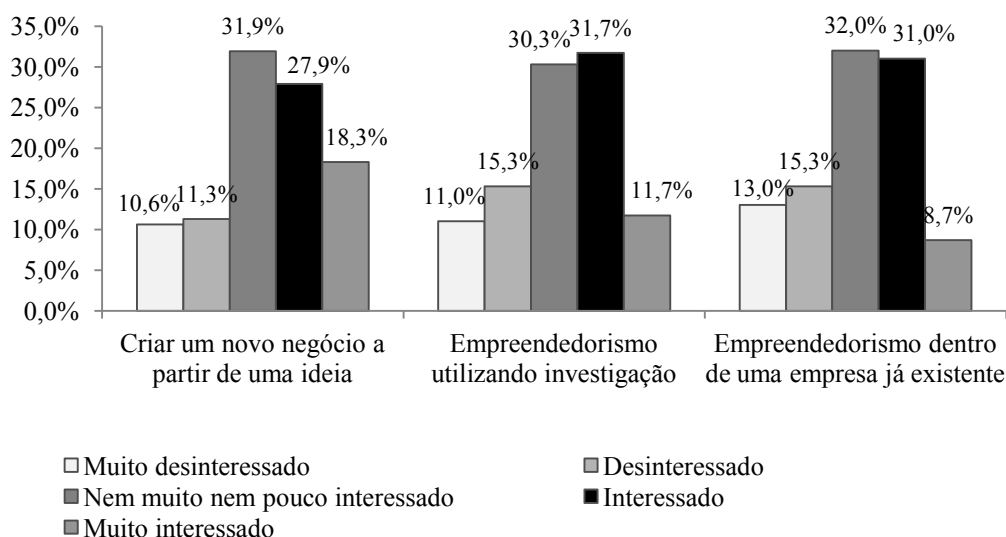
Dos resultados obtidos, é possível deduzir que a maioria dos inquiridos se esforça na procura por conhecer mais sobre a temática do empreendedorismo quer seja através da leitura de bibliografia ou pela participação em conferências sobre esta temática.

Um ponto positivo a retirar da análise às respostas da questão 25 é o facto de a maioria dos inquiridos discordarem da noção de que não se deve começar um negócio quando existir o risco deste falhar. Das restantes questões, retira-se que os inquiridos têm pouco contacto com o empreendedorismo, seja através de trabalho próprio (na

adolescência ou na fase adulta), seja através do contacto com as fases iniciais de empreendimentos de familiares ou de conhecidos.

A questão 26 do questionário realizado tem como principal objetivo perceber se os estudantes inquiridos demonstram algum tipo de interesse por algum tipo de empreendedorismo, no decorrer do seu percurso académico. De acordo com os resultados das repostas recolhidas, espelhados na Figura 32, é possível chegar a algumas conclusões, abaixo apresentadas.

Figura 32. Interesse dos Estudantes pelo Empreendedorismo, Durante o Percurso Académico, Nível de Interesse (%).



Conclui-se, então, que 46,2% dos inquiridos estaria interessado ou extremamente interessado em criar um novo negócio a partir de uma ideia. Por outro lado, 31,9% não estaria nem muito nem pouco interessado. Por sua vez, 43,4% dos estudantes inquiridos demonstra que estaria interessado ou extremamente interessado em empreendedorismo utilizando a investigação, enquanto que 30,3% não estaria nem muito nem pouco interessado. Verifica-se, também, que 39,7% dos inquiridos estaria interessado ou

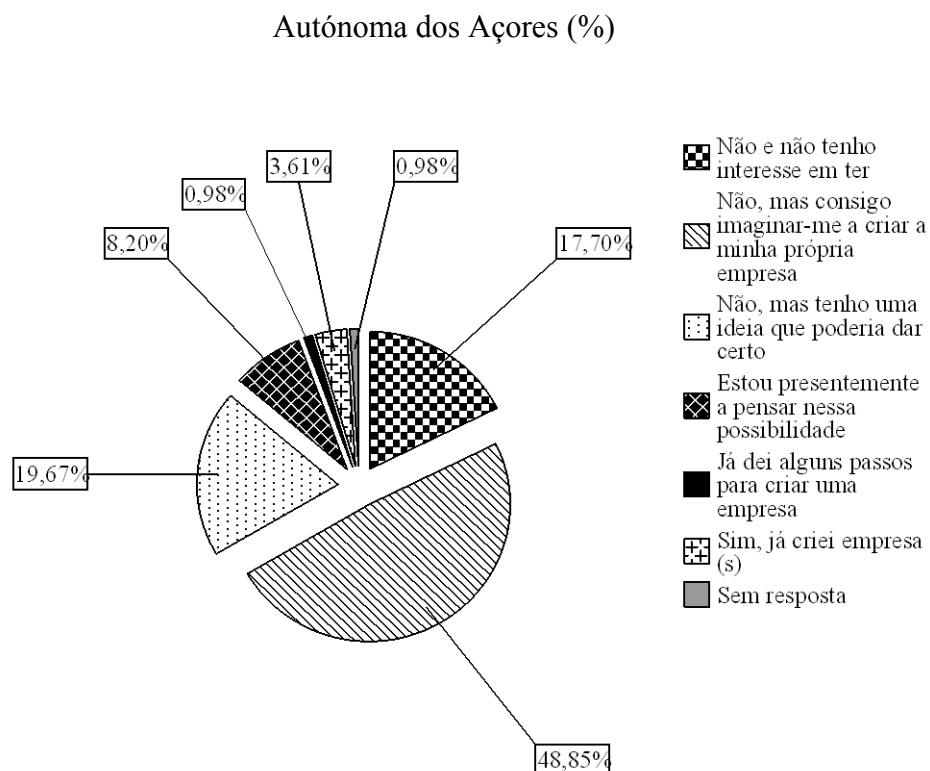
extremamente interessado em empreendedorismo dentro de uma empresa já existente. Por outro lado, 32% não estaria nem muito nem pouco interessado. De um modo geral constata-se a existência de boas percentagens de interesse por parte dos estudantes inquiridos nas diversas dimensões de empreendedorismo.

No entanto, existe diferença entre a demonstração de interesse pelo empreendedorismo e a efetiva criação da própria empresa. Não basta apenas demonstrar interesse pelo empreendedorismo para se ser empreendedor. A vocação empreendedora dos indivíduos mede-se pela efetiva criação de empresas ou dos passos que estes possam ter dado para a concretizar.

Foi neste sentido que foi formulada a questão 19 do questionário, que visa demonstrar quais os níveis de propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior dos Açores. A Figura 33 demonstra os vários níveis da propensão empreendedora dos estudantes em causa.

Dos resultados obtidos é possível aferir a existência de 3 níveis de propensão empreendedora. Aquele que reflete a criação efectiva de empresas (sim, já criei empresa(s) 3,61%), aquele que reflete a não abertura de empresas, mas que transmite o interesse por parte dos estudantes em criá-las (não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa 48,85%; não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo 19,6%; estou presentemente a pensar nessa possibilidade, 8,20%; e já dei alguns passos para criar uma empresa, 0,98%) e aquele que demonstra a ausência total da criação e da intenção de criar empresas (não e não tenho interesse em ter 17,70%).

Figura 33. Propensão Empreendedora dos Estudantes de Ensino Superior na Região



É possível verificar que, predominantemente, os inquiridos tendem a não ter criado empresas, mas demonstram um considerável interesse por vir a fazê-lo, pois 77,7% dos estudantes demonstram essa vontade através da sua resposta. Por sua vez podemos verificar que o valor para a criação efectiva de empresas se encontra na ordem dos 3,61%, sendo bastante reduzida.

Em parte, estes valores podem ser explicados pela fraca familiaridade dos estudantes com a temática do empreendedorismo, como é possível constatar nas respostas recolhidas na questão 20 acima analisada, acumulando com o facto destes terem a noção de que, para se tornarem empreendedores, precisam de ter ideias de negócio completamente novas e inovadoras, como foi possível deduzir a partir da análise às respostas à questão 16 do questionário.

No ponto 4.5. deste trabalho será apresentada uma análise ao conjunto de determinantes que exercem influencia sobre a propensão empreendedora dos estudantes inquiridos. Este exercício permitirá aferir com maior precisão quais os factores que mais contribuem para a obtenção dos resultados recolhidos na questão 19.

4.3. Factores influenciadores da decisão dos estudantes serem empreendedores ou trabalhadores por conta de outrem

Neste tópico do trabalho far-se-á uma análise aos factores que poderão influenciar a decisão dos estudantes do ensino superior em se tornarem empreendedores, em detrimento de decidirem trabalhar por conta de outrem. Para esta análise serão considerados os resultados da questão 27 do questionário aplicado. Esta questão apresenta-se dividida em duas partes: (I) questiona o inquirido sobre o porquê de preferir ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio e (II) questiona o inquirido sobre a razão de preferir ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem.

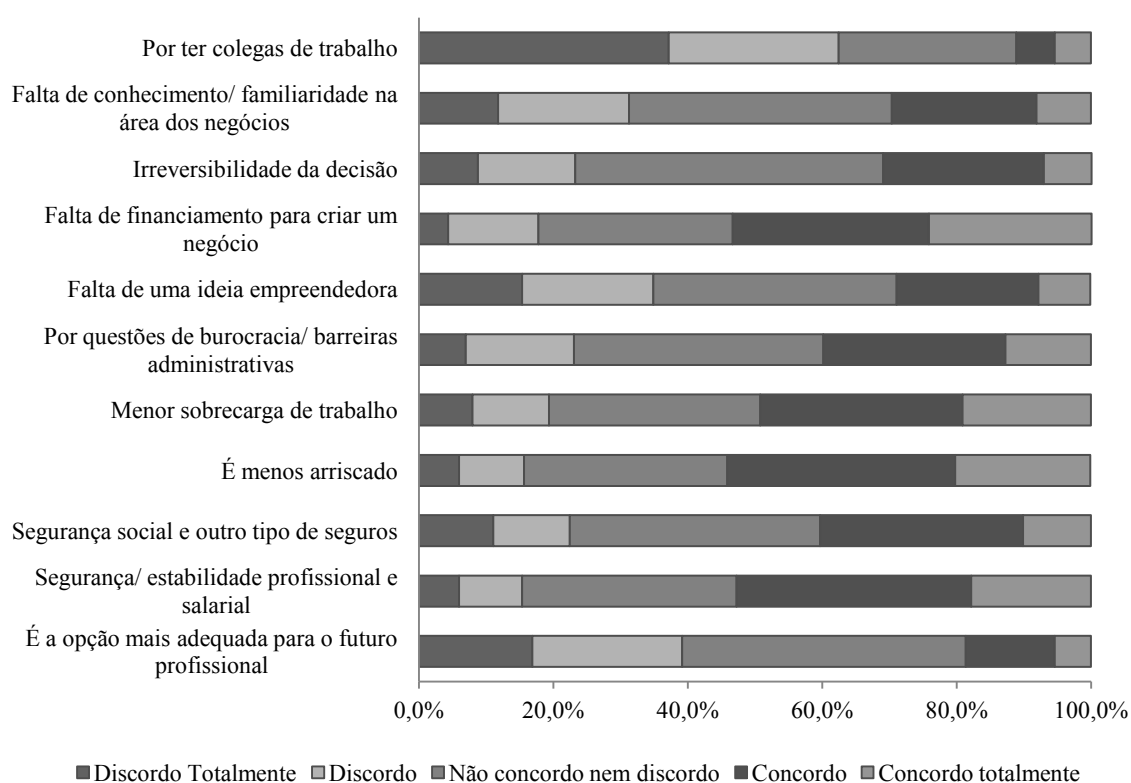
Sobre a parte I da questão 27 foi possível chegar aos resultados que estão patentes na Figura 34, podendo destes retirar-se algumas conclusões que de seguida se apresentam.

Dos resultados apurados podemos verificar que 18,6% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que ser trabalhador por conta de outrem é a opção mais indicada para o futuro profissional. Por outro lado, 39,2% referiu não concordar nem discordar totalmente com a afirmação.

Por sua vez 52,7% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que por uma questão de segurança/estabilidade profissional e salarial, é

preferível ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio. Já 40,3% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que pela segurança social e/ou outro tipo de seguros é preferível ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio. Por outro lado, 37,2% referiu não concordar nem discordar totalmente com este aspeto referido na afirmação.

Figura 34. Razões Para os Estudantes Preferirem Ser Trabalhadores por Conta de Outrem a Serem Trabalhadores por Conta Própria, Nivel de Concordância (%).



Dos estudantes inquiridos, 54% expressou concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que trabalhar por conta de outrem não é tão arriscado como ter um emprego por conta própria. De entre os mesmos, 49,2% referiu, também, concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que há uma menor sobrecarga de trabalho do que quando se tem um emprego por conta própria.

Quando confrontados com a afirmação de que é preferível ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio, por questões de burocracia/barreiras administrativas, 39,8% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação. Por outro lado, uma percentagem de 37,1% referiu não concordar nem discordar totalmente com a afirmação anterior.

Uma percentagem de 33,8% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que, por falta de uma ideia empreendedora, é preferível ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio, enquanto uma percentagem de 36,2% referiu não concordar nem discordar totalmente com a razão.

Dos estudantes em causa 53,4% referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que, por falta de financiamento para criar o seu próprio emprego, é preferível ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio.

Em relação à afirmação de que, pela severidade e/ou irreversibilidade da decisão, é preferível ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio, 31% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente, no entanto, uma percentagem de 45,8% referiu não concordar nem discordar totalmente com a afirmação anterior.

Um porção de 29,6% dos inquiridos demonstrou concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que, pela falta de conhecimento e/ou familiaridade relativamente ao autoemprego, é preferível ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio. Por outro lado, uma percentagem de 39,1% referiu não concordar nem discordar totalmente com a afirmação anterior.

Por fim, 11,1% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente com o desejo de ter colegas de trabalho (no emprego por conta própria consideram que o trabalho é mais solitário), sendo preferível ser trabalhador por conta de outrem a ter o

seu próprio negócio. Por outro lado, uma percentagem de 62,5% referiu discordar ou discordar totalmente com a afirmação anterior.

De uma forma transversal é possível verificar que os principais fatores que atraem as pessoas para trabalhos por conta de outrem estão relacionados com o risco, a incerteza, a insegurança, a carga de trabalho e as barreiras ao financiamento. De notar, de uma forma positiva, que a maioria dos inquiridos preferiu ficar indiferente em relação ao trabalhado por conta de outrem ser o mais indicado para o futuro profissional, em detrimento, de abrir um negócio por sua conta.

Sobre a parte II da questão 27, foi possível chegar aos resultados que se apresentam na Figura 35, podendo destes resultados se retirar as conclusões que se seguem.

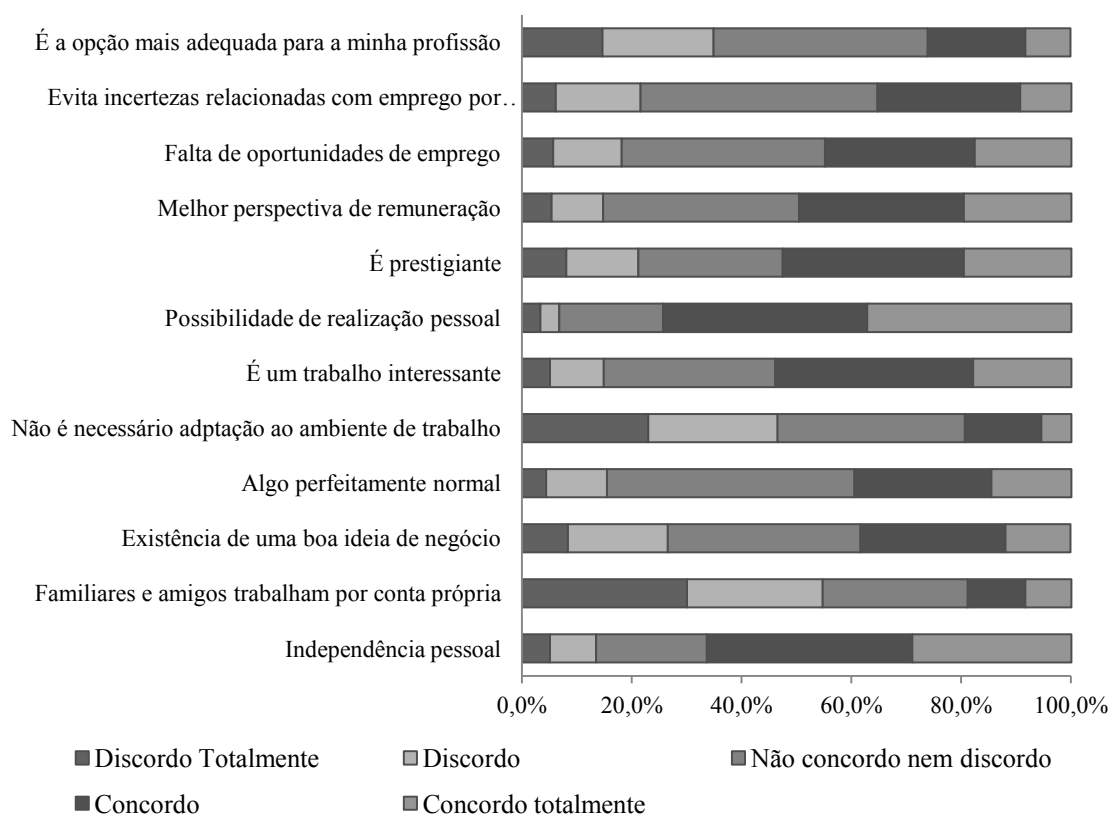
Concluí-se, então, que 64,8% dos inquiridos referiu concordar ou concordar que para a independência pessoal e a capacidade de gerir o seu tempo, era preferível ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem.

Por sua vez, 18,3% dos inquiridos disse concordar ou concordar totalmente que se a família e os amigos trabalham por conta própria era preferível ter o próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem. Pelo contrário, 55,4% dos inquiridos referiu discordar ou discordar totalmente com este facto.

De entre os inquiridos, 38,4% referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação de pelo fato de ter uma ideia, que poderá constituir uma oportunidade de negócio, era preferível ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem.

Visão mais neutra em relação a esta afirmação apresentam 34,8% dos inquiridos que referiram não concordar nem discordar com a mesma.

Figura 35. Razões Para os Estudantes Preferirem Ser Trabalhadores por Conta de Outrem a Serem Trabalhadores por Conta Própria, Nivel de Concordância (%).



Por sua vez, 48,8% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente que a preferência de ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem é algo perfeitamente normal. Pelo contrário, 46,9% dos inquiridos referiu não concordar ou discordar com a afirmação.

A serem confrontados com a afirmação de que pela ausência de adaptação a um ambiente de trabalho, era preferível ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem, 20,1% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente face a 48,2% dos inquiridos que referiu discordar ou discordar totalmente com a afirmação. Já 55,9% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente quando confrontados com a afirmação de que ter o seu próprio negócio é mais interessante do que ser trabalhador por conta de outrem.

Dos estudantes inquiridos, 74,1% referiu concordar ou concordar totalmente com ser preferível ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem, pela possibilidade de realização pessoal. Por sua vez 52,7% dos mesmos referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que ter o seu próprio negócio é mais prestigiante do que ser trabalhador por conta de outrem.

Perante a questão de que ter o seu próprio negócio oferece melhores perspectivas de remuneração do que ser trabalhador por conta de outrem, 50,5% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação.

Uma percentagem de 44,6% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente com a afirmação de que é preferível ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem pela falta de oportunidades atrativas de emprego. Já 38,4% referiu não concordar ou discordar com a afirmação.

Em relação à questão de que é preferível ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem porque se evitam algumas incertezas relacionadas com o trabalho por conta de outrem, 33,9% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente, face a 46,4% que referiu não concordar ou discordar com este motivo.

Quando confrontados com a questão de que é preferível ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem porque é a opção mais adequada para a profissão do inquirido, 24,5% dos inquiridos referiu concordar ou concordar totalmente, enquanto 40,2% referiu não concordar ou discordar com a afirmação anterior.

De uma forma geral, os estudantes inquiridos tendem a concordar que ser trabalhador por conta própria, acarreta maior prestígio, maior independência, maior realização e maior remuneração. A maioria dos inquiridos também refere que ser trabalhador por conta própria é mais interessante. Apenas uma pequena percentagem de

inquiridos referiu que ser trabalhador por conta própria é preferível a ser trabalhador por conta de outrem porque familiares ou conhecidos o fazem também. Isto poderá implicar que os inquiridos não são influenciados por este elemento contextual.

Na questão 28 do questionário os estudantes inquiridos são diretamente confrontados com o facto de terem de demonstrar a sua escolha entre serem exclusivamente trabalhadores por conta de outrem, exclusivamente trabalhadores por conta própria, ou com a hipótese de combinarem ser trabalhadores por conta de outrem e trabalhadores por conta própria. Face a esta questão foi possível verificar que 16,4% dos inquiridos prefere vir a ser exclusivamente trabalhadores por conta de outrem, ao contrário de 20,1% dos inquiridos que preferem vir a ser exclusivamente trabalhadores por conta própria e, na sua maioria (63,5%), os inquiridos preferiam poder combinar ser trabalhadores por conta de outrem e trabalhadores por conta própria.

Estes resultados vêm ao encontro dos apurados para o 4º inquérito de emprego de 2012, desenvolvido pela UNIVERSIA. Neste inquérito, cujos resultados foram lançados a 2 de outubro de 2012, podemos verificar que face à questão “Quais os seus objetivos em termos profissionais?”, 42% dos estudantes inquiridos respondeu ter preferência por vir a trabalhar em empresas privadas, em relação a 29% que prefere vir a trabalhar em empresas públicas e, por fim, 18% dos inquiridos demonstra interesse pelo empreendedorismo como forma de crescimento pessoal.

Tal facto pode revelar-se como um pronúncio de que os estudantes tendem a projetar para o seu futuro uma situação de emprego em que possam aliar a segurança, que lhes confere o facto de poderem ser trabalhadores por conta de outrem, à imagem de prestígio, independência, realização pessoal e de melhor remuneração, que estes pensam poder atingir ao serem trabalhadores por conta própria.

Para melhor poder explicar o comportamento dos estudantes face ao facto destes quererem ou não abrir as suas próprias empresas formulou-se, no questionário aplicado, um conjunto de questões que visaram cobrir algumas respostas por parte dos inquiridos que pudessem explicar quais os maiores receios e dificuldades que sentem quando se fala na abertura de uma empresa e quais os factores de sucesso estes pensam ser mais importantes para a gestão de uma empresa. As questões formuladas para aferir esta informação foram as questões 31, 32 e 33, respetivamente.

De seguida, na Figura 36, afiguram-se os resultados obtidos na questão 31 que demonstra quais os maiores receios que se colocam aos estudantes no que se refere à criação de uma empresa. Dos resultados obtidos é possível apresentar por ordem de maior relevância os factores que se demonstram como os maiores receios para efectuar a abertura de uma empresa.

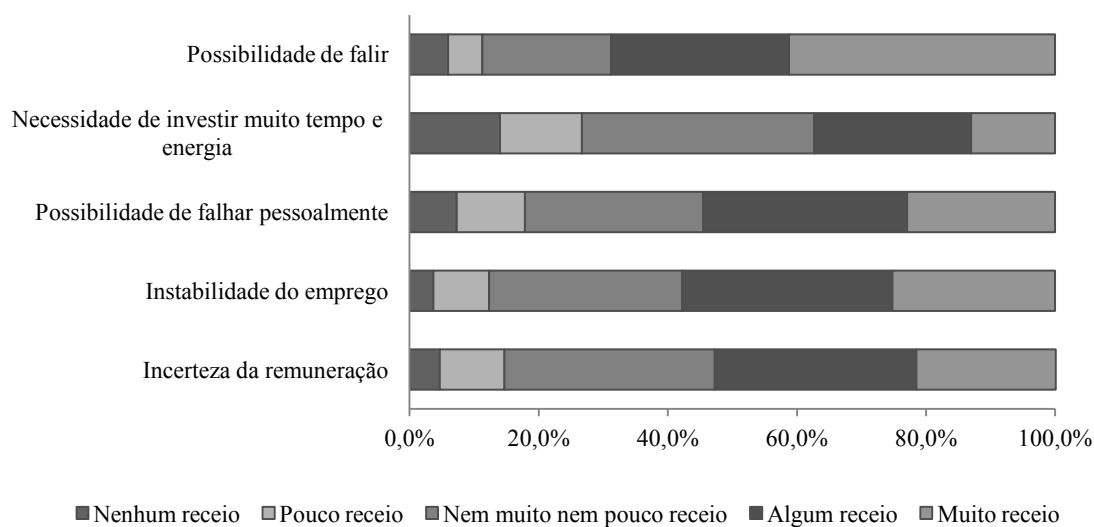
Como factor que representa o maior receio para abertura de uma empresa os estudantes apontam a possibilidade de falir, sendo que 68,8% dos inquiridos dizem ter algum ou muito receio face a este aspeto. De seguida o factor que também se revela como um dos maiores receios dos estudantes é o facto de terem instabilidade no emprego, havendo 57,8% dos inquiridos que revela algum ou muito receio em relação a este aspecto.

Como terceiro maior receio para a abertura de uma empresa, os estudantes elegem a possibilidade de poderem falhar pessoalmente, caso a empresa não tenha sucesso, onde 54,5% dos inquiridos diz ter algum ou muito receio.

Os factores que se apresentam como um pouco menos preocupantes para os estudantes, embora com ligeiras diferenças, são a incerteza da remuneração, face à qual 54,5% dos inquiridos diz ter algum ou muito receio, bem como o factor necessidade de

investir muito tempo e energia, no qual 37,3% dos inquiridos manifesta ter algum ou muito receio, face a 36% dos inquiridos que adoptam uma posição neutra em relação a este aspecto, respondendo não terem nem muito, nem pouco receio.

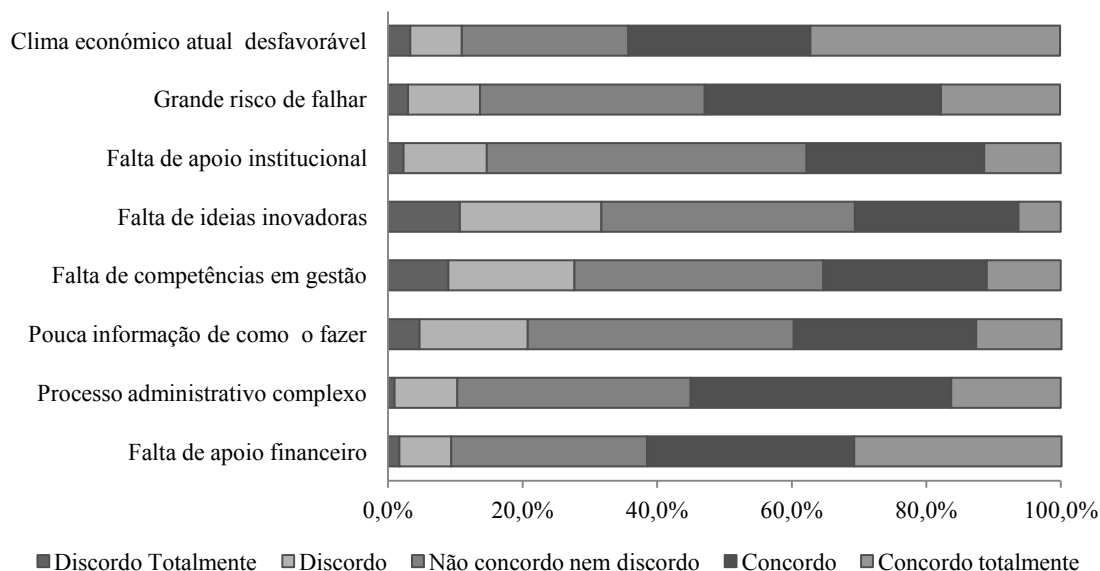
Figura 36. Factores que Suscitam Receio aos Estudantes na Abertura de uma Empresa, Nivel de Receio (%).



Dos resultados obtidos, podemos verificar que os estudantes do ensino superior dos Açores se apresentam bastante receosos no que diz respeito ao ato de constituir uma empresa, uma vez que revelam ter bastante receio face a todos os fatores que lhes foram apresentados nesta questão, que são os mais frequentes de ocorrer. Estes resultados podem ser utilizados para explicar o fraco número de alunos que já constituiu empresas, ou que já deu alguns passos para a abertura de empresas, de acordo com os resultados da questão 19, enunciados no ponto 4.2 do trabalho.

Neste estudo foi, também, possível obter resultados sobre aquilo que os estudantes pensam ser as maiores dificuldades que se colocam no processo de abertura de uma empresa, através das respostas dos inquiridos à questão 32. Os resultados obtidos revelam-se através da Figura 37, cujos resultados se passam a analisar de seguida.

Figura 37. Factores Considerados pelos Estudantes como Dificuldades na Abertura de uma Empresa, Nivel de Concordância (%)



De acordo com as respostas dos inquiridos foi possível apurar que o aspeto considerado com mais frequência como uma dificuldade à abertura de uma empresa é o clima económico atual desfavorável, pois 64,2% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente com esta visão.

Logo de seguida o fator falta de apoio financeiro é considerado pelos inquiridos como uma forte dificuldade quando estes pensam em abrir uma empresa, ao que 61,6% dos estudantes responderam concordar ou concordar totalmente com a existência desta dificuldade.

Por sua vez, 55% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente que a complexidade do processo administrativo associado à criação de uma empresa é uma das dificuldades encontradas pelos empreendedores que pretendem tomar esta iniciativa. Verifica-se entre os inquiridos que o grande risco de falhar no desenvolvimento da

empresa é, também, uma das dificuldades identificadas, sendo que de entre estes, 52,8% concordam ou concordam totalmente com a existência desta dificuldade.

A escassa informação acerca de como criar uma empresa é considerada como uma dificuldade por 39,8% dos inquiridos. No entanto, 39,5% dos mesmos inquiridos mantêm-se neutro em relação a este tipo de dificuldades, expressando que não concordam nem discordam da existência desta dificuldade.

Uma percentagem de 37,8% dos inquiridos demonstra uma concordância ou total concordância com o facto da falta de apoio institucional ser uma dificuldade para a criação de empresas, por parte dos potenciais empreendedores, mas também se revela que 47,5% dos estudantes inquiridos não expressa uma posição muito clara em relação a esta matéria.

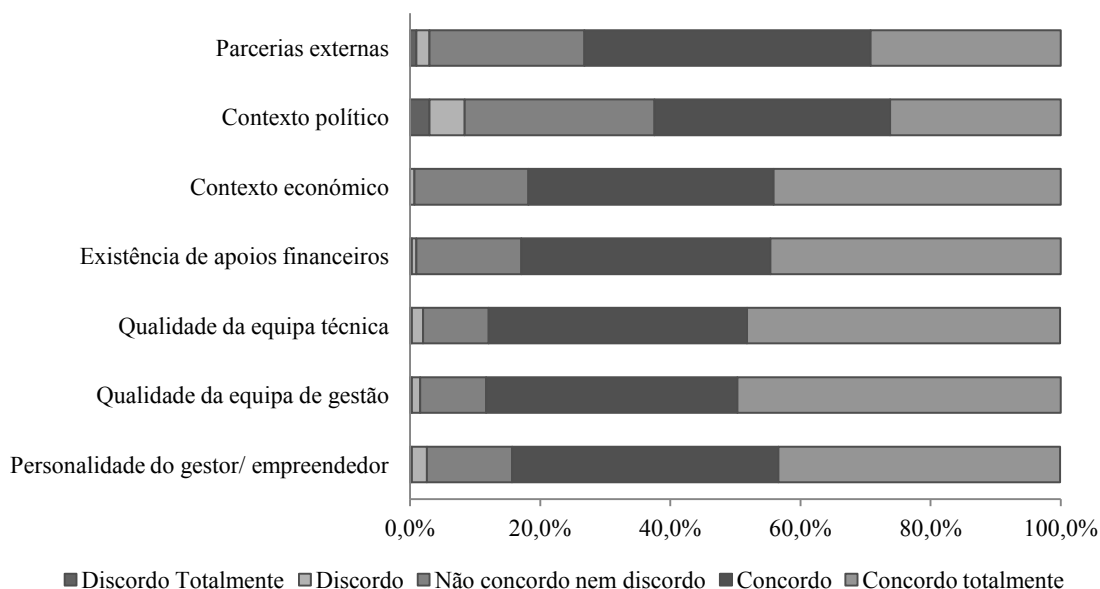
Face à falta de competências em gestão, dos inquiridos, 35,3% concorda ou concorda totalmente com esta dificuldade que se coloca ao tentar criar uma empresa, face a 37% que não demonstra a sua clara opinião em relação a esta dificuldade.

A dificuldade menos considerada como relevante no processo de abertura de uma empresa é a falta de ideias inovadoras, como é possível verificar pela percentagem de 30,6% dos inquiridos que diz concordar ou concordar totalmente com este aspeto. De notar que 37,7% dos inquiridos, também, se mantêm neutro em relação a este aspeto.

De forma sumária, os estudantes inquiridos consideram, de um modo geral, o clima económico desfavorável, a falta de apoio financeiro, a complexidade do processo administrativo e o grande risco de falhar, como sendo as principais dificuldades com as quais um potencial empreendedor se pode deparar na tentativa de criação de uma empresa.

Uma vez efetuada a análise aos aspetos que podem dificultar o processo de abertura de uma empresa dá-se lugar à análise da opinião dos estudantes inquiridos acerca dos aspetos que consideram ser os fatores de sucesso de uma empresa. Esta análise será efetuada com base nas respostas à questão 33, cujos resultados estão contemplados na Figura 38 e que serão avaliados de seguida.

Figura 38. Aspetos Considerados pelos Estudantes como fatores de sucesso de uma Empresa, Nivel de Concordância (%).



Dos resultados obtidos sobressai uma percentagem de inquiridos, na ordem dos 88,3%, que concorda ou concorda totalmente com a afirmação de que a qualidade da equipa de gestão de uma empresa constitui um fator de sucesso da mesma. Um cenário semelhante se coloca quanto à afirmação de que a qualidade da equipa técnica que constitui uma empresa é um aspeto que concorre para o seu sucesso, sendo que 87,8% dos inquiridos manifestaram a sua concordância ou total concordância com este aspeto. Situação comparável é a que se verifica em relação ao fator personalidade do gestor

sobre o qual 84,3% dos inquiridos diz concordar ou concordar totalmente como sendo um fator de sucesso de uma empresa.

A existência de apoios financeiros à empresa é considerada como um fator de sucesso por 82,9% dos inquiridos, que dizem concordar ou concordar totalmente com a afirmação.

Quando os inquiridos são confrontados com aspetos que são mais extrínsecos ao empreendedor, à exceção dos apoios financeiros, começa a baixar a percentagem daqueles que concordam ou concordam totalmente com os aspetos colocados na questão. Verifica-se tal situação em relação a fatores como a existência de parcerias externas e o contexto económico. Para o primeiro, 73,2% dos inquiridos manifesta concordar ou concordar totalmente e, para o segundo, 62,4% dos inquiridos concorda ou concorda totalmente em como estes fatores podem potenciar o sucesso da empresa.

Em jeito de síntese pode inferir-se que os aspetos considerados pelos estudantes como sendo fatores de sucesso de uma empresa são aqueles que estão mais associados à personalidade do empreendedor/gestor e à qualidade da sua equipa técnica e de gestão.

4.4. Como Pode a Universidade Fomentar o Interesse dos Estudantes Pelo Empreendedorismo

De acordo com Henrique e Cunha (2008), verifica-se uma tendência por parte das instituições de ensino superior em implantar, com o passar dos anos, práticas e atividades que promovam o empreendedorismo junto dos estudantes, como é o exemplo da implementação do ensino do empreendedorismo nos seus planos curriculares, a fim de se manterem em consonância com o conjunto crescente de desafios socioeconómicos e políticos procedentes da atualidade.

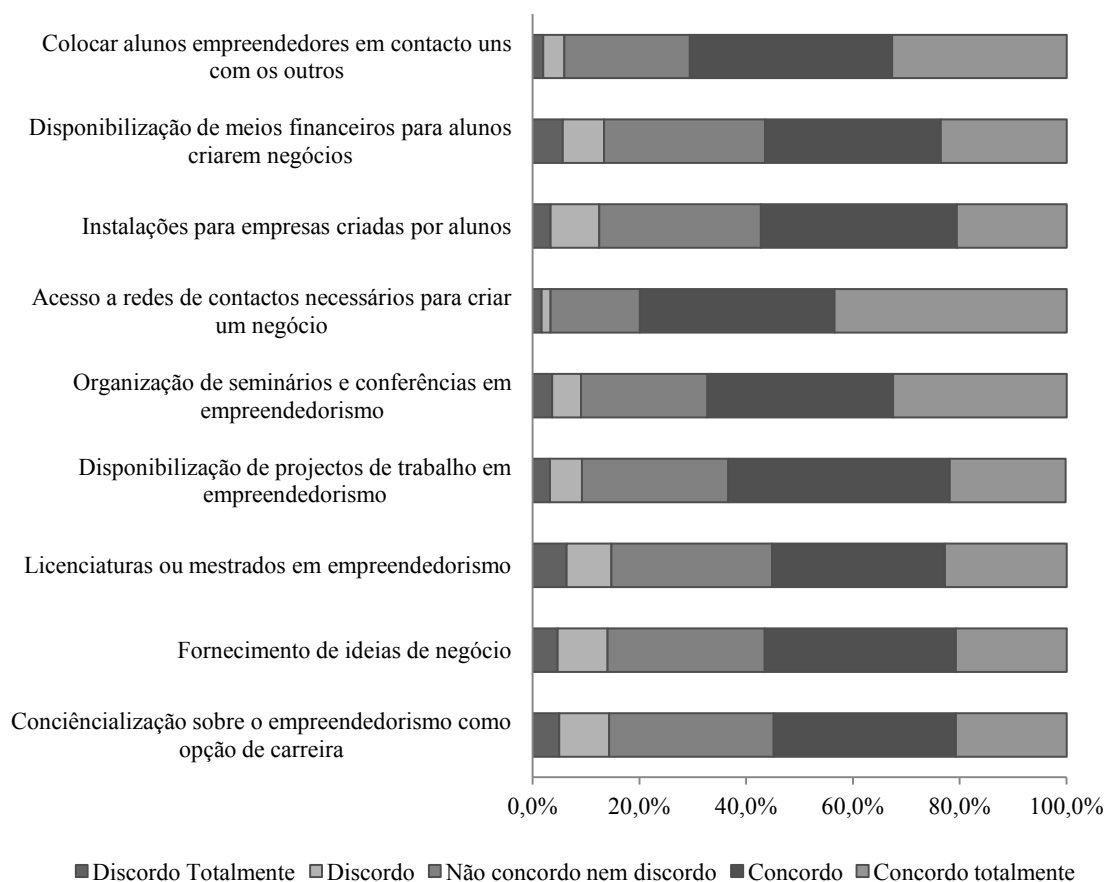
Os desafios da atualidade têm levado os jovens a recorrerem ao autoemprego lançando-se em empreendimentos independentes e procurando gerar organizações compostas por indivíduos com espírito empreendedor. Ainda segundo os autores Henrique e Cunha (2008), as experiências passadas e o trabalho em pequenas empresas ou em consultorias juniores auxiliam os jovens no processo de aprender a empreender. Destaca-se, ainda, o facto de estruturas como incubadoras de empresas serem consideradas essenciais para a implementação dos planos de negócios desenvolvidos pelos estudantes.

De acordo com esta situação no presente estudo pretendeu-se, também, perceber junto dos estudantes inquiridos, qual a sua opinião acerca de algumas iniciativas que poderiam ser levadas a cabo pelas instituições de ensino superior alvo deste estudo, para promover o empreendedorismo junto dos estudantes. Para tal formulou-se a questão 34, tendo-se obtido os resultados que constam da Figura 39.

A análise efectuada a este item terá por base o nível de concordância dos estudantes inquiridos, face a algumas propostas de iniciativas a levar a cabo pela universidade, com a finalidade de promover o empreendedorismo junto dos estudantes e a respectiva propensão empreendedora. Assim, obtiveram-se os resultados que se apresentam de imediato.

Uma das sugestões que se colocou aos estudantes foi a possibilidade da universidade criar e promover o acesso a redes de contactos necessários para criar um negócio, sendo esta a iniciativa que demonstrou ter uma maior aderência por parte dos inquiridos, uma vez que 80% destes demonstraram concordar ou concordar totalmente com ela.

Figura 39. Ações que a Serem Desenvolvidas pela Universidade para Promover o Empreendedorismo Junto dos Estudantes, Nivel de Concordância(%).



Quanto à iniciativa da universidade colocar alunos empreendedores em contacto uns com os outros, 70,5% dos estudantes responderam concordar ou concordar totalmente com este tipo de iniciativa. Já no que toca à iniciativa de organizar seminários e conferências relacionadas com a temática do empreendedorismo, 67,2% dos estudantes também demonstrou concordar ou concordar totalmente.

Dos estudantes inquiridos, 63,2% concordam ou concordam totalmente com a sugestão de que a universidade deveria disponibilizar projetos de trabalho em empreendedorismo aos alunos. Por outro lado, 57,2% dos mesmos inquiridos concorda ou concorda totalmente com a sugestão de que a universidade deveria criar instalações que se destinassem a alojar as empresas criadas pelos seus alunos.

Uma percentagem de 56,5% dos estudantes inquiridos demonstrou ter interesse em que a universidade pudesse fornecer ideias de negócio aos estudantes, uma vez que demonstraram concordar ou concordar totalmente com este tipo de iniciativa.

Quanto à sugestão da universidade disponibilizar meios financeiros para os alunos poderem criar empresas, 56,4% dos estudantes inquiridos demonstrou concordar ou concordar totalmente com esta iniciativa. Por sua vez, a criação de licenciaturas ou mestrados em empreendedorismo por parte da universidade é bem aceite por 55,1% dos estudantes inquiridos que revelam concordar ou concordar totalmente com este tipo de iniciativas. Ainda, 54,8% dos estudantes inquiridos demonstram concordar ou concordar totalmente com a ideia de que a universidade deverá promover ações de consciencialização para os estudantes sobre a importância do empreendedorismo.

De um modo geral, os estudantes inquiridos demonstraram ter um bom grau de concordância com todas as iniciativas apresentadas para que a universidade pudesse promover o empreendedorismo junto dos seus estudantes. No entanto, destaca-se a preferência por iniciativas como a possibilidade da universidade criar e promover o acesso a redes de contactos necessários para criar um negócio, a iniciativa da universidade colocar alunos empreendedores em contacto uns com os outros e a organização de seminários e conferências relacionadas com a temática do empreendedorismo.

Este ponto do trabalho reveste-se de especial interesse para as instituições de ensino superior, uma vez que os resultados aqui apresentados se demonstram como um bom instrumento de reflexão, acerca de quais as políticas que estas instituições deverão adotar, para incutir nos seus estudantes um espírito mais empreendedor e para os

despertar, cada vez mais, para a importância do empreendedorismo no seu percurso profissional e para o desenvolvimento da economia regional.

4.5. Determinantes da Propensão Empreendedora dos Estudantes

Seguindo os trabalhos de Rosário (2007) e de Teixeira, (2008), foram escolhidas, a partir do inquérito ministrado aos alunos, várias questões (variáveis) que permitiram inferir quanto à propensão empreendedora dos estudantes do ensino superior dos Açores e quanto aos fatores que os influenciam.

Para avaliar a propensão empreendedora dos estudantes, elegeu-se a questão 19 do inquérito, sendo esta: “Já alguma vez teve o seu próprio negócio?”. Esta abordagem é semelhante aos trabalhos de Rosário (2007) e de Teixeira (2008), tendo os respetivos autores escolhido uma variável representativa da propensão ao empreendedorismo.

A questão 19 do inquérito apresenta 6 respostas possíveis:

1. “Não e não tenho qualquer interesse em ter”;
2. “Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa”;
3. “Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo”;
4. “Estou presentemente a pensar nessa possibilidade”;
5. “Já dei alguns passos para criar um negócio”; e
6. “Sim, já criei empresa(s)”.

As questões utilizadas, respetivamente, por Rosário (2007) e de Teixeira (2008) para mensurar a propensão ao empreendedorismo dos estudantes, são igualmente questões fechadas com mais do que duas opções de resposta. Antes da aplicação da regressão *logit*, os autores mencionados agregaram as diferentes opções de resposta em dois grupos de forma a tornar a variável dependente binária e, portanto, possibilitar a

aplicação da regressão *logit*. O presente trabalho difere do trabalho desenvolvido pelos referidos autores no que diz respeito a este ponto.

A agregação das diferentes opções de resposta deverá possibilitar a criação de duas categorias homogêneas e que apontam claramente para a inclinação, ou não, do indivíduo para comportamentos empreendedores. Caso não se garanta essa homogeneidade, a regressão logística não iria garantir uma classificação (ou ajustamento) correta dos dados e os coeficientes não seriam os mais corretos. Ou seja, não se poderia retirar boas conclusões dos resultados estimados pelo modelo.

Para o trabalho, considerou-se que as opções atrás não possibilitariam a criação de dois grupos homogêneos que apontassem claramente para a inclinação, ou não, do indivíduo para comportamentos empreendedores, preferindo analisar cada uma das opções em separado.

Assume-se, por exemplo, que indivíduos que respondam “Não e não tenho qualquer interesse em ter” terão uma propensão ao empreendedorismo significativamente diferente da propensão de indivíduos “Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa”.

Um indivíduo que responda “Não e não tenho qualquer interesse em ter” terá uma propensão muito próxima de zero, tendo em conta a sua a sua escolha pela resposta que nega a existência de um negócio e do interesse em ter um no futuro.

Já um indivíduo que responda “Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa” terá já alguma propensão a ser empreendedor, uma vez que apresenta algum nível de interesse em criar um negócio próprio. Não obstante, a resposta ainda apresenta algum nível de incerteza e de falta de comprometimento em seguir em frente e

ser empreendedor, já que faltam algumas das condições primordiais para ser empreendedor, nomeadamente ter uma ideia.

Por outro lado, o indivíduo que responda “Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo” já aparenta ter uma ideia viável, mas assumir que ele tem mais propensão a ser empreendedor do que qualquer indivíduo que responda uma das três opções seguintes, poderá ser um erro.

Não obstante os parágrafos anteriores apontaram para a possibilidade de hierarquizar as respostas conforme a aparente propensão ao empreendedorismo do inquirido, esta possibilidade é meramente aparente.

Primeiro, a hierarquização só seria possível se soubesse de antemão os fatores que influenciam a propensão ao empreendedorismo dos estudantes do ensino superior e o que torna, por conseguinte, uma das opções de resposta indicativa da maior propensão ou não do indivíduo que a escolhe. Com base nesses fatores (risco, existência de ideias, nível de compromisso, entre outros) poderíamos atribuir uma ordem às diferentes opções de resposta, conforme o maior ou menor contributo desse para a propensão ao empreendedorismo. Mas até este ponto, podemos apenas conjecturar sobre quais os fatores e respetivos graus de influência sobre a propensão ao empreendedorismo dos estudantes do ensino superior nos Açores.

Segundo, a hierarquização poderia ser feita tendo em conta a definição de Carland *et al.* (1984)³, mas esta definição não explicita se um sujeito terá mais ou menos propensão a ser empreendedor, se já tiver uma ideia ou não, se tem um claro

³ Recorde-se que esta é a definição que se assume, neste trabalho, como sendo aquela que melhor explica o que é um empreendedor.

compromisso em ser empreendedor, entre outros. Logo, não podemos utilizar a definição de Carland *et al.* (1984).

É preciso recordar que o presente trabalho tem como objetivo identificar os principais fatores que influenciam a propensão ao empreendedorismo dos alunos do ensino superior dos Açores, com base em fatores e níveis de influência na propensão.

Neste contexto, métodos de regressão ou inferência estatística baseados em hierarquias (como o *Probit* Ordenado) não se configuram como os mais apropriados, sendo a aplicação da regressão categórica por via de um *Logit* Multinomial a escolhida para inferir sobre quais os fatores que influenciam a propensão ao empreendedorismo dos estudantes do ensino superior nos Açores.

Figura 40. Fatores que Poderão Influenciar a Propensão ao Empreendedorismo dos Estudantes do Ensino Superior.

Agrupamentos	Características	Questões Utilizadas
Fatores Demográficos	Género	2.
	Idade	1. ⁴
	Estatuto	9.
Fatores Psicológicos	Risco	25. Alínea h)
	Inovação	25. Alíneas a) e b)
	Desempenho	10. ⁵
Fatores de Contexto	Experiências Extracurriculares	11.
	Experiências Internacionais	12.
	Experiência Profissional	14.
	Contexto Familiar	13.
Fatores Académicos	Área de Estudo	8.
	Ano de Estudo	7.

⁴ Foi utilizada a variável reclassificada.

⁵ Foi utilizada a variável reclassificada.

Para variáveis independentes, e seguindo os trabalhos de Rosário (2007) e de Teixeira (2008), foram escolhidas as respostas a várias questões do inquérito que melhor representam determinados fatores que poderão influenciar a propensão ao empreendedorismo dos estudantes do ensino superior (Figura 40).

Efetuuou-se a regressão das variáveis identificadas na Figura 39 nas respostas obtidas pela questão 19. Os resultados dessa regressão poderão ser analisados no anexo. Abaixo são reproduzidos os principais resultados.

4.5.1. Análise Geral ao Modelo

Neste ponto do estudo efetuou-se, à partida, uma análise à qualidade do modelo aplicado, em termos gerais. A Tabela 3 abaixo apresentada expõe as estatísticas relativas à significância estatística do modelo, em geral.

Tabela 3. Informação Sobre a Significância Estatística do Modelo.

Modelo	Model Fitting Criteria	Likelihood Ratio Tests		
	-2 Log Likelihood	Chi-square	df	Sig
Intercept Only	608,673			
Final	335,115	273,558	190	0,000

A hipótese nula, que foi tida em conta aquando do cômputo da estatística Chi-Quadrado, é a seguinte:

H_0 : Todos os coeficientes de regressão são estatisticamente iguais a 0.

Assumindo um valor de significância $\alpha = 5\%$ e o valor do *p-value* (Sig.) próximo de zero, rejeitamos a hipótese nula acima de que todos os coeficientes de regressão são iguais a 0, em termos estatísticos. Isso demonstra que há, pelo menos, um coeficiente de regressão pertencente, a uma das variáveis independentes, que é significativamente

diferente de zero, o que, por consequência, implica que, pelo menos uma das variáveis independentes é relevante o suficiente para explicar a propensão ao empreendedorismo dos alunos do ensino superior dos Açores.

Tabela 4. Informação Sobre os Pseudo R-Quadrado.

Cox and Snell	0,705
Nagelkerke	0,754
Mcfadden	0,447

Nas regressões que têm por base o método *Ordinary Least Squares*, a estatística R-Quadrado é usada como indicador do ajustamento do modelo. Mais rigorosamente, o R-Quadrado indica a proporção da variância da variável dependente que é captada pelas variáveis independentes. Valores elevados dessa estatística, normalmente, demonstram que os valores ao longo da reta de regressão (valores estimados) se ajustam muito bem aos valores empíricos (e por conseguinte, as variáveis independentes captam de forma eficaz a variabilidade da variável dependente) e que o modelo em questão pode ser usado, com mais ou menos eficácia, para situações de previsão.

Os investigadores da área estatística têm procurado uma medida semelhante para ser aplicada aos modelos de natureza binária ou multinomial, e ao longo das décadas têm surgido alguns indicadores para preencher essa lacuna (Hun *et al*, 2006 e Greene, 2011). O IBM SPSS Statistics reporta, no caso do *Logit* Multinomial, três estatísticas para o Pseudo R-Quadrado (Tabela 4): *Cox e Snell*; *Nagelkerke* e *McFadden*.

O rácio de verosimilhança de Cox e Snell tem como limites 0 e um valor ligeiramente inferior a 1. O valor reportado por este índice indica os ganhos na verosimilhança da introdução das variáveis independentes, face a um cenário onde não são utilizadas quaisquer variáveis independentes. Quanto menor for o valor do rácio de

Cox e Snell, melhor será o ajustamento do modelo (Freese e Long, 2006, e Long, 1997). Neste caso, e como o valor de 0,705 é relativamente elevado, podemos assumir que o modelo apresenta um ajustamento baixo.

O rácio de verosimilhança de *Nagelkerke* é um ajustamento do rácio de Cox e Snell, permitindo que o indicador tenha como limite superior 1 (e mantendo o limite inferior 0). Uma vez mais, quanto menor for o valor do rácio de *Nagelkerke*, melhor será o ajustamento do modelo (Freese e Long, 2006, e Long, 1997).

O índice do rácio de verosimilhança de *McFadden* tem como limites 0 e 1, apesar de nunca chegar a 1 (Greene, 2011). O valor reportado por este índice indica os ganhos na verosimilhança da introdução das variáveis independentes, face a um cenário onde não são utilizadas variáveis independentes (Veal e Zimmermann, 1996; Long, 1997; Freese e Long, 2006; e Greene, 2011). Nesta situação, podemos inferir que o índice de *McFadden* se aproxima ao do R-Quadrado das regressões por OLS, em termos de tentativa de captação da eficiência das variáveis independentes em explicar a variável dependente (Freese e Long, 2006, e Long, 1997, citados por UCLA). O índice de *McFadden* não tem uma interpretação natural (Greene, 2011). Neste caso, como 0,447 se aproxima ao valor intermédio, podemos assumir que o modelo apresenta um ajustamento mediano.

Desta forma, não parece haver coerência entre os Pseudo R-Quadrado em termos de qualidade do modelo, mas, atendendo à discussão na literatura sobre a falta de comparabilidade destes indicadores, esta situação não é inesperada (Veal e Zimmermann, 1996; Long, 1997; e Freese e Long, 2006).

Outra forma de analisar a adequação do modelo, em termos de ajustamento é através de uma análise à tabela de classificação, como se apresenta na Tabela 5.

Tabela 5. Tabela de Valores de Classificação.

Observed	Predicted						Percent Correct
	Não e não tenho interesse em ter	Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa	Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo	Estou presentemente a pensar nessa possibilidade	Já dei alguns passos para criar um negócio	Sim, já criei empresa(s)	
Não e não tenho interesse em ter	22	16	1	2	0	0	53,70%
Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa	11	86	8	5	0	0	78%
Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo	5	19	17	0	0	0	42%
Estou presentemente a pensar nessa possibilidade	1	7	2	12	0	0	55%
Já dei alguns passos para criar um negócio	0	0	0	0	3	0	100%
Sim, já criei empresa(s)	0	0	0	0	0	7	100%
Overall Percentage	17,40%	57,10%	12,50%	8,50%	1,30%	3,10%	66%

A tabela de classificação cruza os valores empíricos (*Observed*) com os respetivos valores previstos/classificados (*Predicted*) da variável dependente. Por exemplo, tendo em consideração a categoria (opção de resposta) “Não e não tenho interesse em ter”, o modelo conseguiu classificar corretamente 22 dos respetivos valores empíricos (53,7%) constantes na base de dados utilizada. Isto indica-nos que se utilizássemos o modelo para estimar quantos indivíduos iriam responder “Não e não tenho interesse em ter”, iríamos obter previsões corretas 53,7% das vezes.

No geral, o modelo conseguiu classificar 65,6% dos valores empíricos. Este valor geral deverá ser comparado com a taxa de precisão proporcional (ou “*proportional by chance accuracy rate*”)⁶. A taxa de precisão proporcional é obtida da seguinte forma (Petrucci (2009) e Habibollah (2009):

⁶ Ver, por exemplo, Petrucci (2009) e Habibollah (2009).

$$TPP = TM \times \sum_{c=0}^n c_i^2$$

Onde:

TPP é a Taxa de Precisão Proporcional;

TM é a Taxa de Melhoria desejada; e

c é a proporção de uma determinada categoria da variável dependente no total das observações da variável dependente (Percentagem Marginal).

Para o caso em questão, e tendo em conta, por um lado, a proporção de cada categoria da variável dependente constante na Tabela 6 e, por outro, uma *TM* de 25%⁷, a *TPP* será calculada da seguinte forma:

$$TPP = 1,25 \times 31,9\%$$

$$TPP = 39,87\%$$

Como o modelo classifica corretamente, no geral, 65,6%, contra uma *TPP* de 39,87%, diz-se que o modelo é útil.

Em suma, o modelo é significativo em termos estatísticos, já que para um nível de significância de 5%, pelo menos um dos coeficientes de regressão das variáveis independentes é estatisticamente diferente de zero. Os valores dos Pseudo R-Quadrado apontaram para conclusões diferentes, no que toca aos ganhos na verosimilhança da introdução das variáveis independentes, reportando valores de ajustamento baixos ou intermédios. No entanto, e tendo em conta a literatura, esta falta de coerência e de compatibilidade não era inesperada.

⁷ Normalmente utilizada. Ver, por exemplo, Petrucci, 2009 e Habibollah, 2009.

Tabela 6. Percentagem Marginal das Categorias da Variável Dependente.

Categoria	N	Percentagem Marginal (c)	c²
Não e não tenho interesse em ter	41	18,30%	3,35%
Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa	110	49,11%	24,12%
Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo	41	18,30%	3,35%
Estou presentemente a pensar nessa possibilidade	22	9,82%	0,96%
Já dei alguns passos para criar um negócio	3	1,34%	0,02%
Sim, já criei empresa (s)	7	3,13%	0,10%
TOTAL	224	100,0%	31,9%

Finalmente, a tabela de classificação permitiu concluir que o modelo, no geral, conseguiu classificar 65,8% dos valores empíricos, o que, tendo em conta uma *TPP* de 39,87%, demonstra que o modelo é útil para a previsão/classificação de dados empíricos.

4.5.2. Análise de Significância das Variáveis

Neste ponto far-se-á uma análise da significância estatística das variáveis incluídas no modelo. Para todos os testes efetuados, será utilizada a hipótese nula abaixo indicada, bem como um nível de significância do erro de 5%:

$$H_0: \emptyset_i = 0.$$

Onde \emptyset é o coeficiente de regressão da variável independente i .

A Tabela 7, a seguir apresentada, mostra as estatísticas Chi-Quadrado e os *p-value* (Sig.) para cada variável independente.

Tabela 7. Testes ao Rácio de Verosimilhança.

Effect	Model Fitting Criteria	Likelihood Ratio Tests		
	-2 Log Likelihood	Chi-square	df	Sig
Intercept	a	0,00	0	.
Sexo	b	0,744	5	0,98
Ano de frequência	b	21,592	15	0,119
Área científica	b	37,594	45	0,775
Estatuto de estudante	b	12,051	5	0,034
Associações	b	11,468	5	0,043
Programa de mobilidade	b	4,631	5	0,463
Familiar empresário	b	2,408	5	0,79
Experiência profissional	b	20,47	25	0,722
Fatores familiaridade empreendedorismo 25 a)	b	15,47	20	0,749
Fatores familiaridade empreendedorismo 25 b)	b	26,125	20	0,162
Fatores familiaridade empreendedorismo 25 h)	b	23,629	20	0,259
R Idade	b	7256	10	0,701
R Média	b	14,486	10	0,152

Da informação constante da tabela anterior, apenas os *p-value* das variáveis “Estatuto do Estudante” (questão 9.) e “Participação em Associações” (questão 11.) permitem a rejeição das respectivas hipóteses nulas, para um nível de significância do erro de 5%. Ou seja, para um nível de significância do erro de 5%, os respectivos coeficientes de regressão das variáveis “Estatuto do Estudante” (*p-value* de cerca de 3,4%) e “Participação em Associações” (*p-value* de cerca de 4,3%) são significativamente diferentes de 0, do ponto de vista estatístico, e, como tal, as

respetivas variáveis são estatisticamente relevantes para a explicação da variável dependente.

Pelo contrário, os *p-value* das restantes variáveis não permitem a rejeição das respetivas hipóteses nulas, para um nível de significância do erro de 5%. Ou seja, para um nível de significância do erro de 5%, os respetivos coeficientes das restantes variáveis poderão ser significativamente iguais a 0 e, como tal, as respetivas variáveis não são estatisticamente relevantes para a explicação da variável dependente.

Isto implica que, em termos estatísticos, apenas o facto de o estudante ser ou não estudante-trabalhador e o fato de ter participado associações/organizações da universidade ou da sociedade civil em geral, parecem conseguir explicar a propensão a ser empreendedor, conforme medido pela questão 19 do inquérito.

4.5.3. Análise dos Resultados da Regressão

Esta etapa do trabalho de investigação contempla uma análise aos resultados das estimativas para os parâmetros gerados pela aplicação do modelo *logit* multinomial, sendo possível consultar estes resultados no Anexo 2, de onde constam as estimativas para os parâmetros do modelo.

A regressão por *logit* multinomial estabelece a influência que uma determinada categoria de uma determinada variável independente tem na classificação de um evento numa determinada categoria da variável dependente, face a outra categoria alternativa do mesmo tipo de variáveis.

No caso em estudo, a regressão por *logit* multinomial irá determinar a influência que um determinado fator terá no fato de um determinado inquirido escolher uma qualquer opção de resposta e não a resposta “Sim, já criei empresa(s)”. Neste caso,

consideramos “Sim, já criei empresa(s)” a categoria de referência, visto esta ser a opção que identifica que o inquirido já teve um comportamento empreendedor, pelo menos, no passado. Por isso qualquer inferência sobre os valores das estimativas é feita de forma comparativa, única e exclusivamente, com a categoria de referência.

A primeira conclusão a retirar dos dados reportados pelo modelo, é que todos os coeficientes são significativamente iguais a zero, para um nível de significância de 5%. Isto tendo em conta a seguinte hipótese nula:

$$H_0: \varphi_i = 0.$$

Isto implica, que nenhum dos fatores considerados produz um impacto significativo, do ponto de vista estatístico, no facto do individuo escolher uma determinada opção de escolha, face à opção de escolha padrão.

Não obstante o referido anteriormente, há algumas conclusões que poderemos retirar dos coeficientes (“B”), em cenário “todo o resto constante”.

Começando, pelo género, caso esta variável assumo valor 1 (masculino), esta situação terá uma relação negativa entre um individuo escolher, respetivamente, quaisquer umas das outras opções da questão 19, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”. Traduzindo esta interpretação para o contexto em estudo, caso um individuo tenha respondido ser do sexo masculino, ele terá maior propensão em escolher a opção “Sim, já criei empresas” do que qualquer uma das alternativas, respetivamente. Por outro lado, as mulheres terão maior propensão em escolher qualquer uma das outras alternativas de resposta, respetivamente, do que “Sim, já criei empresa(s)”.

No que toca ao ano de frequência⁸, há uma relação positiva entre esta variável assumir valor 1,2,3 ou 4 e um inquirido escolher qualquer uma das seguintes opções da questão 19: “Não e não tenho qualquer interesse em ter”, “Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa”, “Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo” e “Estou presentemente a pensar nessa possibilidade”, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”.

Ou seja, e no contexto em questão, há maior propensão em escolher qualquer uma das opções acima, respetivamente, do que “Sim, já criei empresa(s)”, não importando qualquer que seja o ano que o aluno esteja a frequentar.

Quando analisamos a escolha entre “Já dei alguns passos para criar um negócio” e “Sim, já criei empresa(s)”, assistimos a uma situação diferente. Olhando aos coeficientes para os diferentes anos, vemos que o fato de o aluno estar no 1º Ano afeta positivamente a escolha de “Sim, já criei empresa(s)”. O mesmo acontece quando o aluno está no 2º ano, ou seja, há uma maior propensão em escolher “Sim, já criei empresa(s)” do que “Já dei alguns passos para criar um negócio”. No entanto, a relação inverte-se nos alunos do 3º ano. Ou seja, o fato do aluno estar no 3º ano implica que ele terá maior propensão a escolher “Já dei alguns passos para criar um negócio” do que “Sim, já criei empresa(s)”.

Esta situação parece contraditória, na medida em que, assumindo que a maior percentagem de alunos mais jovens encontram-se nos 1º e 2º anos, a tendência deveria ser contrária. Ou seja, nos 1º e 2º anos deveria haver maior propensão em escolher “Já dei alguns passos para criar um negócio”, e apenas no 3º se deveria assistir a uma propensão a escolher “Sim, já criei empresa(s)”, do que a alternativa.

⁸ Se Ano de Frequência=1, então o aluno está no 1º ano, se Ano de Frequência=2, então o aluno está no 2º ano e, assim, sucessivamente.

De forma a ter uma noção do que poderá estar a acontecer, efetuou-se uma análise à Tabela 8, que demonstra a distribuição da idade dos estudantes inquiridos pelos anos de frequência na universidade.

Tabela 8. Tabela cruzada entre as Idades⁹ e os Anos de Frequência.

		Idade (Reclassificada)			Total
		18-24	25-30	31+	
Ano de frequência	1º ano	40	7	10	57
	2º ano	37	7	7	51
	3º ano	88	10	17	115
	4º ano	1	0	0	1
	5º ano	0	0	0	0
	Total	166	24	34	224

De facto, nota-se que, transversalmente aos anos, são os jovens dos 18 aos 24 os que mais responderam aos inquéritos, cujas observações foram tidas em conta na modelação (166 ou 74%). Destes, a maior parte dos inquiridos (88 ou cerca de 39%) está no 3º ano e tem uma idade entre os 18 e os 24 anos. Também se nota que 115 (51%) dos inquiridos está no 3º ano, contra 49% distribuídos ao longo dos 2 anos anteriores. Esta concentração de alunos no 3º ano, face às conclusões reportadas pelo modelo, poderá indicar um enviesamento influente. Desta forma, não se deverá ter em conta as conclusões retiradas para variável relacionada com o ano de frequência.

Em termos de estatuto de estudante, nota-se, caso esta variável assumira valor 1 (estatuto estudante=1), que esta situação terá uma relação negativa entre um indivíduo escolher, respetivamente, quaisquer umas das outras opções da questão 19, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”. Traduzindo esta interpretação para o atual contexto, caso um indivíduo tenha respondido ser trabalhador-estudante, ele terá maior propensão em

⁹ Após a variável ter sido reclassificada.

escolher a opção “Sim, já criei empresas” do que qualquer uma das alternativas, respetivamente.

No que toca à participação em atividades extracurriculares, quer estas pertençam à universidade ou à sociedade em geral, caso esta variável assumira valor 1 (associações=1), esta situação terá uma relação positiva entre um indivíduo escolher, respetivamente, quaisquer umas das outras opções da questão 19, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”. Traduzindo esta interpretação para o contexto abordado, caso um indivíduo tenha respondido participar em atividades extracurriculares, ele terá menor propensão em escolher a opção “Sim, já criei empresas” do que qualquer uma das alternativas, respetivamente.

O mesmo se passa com a variável indicativa da participação em programas de mobilidade internacionais (como o Erasmus). Ou seja, caso esta variável assumira valor 1 (Programa Mobilidade=1), esta situação terá uma relação positiva entre um indivíduo escolher, respetivamente, quaisquer umas das outras opções da questão 19, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”. Traduzindo esta interpretação para o contexto em estudo, caso um indivíduo tenha respondido ter participado em atividades de mobilidade internacional, ele terá menor propensão em escolher a opção “Sim, já criei empresas” do que qualquer uma das restantes alternativas.

O inverso acontece com a variável indicativa da existência de um familiar empresário. Por outras palavras, caso esta variável assumira valor 1 (familiar empresário=1), esta situação terá uma relação negativa entre um indivíduo escolher, respetivamente, quaisquer umas das outras opções da questão 19, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”. Traduzindo esta interpretação, significa que, caso um indivíduo tenha

respondido ter um familiar empresário, ele terá maior propensão em escolher a opção “Sim, já criei empresas” do que qualquer uma das alternativas, respetivamente.

No que toca à idade, e no caso de o individuo ter respondido que ter entre 18 e 24 anos ($idade=1$), haverá uma relação positiva entre um individuo escolher, respetivamente, qualquer uma das outras opções da questão 19, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”. No caso do individuo ter respondido ter entre 25 e 30 anos ($idade=2$), então haverá uma relação negativa entre um individuo escolher, respetivamente, quaisquer umas das outras opções da questão 19, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”.

Finalmente, e em termos de média esperada no final do curso, caso esta variável assumia valor 1, 2 ou 3, esta situação terá uma relação negativa entre um individuo escolher, respetivamente, quaisquer umas das outras opções da questão 19, ao invés de “Sim, já criei empresa(s)”. Traduzindo esta interpretação para o contexto em análise, e não importando a média esperada, o individuo terá maior propensão em escolher a opção “Sim, já criei empresas” do que qualquer uma das alternativas, respetivamente.

De forma sumária foi possível aferir que os fatores que contribuem positivamente para a propensão empreendedora dos estudantes são o fato dos estudantes serem do sexo masculino, terem uma idade compreendida entre os 25 e os 30 anos, possuírem na família alguém que seja empresário e de terem estatuto de trabalhador estudante. Por outro lado, os fatores que mais contribuem de forma negativa para a criação de empresas por parte dos estudantes são a participação em atividades extracurriculares e a participação em programas de mobilidade.

5. Conclusões Finais

O principal propósito do trabalho de investigação foi o de aferir o nível da propensão empreendedora dos estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores, bem como a perceção e a familiaridade que os mesmos têm com a temática do empreendedorismo. Um aspeto fundamental, também, contemplado neste trabalho foi a aferição dos fatores que exercem influência sobre o facto dos estudantes se tornarem ou não empreendedores.

De acordo com o estudo empírico desenvolvido, foi possível verificar que os estudantes inquiridos têm uma perceção positiva dos impactos que o empreendedorismo tem na economia e no próprio empreendedor, mas demonstram, por outro lado, uma posição de indiferença ao facto do empreendedorismo ser visto como algo que faz a sociedade atingir os seus objetivos sociais.

A partir dos resultados recolhidos, é possível assumir que os estudantes inquiridos veem o empreendedor, acima de tudo, como alguém que possui uma inteligência superior à média ou que dispõe do seu próprio capital, sendo visto como alguém que tem uma ideia radicalmente nova para a criação de um novo negócio.

De acordo com a perceção que os estudantes inquiridos apresentam acerca da figura do empreendedor, os mesmos foram levados a eleger o empreendedor/ gestor de referência para a Região Autónoma dos Açores, ao que foi possível verificar que as personalidades escolhidas com mais frequência foram Joaquim Bensaúde, seguido de Belmiro de Azevedo e, em terceiro lugar, Primitivo Marques.

É de notar que ao inquirir os estudantes, acerca das competências empreendedoras que estes julgam ter, estes demonstram, na sua larga maioria, que não sabem como

financiar um novo conceito de negócio e apresentam alguma incerteza sobre como criar um plano de negócios e um conceito de negócio. Este facto poderá ser explicado pelo fraco contacto que estes demonstram ter com a temática do empreendedorismo, quer seja através de trabalho próprio (na adolescência ou na fase adulta), ou através do contacto com as fases iniciais de empreendimentos de familiares ou de conhecidos. No entanto, a maioria dos inquiridos revela que se esforça na procura por conhecer mais sobre a temática do empreendedorismo, quer seja através da leitura de bibliografia ou pela participação em conferências sobre esta temática.

Depois de aferida a familiaridade dos estudantes com a temática do empreendedorismo aferiu-se qual o nível de propensão empreendedora dos estudantes através da questão “Já teve o seu próprio negócio?”. Face a esta questão foi possível concluir que, predominantemente, os inquiridos tendem a não ter criado empresas, mas demonstram um considerável interesse por vir a fazê-lo, pois 77, 7% dos estudantes demonstram essa vontade. Por sua vez podemos verificar que o valor para a criação efectiva de empresas se encontra na ordem dos 3,61 %, sendo uma percentagem bastante reduzida.

Em parte, estes valores podem ser explicados pela fraca familiaridade dos estudantes com a temática do empreendedorismo, acumulando com o facto destes terem a noção de que, para se tornarem empreendedores, precisam de ter ideias de negócio completamente novas e inovadoras como foi possível deduzir no estudo.

Na realidade, o baixo número de estudantes que diz já ter aberto uma empresa vai ao encontro dos resultados gerais para o empreendedorismo nos Açores, como foi possível verificar no estudo GEM Açores 2010, que apontava uma TEA de 3,5% para a região.

Comparando estes resultados com os resultados obtidos no estudo análogo de Aurora Teixeira (2009), que contemplou o estudo da propensão empreendedora nos estudantes de ensino superior em Portugal Continental e nas suas Regiões Autónomas, é possível verificar que os resultados se aproximam, pois nas conclusões deste estudo constata-se que os Açores apresentam uma das mais baixas taxas de propensão empreendedora tanto em termos de intenção de criação de empresas (35,1%) como na criação efetiva de empresas (inferior a 10%).

Com a aplicação do modelo *logit* multinominal, foi possível perceber quais os fatores que exercem uma relação de influência negativa ou positiva sobre o facto dos estudantes se tornarem empreendedores, criando a sua própria empresa. Deste modo, foi possível inferir que os fatores que contribuem positivamente para esta situação são o fato dos estudantes serem do sexo masculino, terem uma idade compreendida entre os 25 e os 30 anos, possuírem na família alguém que seja empresário e de terem estatuto de trabalhador estudante. Por outro lado, os fatores que mais contribuem de forma negativa para a criação de empresas por parte dos estudantes são a participação em atividades extracurriculares e a participação em programas de mobilidade.

Face aos resultados apresentados para aferir a tendência dos estudantes se tornarem empreendedores, demonstrou-se pertinente saber quais as razões que levam os estudantes inquiridos a quererem tornar-se trabalhadores por conta de outrem ou serem trabalhadores por conta própria e vice-versa. Foi, então, possível verificar que os principais fatores que atraem os estudantes para trabalhos por contra de outrem estão relacionados com o risco, a incerteza, a insegurança, a carga de trabalho e as barreiras ao financiamento que acarreta a criação de uma empresa. Por sua vez, as razões que levam a querer ser trabalhadores por conta própria estão associadas ao maior prestígio, maior independência, maior realização e maior remuneração esperada.

Com o desenvolvimento deste estudo pretendeu-se, também, verificar quais os fatores que suscitam receios e dificuldades aos estudantes na abertura de uma empresa. Deste modo, verificou-se que os maiores receios que se colocam aos estudantes inquiridos na abertura de uma empresa são a possibilidade de falir e a instabilidade no emprego, sendo que, no geral, estes se apresentam bastantes receosos face a todos os outros aspetos que lhes foram apresentandos. Quanto aos factores apontados como dificuldades para a abertura de uma empresa os estudantes inquiridos consideram ser o clima económico desfavorável, a falta de apoio financeiro, a complexidade do processo administrativo e o grande risco de falhar.

Como já fora referido por vários autores referenciados no levantamento bibliográfico efetuado no presente trabalho, as instituições de ensino superior assumem um importante papel como promotoras do empreendedorismo junto da comunidade estudantil. Cabe a estas instituições levar a cabo diversas iniciativas e atividades que promovam o espírito empreendedor dos seus estudantes, para que estes se possam tornar mais empreendedores.

Perante um leque de várias possibilidades de iniciativas e atividades que poderiam ser levadas a cabo pela universidade para promover o empreendedorismo, junto dos estudantes, estes demonstraram ter um bom grau de concordância com todas as iniciativas apresentadas. No entanto, destaca-se a preferência por iniciativas como a possibilidade da universidade criar e promover o acesso a redes de contactos necessários para criar um negócio, a iniciativa da universidade colocar alunos empreendedores em contacto uns com os outros e a organização de seminários e conferências relacionadas com a temática do empreendedorismo.

Este ponto do trabalho reveste-se de especial interesse para as instituições de ensino superior, uma vez que os resultados aqui apresentados demonstram ser um bom instrumento de reflexão acerca de quais as políticas que as instituições deverão adotar, para incutir nos seus estudantes um espírito mais empreendedor e para os despertar, cada vez mais, para a importância do empreendedorismo, no seu percurso profissional e para o desenvolvimento da economia regional.

De um modo geral, os resultados obtidos no estudo empírico deste trabalho permitem concluir que os estudantes de ensino superior da Região Autónoma dos Açores apresentam um baixo nível de propensão empreendedora, bem como de familiaridade com o empreendedorismo. Tal facto revela a necessidade de um maior investimento, por parte das entidades competentes nesta matéria a nível regional, em políticas e programas que estimulem, cada vez mais, os estudantes e a sociedade em geral a serem mais empreendedores.

Uma sugestão de investigação futura seria a realização de um estudo que contemplasse o levantamento e a comparação do impacto de algumas políticas adotadas, em regiões semelhantes à Região Autónoma dos Açores, para consubstanciar a criação e aplicação de novas políticas de promoção do empreendedorismo junto dos estudantes, por parte das entidades competentes.

6. Referências Bibliográficas

Arzeni, S. e Pelegrin, J.P. (1997). Entrepreneurship and local development, The OECD Observer, pp. 27-29.

Audretsch, D. B., Hülsbeck, M., Lehmann (2011). Regional competitiveness, university spillovers and entrepreneurial activity, Small Business Economy, Springer Science and Business Media.

Audretsch, D.B, Keilbach, M. (2004). “Entrepreneurship capital and economic performance”. Regional Studies, 38/8, 949-959.

Audretsch, D.B. e Fritsch, M. (2002). Growth regimes over time and space, Regional Studies, 36, 113-124.

Audretsch, D.B. e Keilbach, M. (2004). Entrepreneurship capital: determinants and impact. Max Plank Institute for Research into Economic Systems Group and Public Policy. Discussion Papers on Entrepreneurship, Growth and Public Policy, 3704.

Barreto, C. (1998). Educação para o Empreendedorismo, Universidade Católica de Salvador, Salvador.

Bhidé, A. (2000). The Origin and Evolution of new Business, Oxford University Press, New York.

Bygrave, W.D (1993). Theory building in the entrepreneurship paradigm”, Journal of Business Venturing, 8, 255-280.

Bygrave, W.D., Hofer, C.W (1991). “Theorizing about entrepreneurship”, Entrepreneurship Theory and practice.

Camilo, M. (2005). *Propensão para o empreendedorismo em Portugal por parte dos alunos finalistas do ensino superior*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Gestão, Universidade dos Açores.

Carland, J. e Carland, J. (1988). “Who is the entrepreneur it the question worth asking”, *American Journal of Small Business*, 33-39.

Carland, J.W., Hoy, F., Boulton, W.R., Craland, J.A.C. (1984). Differentiating entrepreneurs from small business owners: a conceptualization. *Academy of Management. The Academy of Management Review*, 9/2, 354-359.

Carree, M.A., Thurik, A.R. (2002). The impact of entrepreneurship on economic growth. Em Z. Acs e D. Audretsch (eds). *International Handbook of entrepreneurship Research*.

Carson, D., Cromie, S., McGowan, P. e Hill, J. (1995). *Marketing and Entrepreneurship in SMEs*. Prentice Hall.

Carter, N.M., Gartner, B.W, Shaver, K.G. (2003). The career reasons of nascent entrepreneurs, *Journal of Business Venturing*, n.18, pp. 13-39.

Casero, J., Mogollón, R. H. e Raposo, M. L. B. (2004). “Estudiantes Universitarios y creación de empresas. Un análisis comparativo entre España y Portugal”, *Conocimiento, innovación y emprendedores: caminho al futuro*. 1338-1335.

Casson, M. (1990). *Entrepreneurship*. Edgar Elgar. Aldershot.

Cervantes, M. (1999). *Background Report: An Analysis of S&T Labour Market in OECD Countries*, Proceedings from the OECD Workshop on Science & technology Labour Markets, DSTI/STP/TIP (99)2/FINAL.

Chwee-Huat, T. (1987). "Book Reviews". *Journal of Small Business Management*; 25/3.

Clark, B., Davis, C., Harnish, V. (1984). "Do courses in Entrepreneurship aid in new venture creation?" – *Journal of Small Business Management*, Vol. 22.

Colombo, M. e Delmastro (2000). "New technology Based Firms in ICT Industries: A Policy Perspective", Conference on Enterprise Creation: Statistics and Indicators, 23-24 November 2000, France.

Cowling, M. e Taylor, M. (2001). "Entrepreneurial women and men: two different species?", *Small Business Economics*, 16/3, 167.

David, D., Roveda, M., Redivo, R., Colossi, F. e Franzoni, A. (2001). Aspectos pedagógicos no ensino do empreendedorismo, III Encontro Nacional de Empreendedorismo, Anais.

De, D. (2001). "Fostering entrepreneurship in Europe". Em A. Lundstrom e L. Stevenson (eds), *Swedish Foundation for Small Business Research*.

Dolabela, F. (1998). "O ensino de empreendedorismo no Brasil: uma metodologia revolucionária", IV Workshop de Capacitação e Acompanhamento do Génesis.

Dorse, D., Walter, S. G. (2011). Knowledge context and entrepreneurial intentions among students. *Small Business Economics*, Springer Science and Business Media.

Drucker, P. (1985). *Innovation and Entrepreneurship*, Pan Books Ltd. London.

European Union (2010). Directorate-General for Regional Policy, 2010, “Investing in Europe’s Future: Fifth report on economic, social and territorial cohesion”, Report from the Commission, Editor: Eric von Breska, European Commission.

Favareto, A. (2005). “Empreendedorismo e dinamização dos territórios de baixa densidade empresarial - uma abordagem sociológica e económica”. Revista Raízes, Campina Grande, Volume 24, nº 01 e 02, 32-44, Jan./Dez.

Fayolle, A. e Klandt, H. (2006). International Entrepreneurship Education – Issues and Newness. Edward Elgar, Cheltenham, United Kingdom.

Filion, L. (1991). “Visions and relations, clefs du succès de l’entrepreneur”. Les Editions de L’Entrepreneur, Montréal.

Filion, L. (1999). Empreendedorismo: Empreendedoras e Proprietários-gerentes de Pequenos Negócios. HEC. The University of Montreal Business School.

Fontes, M. (2002). Papel dos recursos humanos altamente qualificados na promoção da inovação tecnológica, Relatório para projeto Inovação Tecnológica e Emprego, INOFOR.

Fontes, M. (2003). A Criação de novas empresas por quadros altamente qualificados, Publicação do Seminário “Empreendedorismo e Inovação Tecnológica: Plataformas para o Desenvolvimento Regional” Universidade do Minho, 8-9 Maio de 2003.

Fontes, M. e Coombs, R. (2001). “Contribution of New Technology-based Firms to the Strengthening of Technological Capabilities in Intermediate Economies”, *Research Policy*, 30: 79-97.

Freese, J. e Long, J.S. (2006). “Regression Models for Categorical Dependent Variables Using Stata”, College Station: Stata Press.

Gartner, W.B. (1989). “Who is an entrepreneur?” Is the wrong question. *Entrepreneurship Theory and Practice*.

GEM (2011), *Global Report 2010*. The Global Entrepreneurship Monitor.

GEM (2011), *Projeto GEM Açores 2010*. The Global Entrepreneurship Monitor.

GEM (2011), *Projeto GEM Portugal 2010*. The Global Entrepreneurship Monitor.

Grebel, T., Pyka, A. e Hanush H. (2003). “An evolutionary approach to the theory of entrepreneurship”. *Industry and Innovation*, 10/4.

Greene, W. (2011), “*Econometric analysis*”, 7ª Edição, Prentice Hall.

Grilo, I. e Thurik, R. (2004). "Determinants of entrepreneurship in Europe," Research Paper ERS-2004-106-ORG, Erasmus Research Institute of Management (ERIM).

Grilo, I. e Thurik, R. (2008). "Determinants of entrepreneurial engagement levels in Europe and the US," *Industrial and Corporate Change*, Oxford University Press, vol. 17(6), pages 1113-1145, December.

Henrique, D. C., Cunha, S. K. (2008). Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, Vol. 9, nº 5, pp. 112-136.

Hisrich, R., Peters, M. e Shepard, D. (2005). *Entrepreneurship*. 6th Edition, McGraw-Hill.

Hisrich, R.D. (2000). Entrepreneurial dimensions: the relationship of individual, venture, and environmental factors to success. *Entrepreneurship Theory and Practice*.

Hun, B., Shao, J. e Palta, M. (2006). “Pseudo R2 in Logistic Regression Model”, *Statistica Sinica* 16(2006), 847-860.

Hytti, U., O’Gorman, C. (2004). “What is enterprise education”? An analysis of the objectives and methods of enterprise education programs in four European Countries. *Education +Training*, Vol. 46, nº1, pp.11-23.

IAPMEI (2008). Observatório da Criação de Empresas. Resultados do Inquérito 2007, Lisboa: IAPMEI.

Kalantaridis, C. (2004). *Understanding the entrepreneur – an institutionalist perspective*. Ashgate Publishing, Hampshire.

Kent, C., Sexton, D. e Vesper, K. (1982), “The psychology of the entrepreneur”. *Encyclopedia of Entrepreneurship*, Prentice-Hall, New Jersey.

Long, J.S (1997). “Regression Models for Categorical and Limited Dependent Variables”, Thousand Oaks: Sage Publications.

Luczkiw, G. (1997). *Global enterprise: creating and nurturing an entrepreneurial culture on the edge of existing structures*. The Institute for Enterprise Education. Ontario.

Mariotti, S. e Glackin, C. (2010). *Entrepreneurship*. 2º edição, Pearson Education, New Jersey.

Markman, G. D. e Baron, R. A. (2003). “Person – entrepreneurship fit: why some people are more successful as entrepreneurs than others”. *Human Resource Management Review*, 13, 281-301.

Moreira, J. e Silva, M. J. A. (2008). “Empreendedorismo tecnológico: métodos e técnicas de ensino”. *Universidade, Sociedade y Mercados Globales*, 627-637.

Mueller, S.L. e Thomas, A. A. (2000). Culture and entrepreneurial potential: a nine country study of locus of control and innovativeness. *Journal of Business Venturing*, 16, 51-75.

Noorderhaven, N., Turik, R., Wennekers, S. e van Stel, A. (2003). “Self employment across 15 european countries: the role dissatisfaction”. SCALES- paper N200223, Scientific Analysis of Entrepreneurship and SME, EIM.

Petrucci, C. (2009), “A Primer for Social Worker Researchers on How to Conduct a Multinomial Logistic Regression”, *Journal of Social Service Research*, 35:2,193-205.

Pinchot, G. (1989). *Intrapreneuring*. Editora Harbra, São Paulo.

Portela, J. (coord.) (2008), *Microempreendedorismo em Portugal. Experiências e perspectivas*, “POEFDS – Medida 4.2.2.1. – Estudos de Investigação Projeto nº 87/2006”, Lisboa: INSCOOP – Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo.

Praag, C.M van (1999). Some classic views on entrepreneurship. *The economist*, 147/3, 311-335.

Rees, H. e Shah, A. (1986). “An empirical analysis of self-employment in the U.K.”, *Journal of Applied Econometrics* (1986-1988), 1/1, 95-108.

Reynolds, P.D. (1991). *Sociology and Entrepreneurship: concepts and contributions*. Entrepreneurship Theory and practice.

Reynolds, P.D., Camp, S.M., Bygrave, W.D., Autio, E., Hay, M. (2001). “Global Entrepreneurship Monitor” London Business School e Babson College.

Reynolds, P.D., Maki, W. (1990). U.S. regional characteristics, new firms, and economic growth, Working paper, University of Warwick, UK.

Robinson, P., Hayes, M. (1991). “Entrepreneurship education in American’s major universities”, *Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol. 15, nº 3.

Rodrigues, R., Raposo, M., Ferreira, J. (2007). Propensão para a criação da própria empresa – proposta e teste de um modelo conceptual com recurso a equações estruturais. *Conocimiento, innovación y emprendedores: Camino al futuro*, Editores Universidad de la Rioja, Espanha, 1324-1337.

Ronstad, R. C. (1984). *Entrepreneurship*. Dover, MA, Lord Publishing.

Rosário, André E.M. (2007). Propensão ao Empreendedorismo dos Alunos finalistas da Universidade do Porto. Tese de Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico. Faculdade de Engenharia – Universidade do Porto, Porto.

Salgado-Banda, H. (2005), *Entrepreneurship and economic growth: an empirical analysis*. Publicado na conferência Dynamics, Economic Growth and International Trade Mexico City, Mexico, June 3-4.

Santos, F., Liñan, F. (2007). “Measuring entrepreneurial quality in southern Europe”, *International Entrepreneurship and Management Journal*, Vol.3, nº 1.

Sarkar, S. (2007), *Empreendedorismo e Inovação*, Escolar Editora, Lisboa.

Schumpeter, J.A. (1934). *The Theory of Economic Development*, Transaction Publisher (1993), London.

SEDES (2007). *Guia do Empreendedorismo*. Lisboa: SEDES.

Sexton, D., Upton, N. (1977). “Evaluation of an innovative approach to teaching entrepreneurship”, *Journal of Small Business Management*, Vol. 25, nº 1.

Solomon, G., Duffy, S., Tarabishy, A. (2002). “The state of entrepreneurship education in the United States: a nationwide survey and analysis”, *International Journal of Entrepreneurship Education*, Vol. 1, nº 1.

Storey, D.J. e Tether, B. (1998). “Public Policy Measures to Support New technology-Based Firms in the European Union”, *Research Policy*, 26: 947-971.

Tang, L., Koveos, P. (2004). Venture entrepreneurship, innovation entrepreneurship and economic growth, *Journal of Developmental Entrepreneurship*, nº9, pp. 161-171.

Tatto, F. R., Lagemann, M., Canever, M. D. (2008). O interesse em tornar-se empreendedor muda com o passar da experiência universitária?. *Conhecimento sem fronteiras – XVII Congresso de Iniciação Científica, X Encontro de Pós-Graduação*.

Teixeira, A. (2009). *Attitudes of higher education students to new venture creation: a preliminary approach to the portuguese case*. INESC Porto, Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Porto.

Thurik, R., Verheul, I., Grilo, I. e Bhola, R. (2006). "Explaining engagement levels of opportunity and necessity entrepreneurs", Scales Research Reports H200610, EIM Business and Policy Research.

Trigo, V.M. (2002). Entre o Estado e o Mercado: empreendedorismo num contexto de mudança. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (I.S.C.T.E.).

UCLA (2012). Multinomial Logistic Regression. UCLA: Academic Technology Services, Statistical Consulting Group. Em <http://www.ats.ucla.edu/stat/spss/output/mlogit.htm> (acedido a 23 de Outubro de 2012).

Ulijn, J., Fayolle, A., Groen, A. (2003). "European educational diversity in technology entrepreneurship: a dialogue about a culture or a knowledge management class?", Working Paper 03.12, Department of Technology Management, Technische Universities Eindhoven, Netherlands.

Upton, N., Sexton, D., Moore, C. (1995). "Have we made a difference? An examination of career activity of entrepreneurship majors since 1981", Entrepreneurship Research Conference 1995, Babson College, USA.

Van Stel, A., Caree, M., Thurik, M. (2005). The effect of entrepreneurial activity on national economic growth, *Small Business Economics*, 24(3), pp. 311-321.

Veall, Z. (1996). "Pseudo-R2 Measures for Some Common Limited Dependent Variable Models", Sonderforschungsbereich 386, Paper 18, Institut für Statistik der Ludwig-Maximilians-Universität München.

Veciana, J. (1998). "Proceso y problemas de la creación de una empresa", *Revista Económica de Cataluña*, nº 8, mayo-agosto.

Veciana, J. (2005). *La Creación de Empresas: un enfoque gerencial*. Colección Estudios Económicos, nº 33, España.

Venkataraman, S. (1997). The distinctive domain of entrepreneurship research: An editor's perspective. In J. Katz & R. Brockhaus (Eds.), *Advances in Entrepreneurship, firm, emergence, and growth*, Vol.3: 119-138. Greenwich, CT:JAI Press.

Verheul, I. e Thurik, R. (2001). "Start-up capital: "Does gender matter?"", *Small Business Economics*, 16/4, 329.

Verheul, I., Wennekers, S., Audretsch, D. e Thurik, R. (2001). "An eclectic theory of entrepreneurship". Tinbergen Institute Discussion Paper.

Virtanen, M. (1997). "The role of different theories in explaining entrepreneurship. Helsinki School of Economics and Business Administration", Small Business Center.

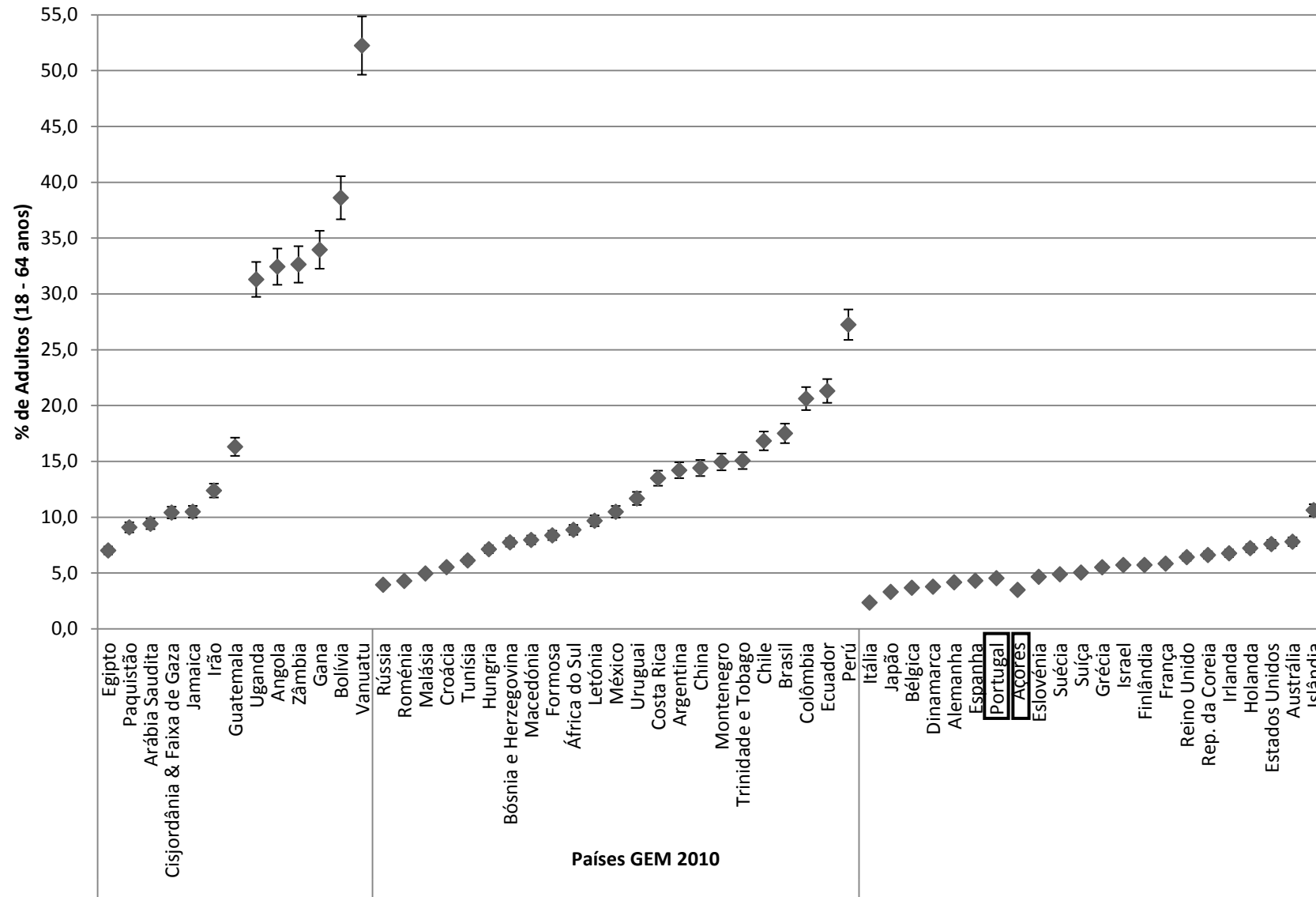
Wang, K. W., Wong, P. K. (2004). Entrepreneurial interest of university students in Singapore. *Technovation*, Vol. 24, pp. 163-172.

Wennekers, S. e Thurik, R. (1999). "Linking entrepreneurship and economic growth" *Small Business Economics*, 13, 27-55.

Wennekers, S., Van Stel, A., Reynolds, P. (2005). Nascent entrepreneurship and the level of economic development, *Small Business Economics*, 24 (3), pp. 293-309.

7. Anexos

Anexo 1. Taxa de Atividade Empreendedora *Early-Stage* (TEA)



Fonte: GEM Açores 2010

Anexo 2. Resultados do Modelo *Logit* Multinomial

		Já teve o seu próprio negócio? ^a	B	Sig.
Não e não tenho interesse em ter	Interceção		61,145	,978
	Sexo	Masculino	-1,203	,993
		Feminino	0 ^b	
	Ano de Frequência	1º ano	28,499	,986
		2º ano	42,391	,980
		3º ano	45,279	,978
		4º ano	0 ^b	
		Outra	0 ^b	
	Área científica do curso frequentado	Biologia	-18,753	,981
		Ciências da Educação	-54,229	,964
		Ciências Tecnológicas e do desenv.	-9,582	,984
		Economia e Gestão	-16,995	,962
		História e Ciências Sociais	-17,841	,953
		Línguas e Literatura	-39,576	,959
		Matemática	-33,460	,964
		Ciências Agrárias	-50,329	,929
		Ciências da Saúde	-50,339	,868
		Outra	0 ^b	
	Estatuto de estudante	Trabalhador estudante	-14,195	,936
		Estudante Ordinário	0 ^b	
	Atividades em associações e organizações	Sim	4,015	,990
		Não	0 ^b	
	Frequência em programa de mobilidade internacional para estudantes	Sim	6,665	,995
		Não	0 ^b	
	Familiar próximo empresário	Sim	-12,430	,944
		Não	0 ^b	
	Experiência profissional mais recente	Nenhuma	-29,185	,953
		Estágio	-29,445	,945
		Part-time	-40,174	,948
		Full-time, há menos de um ano	-35,423	,959
		Full-time, há mais de um ano	-20,905	,976
	Leitura de livros e artigos relacionados com empreendedorismo e inovação	Outra	0 ^b	
		Discordo totalmente	33,261	,959
		Discordo	39,166	,957
		Não concordo, nem discordo	53,553	,941
		Concordo	32,765	,968
	Participação em conferências sobre empreendedorismo e inovação	Concordo totalmente	0 ^b	
		Discordo totalmente	-2,051	,997
		Discordo	-13,057	,986
		Não concordo, nem discordo	-30,099	,950
Concordo		-16,070	,979	
Não se deve iniciar um negócio quando existe o risco dele falhar	Concordo totalmente	0 ^b		
	Discordo totalmente	-31,060	,939	
	Discordo	-11,676	,979	
	Não concordo, nem discordo	-29,025	,954	
	Concordo	-10,967	,983	
Idade (Reclassificada)	Concordo totalmente	0 ^b		
	18-24	33,766	,865	
	25-30	-7,134	,972	
	31+	0 ^b		
Expectativa média de curso prevista (Reclassificada)	<= 10	-40,979	,967	
	11 - 15	-30,105	,969	
	16+	0 ^b		

		Já teve o seu próprio negócio?^a	B	Sig.
Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa	Interceção		50,237	,984
	Sexo	Masculino	-1,163	,993
		Feminino	0 ^b	
	Ano de Frequência	1º ano	37,078	,985
		2º ano	52,766	,979
		3º ano	56,104	,978
		4º ano	0 ^b	
	Área científica do curso frequentado	Biologia	-20,770	,979
		Ciências da Educação	-53,482	,964
		Ciências Tecnológicas e do desenv.	-8,727	,986
		Economia e Gestão	-14,828	,967
		História e Ciências Sociais	-18,590	,951
		Línguas e Literatura	-39,630	,959
		Matemática	-32,918	,965
		Ciências Agrárias	-37,289	,941
		Ciências da Saúde	-51,370	,865
		Outra	0 ^b	
	Estatuto de estudante	Trabalhador estudante	-13,677	,938
		Estudante Ordinário	0 ^b	
	Atividades em associações e organizações	Sim	5,044	,987
		Não	0 ^b	
	Frequência em programa de mobilidade internacional para estudantes	Sim	17,957	,987
		Não	0 ^b	
	Familiar próximo empresário	Sim	-12,215	,944
		Não	0 ^b	
	Experiência profissional mais recente	Nenhuma	-29,632	,953
		Estágio	-29,786	,944
		Part-time	-38,991	,949
		Full-time, há menos de um ano	-35,840	,958
		Full-time, há mais de um ano	-19,714	,977
	Leitura de livros e artigos relacionados com empreendedorismo e inovação	Outra	0 ^b	
		Discordo totalmente	29,005	,964
		Discordo	35,445	,961
		Não concordo, nem discordo	49,347	,946
		Concordo	29,680	,971
	Participação em conferências sobre empreendedorismo e inovação	Concordo totalmente	0 ^b	
		Discordo totalmente	2,545	,997
		Discordo	-7,282	,992
		Não concordo, nem discordo	-23,901	,960
		Concordo	-1,010	,999
Não se deve iniciar um negócio quando existe o risco dele falhar	Concordo totalmente	0 ^b		
	Discordo totalmente	-31,922	,937	
	Discordo	-11,074	,980	
	Não concordo, nem discordo	-29,349	,953	
	Concordo	-10,540	,983	
Idade (Reclassificada)	Concordo totalmente	0 ^b		
	18-24	34,764	,861	
	25-30	-5,059	,980	
Expectativa média de curso prevista (Reclassificada)	31+	0 ^b		
	<= 10	-33,765	,972	
	11 - 15	-31,318	,968	
	16+	0 ^b		

		Já teve o seu próprio negócio?^a	B	Sig.
Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo	Interceção		31,739	,984
	Sexo	Masculino	-1,381	,992
		Feminino	0 ^b	
	Ano de Frequência	1º ano	37,878	,798
		2º ano	52,186	,876
		3º ano	58,088	
		4º ano	0 ^b	
	Área científica do curso frequentado	Biologia	-19,736	,980
		Ciências da Educação	-53,963	,964
		Ciências Tecnológicas e do desenv.	-8,421	,986
		Economia e Gestão	-14,977	,967
		História e Ciências Sociais	-18,071	,953
		Línguas e Literatura	-40,625	,958
		Matemática	-33,106	,965
		Ciências Agrárias	-49,042	,931
		Ciências da Saúde	-51,828	,864
		Outra	0 ^b	
	Estatuto de estudante	Trabalhador estudante	-11,621	,947
		Estudante Ordinário	0 ^b	
	Atividades em associações e organizações	Sim	4,248	,989
		Não	0 ^b	
	Frequência em programa de mobilidade internacional para estudantes	Sim	19,781	,985
		Não	0 ^b	
	Familiar próximo empresário	Sim	-12,163	,945
		Não	0 ^b	
	Experiência profissional mais recente	Nenhuma	-29,103	,953
		Estágio	-30,347	,943
		Part-time	-37,525	,951
		Full-time, há menos de um ano	-35,482	,958
		Full-time, há mais de um ano	-19,748	,977
		Outra	0 ^b	
	Leitura de livros e artigos relacionados com empreendedorismo e inovação	Discordo totalmente	35,599	,960
		Discordo	40,859	,958
		Não concordo, nem discordo	56,250	,943
		Concordo	35,707	,967
	Participação em conferências sobre empreendedorismo e inovação	Concordo totalmente	0 ^b	
		Discordo totalmente	11,517	,986
		Discordo	0,697	,999
		Não concordo, nem discordo	-14,716	,979
	Não se deve iniciar um negócio quando existe o risco dele falhar	Concordo	7,230	,991
		Concordo totalmente	0 ^b	
		Discordo totalmente	-31,964	,937
Discordo		-12,475	,977	
Idade (Reclassificada)	Não concordo, nem discordo	-29,047	,954	
	Concordo	-10,053	,984	
	Concordo totalmente	0 ^b		
	18-24	37,325	,851	
Expectativa média de curso prevista (Reclassificada)	25-30	-3,862	,985	
	31+	0 ^b		
	<= 10	-47,282	,962	
Expectativa média de curso prevista (Reclassificada)	11 - 15	-32,365	,967	
	16+	0 ^b		

		Já teve o seu próprio negócio?^a	B	Sig.
Estou presentemente a pensar nessa possibilidade	Interceção		28,386	,993
	Sexo	Masculino	-1,848	,989
		Feminino	0 ^b	
	Ano de Frequência	1º ano	23,354	,994
		2º ano	40,694	,989
		3º ano	42,376	,989
		4º ano	0 ^b	
		Área científica do curso frequentado	Biologia	-29,916
		Ciências da Educação	-54,215	,964
		Ciências Tecnológicas e do desenv.	-10,633	,983
		Economia e Gestão	-13,816	,969
		História e Ciências Sociais	-22,426	,941
		Línguas e Literatura	-39,472	,959
		Matemática	-31,979	,966
		Ciências Agrárias	-36,765	,941
		Ciências da Saúde	-51,991	,864
		Outra	0 ^b	
	Estatuto de estudante	Trabalhador estudante	-16,707	,924
		Estudante Ordinário	0 ^b	
	Atividades em associações e organizações	Sim	6,038	,984
		Não	0 ^b	
	Frequência em programa de mobilidade internacional para estudantes	Sim	15,460	,989
		Não	0 ^b	
	Familiar próximo empresário	Sim	-11,041	,950
		Não	0 ^b	
	Experiência profissional mais recente	Nenhuma	-18,102	,972
		Estágio	-19,418	,965
		Part-time	-27,928	,964
		Full-time, há menos de um ano	-23,348	,973
		Full-time, há mais de um ano	-6,341	,993
		Outra	0 ^b	
	Leitura de livros e artigos relacionados com empreendedorismo e inovação	Discordo totalmente	36,521	,958
		Discordo	45,726	,952
		Não concordo, nem discordo	59,460	,939
		Concordo	40,588	,962
		Concordo totalmente	0 ^b	
	Participação em conferências sobre empreendedorismo e inovação	Discordo totalmente	17,861	,979
		Discordo	4,712	,995
		Não concordo, nem discordo	-8,817	,988
		Concordo	13,430	,984
		Concordo totalmente	0 ^b	
	Não se deve iniciar um negócio quando existe o risco dele falhar	Discordo totalmente	-33,326	,935
Discordo		-11,451	,979	
Não concordo, nem discordo		-28,838	,954	
Concordo		-22,789	,965	
Concordo totalmente		0 ^b		
Idade (Reclassificada)	18-24	35,169	,860	
	25-30	-4,716	,981	
	31+	0 ^b		
Expectativa média de curso prevista (Reclassificada)	<= 10	-33,890	,972	
	11 - 15	-34,132	,965	
	16+	0 ^b		

		Já teve o seu próprio negócio? ^a	B	Sig.
Já dei alguns passos para criar um negócio		Interceção	64,990	,993
	Sexo	Masculino	-3,569	,983
		Feminino	0 ^b	
	Ano de Frequência	1º ano	-5,833	,999
		2º ano	-6,914	,999
		3º ano	26,187	,997
		4º ano	0 ^b	
	Área científica do curso frequentado	Biologia	-15,480	,986
		Ciências da Educação	-38,259	,975
		Ciências Tecnológicas e do desenv.	25,088	,964
		Economia e Gestão	2,758	,994
		História e Ciências Sociais	-14,070	,969
		Línguas e Literatura	-27,022	,973
		Matemática	-24,223	,976
		Ciências Agrárias	-20,695	,975
		Ciências da Saúde	-64,136	,935
		Outra	0 ^b	
	Estatuto de estudante	Trabalhador estudante	-18,231	,941
		Estudante Ordinário	0 ^b	
	Atividades em associações e organizações	Sim	19,659	,949
		Não	0 ^b	
	Frequência em programa de mobilidade internacional para estudantes	Sim	27,565	,982
		Não	0 ^b	
	Familiar próximo empresário	Sim	-13,982	,946
		Não	0 ^b	
	Experiência profissional mais recente	Nenhuma	-31,965	,953
		Estágio	-28,931	,950
		Part-time	-40,854	,950
		Full-time, há menos de um ano	-60,762	,939
		Full-time, há mais de um ano	-38,399	,957
		Outra	0 ^b	
		Discordo totalmente	40,800	,970
	Leitura de livros e artigos relacionados com empreendedorismo e inovação	Discordo	62,722	,957
		Não concordo, nem discordo	78,953	,946
		Concordo	59,702	,961
		Concordo totalmente	0 ^b	
	Participação em conferências sobre empreendedorismo e inovação	Discordo totalmente	-8,522	,991
		Discordo	-25,782	,979
		Não concordo, nem discordo	-38,758	,957
		Concordo	-30,028	,969
	Não se deve iniciar um negócio quando existe o risco dele falhar	Concordo totalmente	0 ^b	
		Discordo totalmente	-31,815	,942
Discordo		-22,487	,964	
Não concordo, nem discordo		-31,181	,954	
Idade (Reclassificada)	Concordo	-25,072	,964	
	Concordo totalmente	0 ^b		
	18-24	10,646	,969	
	25-30	-6,083	,980	
Expectativa média de curso prevista (Reclassificada)	31+	0 ^b		
	<= 10	-33,381	,974	
	11 - 15	-32,534	,968	
		16+	0 ^b	

a. A categoria de referência é: Sim, já criei empresa(s).

b. O parâmetro fixa 0 porque este é redundante.

Anexo 3. Inquérito à Propensão Empreendedora dos Estudantes de Ensino Superior da
Região Autónoma dos Açores



INQUÉRITO À PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO
SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

**PROPENSÃO AO EMPREENDEDORISMO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**

Caro colaborador,

O presente inquérito é parte integrante de um trabalho de dissertação no âmbito do Mestrado em Gestão de Empresas (MBA) da Universidade dos Açores, cujo objectivo é identificar e analisar a atitude empreendedora dos estudantes do Ensino Superior da Região Autónoma dos Açores.

Este inquérito contém 35 questões de fácil resposta, e com um tempo de preenchimento de, aproximadamente, 15 minutos.

O inquérito é anónimo e todas as informações neste recolhidas serão tratadas estatisticamente e em conjunto, o que tornará impossível a identificação pessoal dos respectivos inquiridos.

Desta forma, solicitamos a gentileza de responder ao presente inquérito seguindo as instruções contidas ao longo do mesmo.

Agradeço desde já a sua colaboração para o desenvolvimento deste trabalho de investigação.

Atenciosamente,

Nélia Cavaco Branco

Mestranda em Gestão de Empresas (MBA)



INQUÉRITO À PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

1. Idade: anos

2. Sexo:

Masculino

Feminino

3. Ano em que entrou na Universidade:

4. Qual o Pólo da Universidade dos Açores que frequenta?

Ponta Delgada

Angra do Heroísmo

Horta

5. Se é estudante da Escola Superior de Enfermagem qual dos Pólos frequenta?

Ponta Delgada

Angra do Heroísmo

6. Qual o grau de estudos que está a frequentar?

Licenciatura

Pós-graduação

Mestrado

Doutoramento

7. Qual o ano que está a frequentar?

8. Qual a área científica do curso que frequenta?

Biologia

Ciências da Educação

Ciências Tecnológicas e do Desenvolvimento

Economia e Gestão

Geociências

História e Ciências Sociais

Línguas e literatura

Matemática

Ciências Agrárias

Oceanografia e Pescas

Ciências da Saúde

Outro



INQUÉRITO À PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

9. Qual o seu estatuto de estudante?

- Trabalhador Estudante
 Estudante Ordinário

10. Qual a sua expectativa em relação à média de curso prevista?

Valores

11. Já desempenhou alguma actividade em associações/organizações da sua universidade ou da sociedade civil em geral?

Sim Não

12. Já frequentou ou frequenta algum programa de mobilidade internacional de estudantes (e.g., Erasmus)?

Sim Não

13. Tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário?

Sim Não

14. A sua experiência profissional mais recente:

- Nenhuma
 Estágio
 Part-time
 Full-time, há menos de um ano
 Full-time, há mais de um ano
 Outra (especifique)

Outra (especifique):

15. Indique o seu grau de concordância em relação às seguintes afirmações: “Entende-se que o Empreendedorismo...
(1- Discordo totalmente... 5- Concordo totalmente)

	1	2	3	4	5
a) Contribui para a criação e o crescimento do emprego.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) É crucial para a competitividade de uma economia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Revela o potencial do indivíduo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Responde a interesses societários.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Contribui para o aumento da riqueza da população.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Contribui para a inovação e progresso tecnológico de uma economia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



INQUÉRITO À PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

16. Indique o seu grau de concordância em relação às seguintes afirmações: "Um empreendedor é alguém que..."

(1- Discordo totalmente... 5- Concordo totalmente)

	1	2	3	4	5
a) Tem um quociente de inteligência elevado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Tem uma ideia radicalmente nova para a criação de um novo negócio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Tem a capacidade de perceber o potencial de uma ideia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Possui o seu próprio capital.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Está disposto a actuar dentro das normas vigentes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Está disposto a trabalhar com base nos recursos de que dispõe no presente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Tem paixão, entusiasmo, iniciativa e persistência.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Considera os interesses da sociedade na sua tomada de decisão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Está disposto a correr grandes riscos por causa de uma nova ideia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) É uma pessoa respeitável.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

17. Quando ouve a palavra "empreendedor", qual é a pessoa/empresário (a) que a associa? (Indique o nome; se não se lembrar/conhecer, por favor coloque NC)

18. Quando ouve a palavra "empreendedorismo", qual é a empresa a que a associa? (Indique o nome; se não se lembrar/conhecer, por favor coloque NC)

19. Já alguma vez teve o seu próprio negócio? (Escolha uma opção)

Não e não tenho qualquer interesse em ter.

Não, mas consigo imaginar-me a criar a minha própria empresa.

Não, mas tenho uma ideia que poderia dar certo.

Estou presentemente a pensar nessa possibilidade.

Já dei alguns passos para criar um negócio.

Sim, já criei empresa (s)

Quantas?

20. Por favor, indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações.

(1- Discordo totalmente... 5- Concordo totalmente)

a) Conheço as técnicas para identificar o que o mercado quer.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

b) Compreendo o tipo de questões que se colocam no momento de criação de empresa.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

c) Consigo criar um plano de negócios e um conceito de negócio.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

d) Sei como financiar legalmente um novo conceito de negócio.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------



INQUÉRITO À PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

21. Na sua opinião, quais são as hipóteses (0-100%) para criar um negócio bem sucedido (isto é, com um tempo de sobrevivência superior a 5 anos)?

%

22. Na sua opinião, em média, com que idade um empreendedor cria o seu próprio negócio?

anos

23. Na sua opinião, qual é a percentagem de empreendedores que pertence:

Ao sexo masculino: %

Ao sexo feminino: %

24. Na sua opinião, qual é o volume de capital que o empreendedor, em média, necessita para criar o seu próprio negócio? (Escolha uma opção)

<5000€

5000€ - 10000€

10000€ - 50000€

50000€ - 100000€

100000€ - 500000€

> 500000€

25. Por favor, indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações:

(1- Discordo totalmente... 5- Concordo totalmente)

a) Leio regularmente livros/artigos sobre empreendedorismo e inovação.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

b) Participo regularmente em conferências sobre empreendedorismo e/ou inovação.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

c) Na adolescência, trabalhei por conta própria (ex: distribuir jornais, babysitting, etc.)

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

d) Tenho trabalhado como freelancer e estou a trabalhar por conta própria.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

e) Segui de perto ou ajudei familiares que criaram o seu próprio negócio.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

f) Segui de perto ou ajudei amigos ou conhecidos que criaram o seu próprio negócio.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

g) Um ou mais do que um dos negócios mencionados nas alíneas e) e f) acabaram por falir.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

h) Não se deveria começar um negócio quando existe o risco de ele falhar.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------



INQUÉRITO À PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

26. Durante os seus estudos, quão interessado se revela sobre os seguintes tópicos?

(1-Desinteressado... 5- Extremamente interessado)

	1	2	3	4	5
a) Criar um novo negócio a partir de uma ideia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Empreendedorismo utilizando a investigação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Empreendedorismo dentro de uma empresa já existente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

27. Imagine que poderia optar entre ser trabalhador por conta de outrem ou ter o seu próprio negócio.

(1- Discordo totalmente... 5- Concordo totalmente)

(I) Porque preferia ser trabalhador por conta de outrem a ter o seu próprio negócio?

	1	2	3	4	5
a) Ser trabalhador por conta de outrem é a opção mais indicada para o futuro profissional.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Por uma questão de segurança/estabilidade profissional e salarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Pela segurança social e/ ou outro tipo de seguros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Não é tão arriscado como ter um emprego por conta própria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Há uma sobrecarga de trabalho quando se tem um emprego por conta própria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Por questões de burocracia/ barreiras administrativas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Por falta de uma ideia empreendedora.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Por falta de financiamento para criar o meu próprio emprego.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Pela severidade e/ ou irreversibilidade da decisão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) Pela falta de conhecimento e/ ou familiaridade relativamente ao auto-emprego.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
k) Por ter colegas de trabalho. No emprego por conta própria estamos muito sós.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

(II) Porque preferia ter o seu próprio negócio a ser trabalhador por conta de outrem?

	1	2	3	4	5
a) Independência pessoal/ posso gerir o meu tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) A minha família e os meus amigos trabalham por conta própria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Tenho uma ideia que pode constituir uma oportunidade de negócio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) É algo perfeitamente normal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Não é necessária a adaptação a um ambiente de trabalho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) É um trabalho mais interessante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Possibilidade de realização pessoal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) É mais prestigiante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Melhores perspectivas de remuneração.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) Falta de oportunidades atractivas de emprego.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



INQUÉRITO À PROPENSÃO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

k) Evitam-se algumas incertezas relacionadas com o trabalho por conta de outrem.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

l) Ter o meu próprio negócio é a opção mais adequada para a minha profissão.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

28. Suponha que poderia escolher entre diferentes tipos de emprego, qual preferia?

- Exclusivamente por conta de outrem (TCO)
- Exclusivamente trabalhador por conta própria (TCP)
- Combinar TCO e TCP

29. Se hoje pensasse em desenvolver o seu próprio negócio o que preferiria?

- Iniciar um negócio novo
- Investir num negócio já existente

30. Em que sector de actividade e preferia iniciar um novo negócio?

- Sector Primário (e.g. agricultura, pecuária, pesca)
- Sector Secundário (e.g. construção civil, industria)
- Sector Terciário (e.g. Comercialização de produtos, prestação de serviços)

31. Quais os aspectos que lhe suscitam maiores receios quando falamos em desenvolver o seu próprio negócio?

(1-Nenhum receio... 5- Muito receio)

a) Incerteza da remuneração.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

b) Instabilidade do emprego.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

c) A possibilidade de falhar pessoalmente.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

d) A necessidade de investir muito tempo e energia no projecto.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

e) A possibilidade de falir.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

32. Sobre a dificuldade de iniciar um negócio, qual o se grau de concordância com as afirmações:

(1- Discordo totalmente... 5- Concordo totalmente)

a) Falta de apoio financeiro.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

b) O processo administrativo é muito complexo.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

c) Pouca informação de como o fazer.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

d) Falta de competências na área de gestão.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

e) Falta de ideias inovadoras.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------



INQUÉRITO À PROPENSAO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

f) Falta de apoio institucional para o fazer.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

g) Grande risco de falhar.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

h) O clima económico actual não é favorável à criação do próprio negócio.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

33. Na sua perspectiva, qual o grau de importância dos seguintes factores no sucesso de uma nova empresa.

(1-Nada importante... 5- Muito importante)

a) A personalidade do gestor/ empreendedor.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

b) A qualidade da equipa de gestão.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

c) A qualidade da equipa técnica.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

d) Existência de apoios financeiros.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

e) O contexto económico.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

f) O contexto político.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

g) As parcerias externas.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

34. O meu interesse na criação do meu próprio negócio poderia ser estimulado se a Universidade:

(1- Discordo totalmente... 5- Concordo totalmente)

a) Consciencializasse mais sobre o empreendedorismo como uma possível opção de carreira.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

b) Fornecesse aos alunos ideias para criarem os seus próprios negócios.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

c) Disponibilizasse licenciaturas ou mestrados em empreendedorismo.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

d) Disponibilizasse projectos de trabalho em empreendedorismo.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

e) Organizasse conferências/ Workshops sobre empreendedorismo.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

f) Aproximasse os alunos das redes de contacto necessárias para se começar um negócio.

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



INQUÉRITO À PROPENSAO EMPREENDEDORA DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

g) Permitisse a utilização das suas instalações por parte de empresas dirigidas por alunos (Júnior Empresa, Incubadora de Empresas).

1 **2** **3** **4** **5**

h) Dotasse os alunos dos meios financeiros necessários para se começar um novo negócio.

1 **2** **3** **4** **5**

i) Colocasse os alunos empreendedores em contacto uns com os outros.

1 **2** **3** **4** **5**

35. Qual dos seguintes empresários/ gestores reconhece como sendo empreendedores de referência para a Região Autónoma dos Açores? (Indique apenas três)

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Albano Vieira (Albano Vieira, SA.) | <input type="checkbox"/> Joe Berardo (Fábrica de Tabaco Estrela) |
| <input type="checkbox"/> Antero Rego (Grupo Ilha Verde) | <input type="checkbox"/> Jorge Costa Leite (Insulac) |
| <input type="checkbox"/> António Casanova (A. R. Casanova - Construção Civil,Lda) | <input type="checkbox"/> José Brás (Finançor - Agro-alimentar, S.A) |
| <input type="checkbox"/> António Mineiro (António Mineiro & Andrade, Lda) | <input type="checkbox"/> José de Almeida (Almeida & Azevedo, S. A.) |
| <input type="checkbox"/> Augusto Cymbron (A. C. Cymbron, S. A.) | <input type="checkbox"/> José Manuel Melo (A Granja) |
| <input type="checkbox"/> Belmiro de Azevedo (C.C. Parque Atlântico) | <input type="checkbox"/> José Paiva (Varela & CA.) |
| <input type="checkbox"/> Camilo Moniz (ZON Açores) | <input type="checkbox"/> Luís Mendonça (Carlos Soares de Mendonça e CA., Lda) |
| <input type="checkbox"/> Carlos Silva (Restaurante "O Silva") | <input type="checkbox"/> Luís Vasconcelos (Sodril - Representações Insulares, Lda) |
| <input type="checkbox"/> Feliciano Soares (Grupo Ciprotur) | <input type="checkbox"/> Mário Fortuna (Fábrica de Tabaco Micaelense) |
| <input type="checkbox"/> Francisco Barcelos (AçorCarnes) | <input type="checkbox"/> Primitivo Marques (Grupo Marques) |
| <input type="checkbox"/> Francisco Fidalgo (Cimentaçor - Cimentos dos Açores) | <input type="checkbox"/> Raúl da Rocha Paím (Grupo Paím) |
| <input type="checkbox"/> Gil Mineiro (M. Gil & Oliveira, Lda) | <input type="checkbox"/> Roberto Couto (Couto & Couto) |
| <input type="checkbox"/> Humberto Amaral (Frutaria S. Miguel) | <input type="checkbox"/> Rui Câmara (Auto Açoreana de Rui & Gastão) |
| <input type="checkbox"/> Humberto Pavão (Hotel Canadiano) | <input type="checkbox"/> Tomás Mesquita (Repraçores) |
| <input type="checkbox"/> Joaquim Bensaúde (Grupo Bensaúde) | <input type="checkbox"/> Walter Oliveira da Ponte (Grupo WOP) |